

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL –**  
**PPGEA**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**KARINE FERREIRA SANCHEZ**

**A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA UMA  
COMPREENSÃO ÉTICA DA RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUOS  
HUMANOS E CÃES: INFERÊNCIAS TEÓRICAS A PARTIR DE  
UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE-RS**

**RIO GRANDE, RS**  
**MARÇO DE 2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL –**  
**PPGEA**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**KARINE FERREIRA SANCHEZ**

**A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA UMA**  
**COMPREENSÃO ÉTICA DA RELAÇÃO ENTRE INDIVÍDUOS HUMANOS E**  
**CÃES: INFERÊNCIAS TEÓRICAS A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO NO**  
**MUNICÍPIO DE RIO GRANDE-RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – PPGEA - da Universidade Federal do Rio Grande – FURG - como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Linha de Pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental - FEA

Orientador: Prof. Dr. Humberto Calloni

Rio Grande, RS

Março de 2013

## **DEDICATÓRIA**

A todos aqueles que já experimentaram o horror e a agonia de ver um animal em condições deploráveis de vida...

A todos aqueles que já experimentaram ou experimentarão a profunda alegria de amar um cão.

À Hanna.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Zoraia Ferreira, pelo apoio infinito, suporte de todas as maneiras, pela consideração, afeto, companhia, tolerância e confiança depositadas, por cuidar com tanta estima de nós, da casa, da Hanna, da Velma, e de tudo e todos que passam por sua vida. Pela colaboração nos *abstracts* e consultas de Português, por ser um exemplo, pelo amor, por existir, por ser minha mãe.

Ao meu pai, Jeferson Sanchez, por ter nascido alguém que ama os animais, por me fazer crescer valorizando-os, por me ensinar, quase sem querer, a amar os cães, e conhecer sobre seus comportamentos e sentimentos. Pelo orgulho que tem, ou possa vir a ter, de mim, pela preocupação, pelas caronas, pela corujisse acadêmica, por voltar a ser um acadêmico, pelo amor, por existir, por ser meu pai.

À minha irmã Érika Sanchez, por compartilhar comigo quase tudo nesta vida, incluindo um profundo respeito aos animais desde sempre. Pela sua admiração e apego aos cães, pelas ajudas de última hora, pelos olhares de apoio e carinho, e por me fazer querer ser uma pessoa melhor, pelo amor, por existir, por ser minha irmã.

Ao meu grande amor, Ottoni de Leon, pelo carinho incondicional, paciência, constância, equilíbrio, pelo estímulo diário, elogios à minha pessoa e meu trabalho, pelas contribuições “cachorrísticas”, pela cumplicidade e companheirismo, pelo respeito que tem aos animais, pelas divagações éticas empíricas, pelo brilhantismo de seu trabalho que me inspira, por ser amável todos os dias e em todos os sentidos, pelo seu amor, pleno como sua pessoa, por existir comigo.

Às minhas avós Enilda Teixeira e Janini Martins, por seu carinho maternal, que me protege, pelas suas experiências de vida, pelo respeito à minha pessoa, por valorizarem meus estudos. E meus avôs Jorge Ferreira (*in memoriam*) e Mário Sanchez (*in memoriam*) que, trabalhadores explorados dentro do processo capitalista, sempre transcenderam sua inteligência, e sempre incentivaram a intelectualidade nos seus descendentes, procurando e conseguindo perpetuar uma família que valorizou os estudos, que tem subsídios e esclarecimento.

À minha orientadora Virginia Machado, que fez comigo metade deste caminho, exemplo de vida e superação, pela dedicação presencial durante o tempo em que fui sua orientanda, pelos *insights*, pela sua espiritualidade artística, sua inteligência e pela sua humanidade;

Ao meu orientador Humberto Calloni, pelos seus braços abertos, sua docilidade, sua vasta compreensão, sua natureza filosófica inspiradora, sua elegância para com a vida, e pela direção que procurou dar um final mais coerente e complexo ao meu trabalho.

À minha grande amiga Dayse Vilas Boas, que conheci nesta trajetória e que desfez, por completo, minha teoria de que, depois de adultos, não fazemos mais grandes amizades. Por compartilhar comigo neste mestrado, desde a sala de aula, reuniões de orientação, cafés, trabalhos, à vida privada. Pelos seus risos, suas cartas, sua presença, seus gestos de carinho, suas “ajudas informáticas”, seu “nunca-esquecimento” de ninguém.

Às protetoras Vanilda Pintos e Milene Baldez, que fazem de suas vidas exemplos superiores ao altruímo prático que prego em meu trabalho. Agradeço muito a colaboração essencial nesta pesquisa, e agradeço ao destino, por ter me aproximado delas. Os grupos Amigo Bicho, e Vira-Latas e Corações são um exemplo de solidariedade e respeito nesta cidade.

Ao amigo, do tempo dos dentes de leite, Daniel Baz, que, após 21 anos e duas escolas, continua iluminando meus pesadelos e tornando-os sono revigorante. À parte, uma grande amizade pessoal, que sempre me fez muito feliz, me ajudou com Matemática, Física e Química, agora me ajuda nas exaustivas revisões de meus textos. Agradeço pela suprema paciência, inteligência e dedicação.

Ao professor Alfredo Martin, por apresentar-me logo o sentido da Educação Ambiental verdadeira, pelas saídas de campo, pelas aulas geniais, e por, tão sutilmente, me ajudar a perceber como dialogar com os ritmos e valores da vida, através de filosofias possíveis. Agradeço também por ter concordado, apesar da agenda lotada, em participar de minha Banca.

Aos amigos do PPGEA, em especial, Washington Ferreira, que muito me ensinou e ajudou, sendo um modelo de pesquisador e intelectual, por saber extrair da Academia o que ela tem de melhor. Também Yoisell Bestard e Carolina Cavalcanti, que compartilharam comigo grandes experiências de vida, e me ensinaram o valor do conceito “coletivo”. Igualmente a Milagros e Eligio Bestard, envio minha gratidão por colaborar tanto no subsídio material, sentimental e enérgico da minha visita ao seu país.

Aos pares que encontrei na FURG: Priscila Reis e Claudio Tarouco, por compartilharem comigo dos ideais antiespecistas, por terem me ensinado tanto, pela

honra de ter convivido com eles. Agradeço também por levarem às suas pesquisas a preocupação tão nobre e tão pouco trabalhada na Academia.

Ao professor Gomercindo Guiggi, por, tão prontamente, atender ao meu apelo para colaborar na Defesa.

Ao amigo André Motta, por ser um anjo em minha família, aparecendo nas horas mais alegres e também nas mais difíceis, e que no último ano ajudou-me a ficar mais tranquila e sentir-me menos sozinha em relação a alguns problemas que me inquietavam.

À Martha e Marco Gottinari, por abrirem as portas de seu paraíso real, o Templo das Águas, por três dias que foram determinantes para começar a finalizar este texto. Lá encontrei o sossego e a ternura ímpar de Martha, além de uma atmosfera que ajuda a dar sentido à vida.

Ao Prefeito Municipal, Alexandre Lindenmeyer, por tão prontamente atender minha necessidade de entrevista, e fazê-lo com atenção e prioridade, dentro de suas possibilidades.

Aos funcionários da FURG, que tornam possível nossas atividades, burocraticamente e ambientalmente, e que tão pouco são lembrados. Em especial, agradeço ao Gilmar Conceição, pela sua calma, constante gentileza e esclarecimentos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pelo fundamental apoio financeiro prestado neste período tão importante de minha carreira.

E, finalmente, agradeço a todos aqueles que negam ou excluem a temática que trago, àqueles que porventura tenham considerado meu trabalho uma digressão acadêmica, uma desventura, um tema de pouca importância. Porque deles, vejo saltar uma necessidade de, cada vez mais, estudar o animal como um sujeito de direitos, tentar trazer à tona não uma ética moderna, mas permanentemente óbvia. Agradeço, porque hoje não vejo mais sentido na vida de quem não vê sentido na Vida.

E, se eles pudessem compreender gratidão tão abstrata, agradeceria aos cães, por nada entenderem desta pilha de papel, mas por nos terem adotado, cativado, por serem incondicionais, por fazermos parte de sua matilha, e por terem inspirado esta pesquisa que, transcendendo o cão abandonado, compreendeu melhor, em relação a tudo que está vivo, o amor, o respeito e a própria vida.



*Devemos lutar contra o espírito inconsciente de crueldade com que tratamos os animais. Os animais sofrem tanto quanto nós. A verdadeira humanidade não nos permite impor tal sofrimento a eles. É nosso dever fazer com que o mundo inteiro o reconheça. Até que extendamos nosso círculo de compaixão a todos os seres vivos, a humanidade não encontrará a paz.*

*Dr. Albert Schweitzer*

## RESUMO

A presente pesquisa teve como problemática o cão abandonado, e fez a relação entre esta situação e os processos humanos e culturais que perpassam o problema. A questão central da pesquisa é: Como compreender a relação dos humanos com os cães, e como a Educação Ambiental pode contribuir para a construção da reflexão sobre o tema e a conseqüente mudança de postura dos humanos para com estes animais em seu convívio social? O foco da pesquisa é a ética entendida como ética da vida a partir de autores como Morin, Singer e Brugger. O objetivo da pesquisa é contribuir para a construção de uma nova mentalidade; fazer perceber uma ética que não está clara, e buscar compreender os processos que afastem os humanos desta mentalidade. Sendo assim, a fundamentação teórica concentra-se em estudos sobre a ética, a domesticação e o antropocentrismo. Justifico este trabalho por tratar de uma situação degradante para com a vida deste animal, por seu valor intrínseco, e por ser um animal que, em minha opinião, acompanhou e refletiu a própria história da humanidade. A metodologia utilizada foi o Estudo de Caso, aplicado na cidade de Rio Grande, entre 2011 e 2013, e contou com entrevistas com grupos de proteção animal, e com o atual prefeito municipal. Como ferramenta metodológica, para a realização da pesquisa e do texto, utilizei a Mandala Reflexiva, da Prof. Dra. Virginia Machado, que é uma configuração de abordagem pedagógica e epistemológica do processo de investigação. A interação da pesquisa, além do resultado da atividade com alunos jovens e adultos da 8ª série do PROMEJA de uma escola municipal, envolveu a proposta da produção de vídeos amadores de sensibilização sobre o tema, para ser aplicada em escolas ou em quaisquer tipos de projetos com interessados sobre o tema, a fim de difundir a questão a partir da experiência ético-estética. O resultado prático é o registro de uma nova expectativa em relação à resolução do problema dos cães abandonados nesta cidade. Filosoficamente, chegou-se a uma reflexão complexa sobre o ser humano e suas ações no planeta, que indicam que, quanto mais formos capazes de pensar no todo, e substituir o egoísmo por uma dosagem de altruísmo e de ética, mais sentido terá a nossa própria vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** cães, seres humanos, domesticação, ética, educação ambiental.

## **ABSTRACT**

This research focuses on the problem of the abandoned dogs and make a relation between this situation and the human process which involves this issue. The central question of the research is: How to comprehend the relation between human being and the dogs, and how the environmental education can contribute with the construction of a reflection about the theme and a consequent change of posture of humans in contact with these animals? The objective this study is to contribute for building a new mentality; create a ethic that is no clear, and understand the process that deviate humans from this mentality. Thus, the theoretical basis concentrates on studies about ethic, domestication and anthropocentrism. This work is justified because it treats a degrading situation for this animal life, for this intrinsic value, and because this animal follows and reflects human history. The utilized methodology was the case study, applied in the city of Rio Grande, among 2011 and 2013. It involves interviews with animal protection groups and with the municipal mayor. The methodological tool utilized in this text and research was the Virginia Machado's "Mandala Reflexiva" which is a configuration of epistemological and pedagogical approach of the research process. The interaction of this research, besides the result of the activity with young students and adults from "Promeja" (situated in a public school), involved the production of amateur videos, used for audience sensibilization. It was produced to be applied in schools or in any types of projects with people interested in the theme, in order to disseminate the question, through the ethic-esthetic experience. The practice result is the register of a new expectation in relation to the resolution of the problem of abandoned dogs in this city. Philosophically, a complex reflection about the human being and your actions in the planet was developed. Its conclusion indicates the following: as more capable in think abroad, and in substituting the egoism for altruism and ethic, more sense our life will be.

**KEYWORDS:** dogs, human being, domestication, ethic, environmental education

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Mulher natufiana e cachorro de 10.000 a.C. ....	56
FIGURA 2: Cachorro mumificado com cerca de mil anos no México .....	57
FIGURA 3: Caramelo, retratada na porta do Pronto Socorro de Cabo Frio/RJ .....	58
FIGURA 4 - O verdadeiro Hachiko, originário de história e filmes .....	60
FIGURA 5 - Estátua de Bronze, em homenagem ao cão Hachiko, erguida na década de trinta, no local exato onde ele esperava seu dono .....	60
FIGURA 6 - Mandala Reflexiva .....	107

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	14
<b>Problema, objetivos, justificativa e apresentação do texto</b> .....	24
<b>1. O problema em Rio Grande</b> .....	31
1.1 Sujeitos, espaço-tempo .....	31
1.2 Panorama dos grupos de proteção – a partir de entrevistas concedidas no decorrer de 2011 .....	34
1.3 Posicionamento político atual .....	38
1.3.1 Exemplo de fora para dentro – Secretaria Especial de Direitos Animais, de Porto Alegre – uma emergência positiva.....	38
1.3.2 Política Nova em Rio Grande – O Prefeito em diálogo com a militância – perspectivas renovadas para os cães abandonados.....	39
1.4 Estimativas de população canina .....	42
<b>2. Problematização - Ideias prévias, conexões, legislação e filosofias – Educação Ambiental, Ética e Antropocentrismo</b> .....	45
2.1 Alguns conceitos-chave: Educação Ambiental e legislação .....	48
2.1.1 Complexidade e Justificativa .....	52
2.2 Interdependência, novos elementos na matilha e domesticação: a condição canina.....	53
2.3 Os primeiros laços de cumplicidade: o uso, a afeição e a condição humana.....	61
2.3.1 O ser humano na lógica infundada da atualidade .....	64
2.3.2 Uma experiência reveladora .....	67
2.4 Ética e antropocentrismo: a cultura ocidental estabelecida entre homens e animais.....	68
2.4.1 Primórdios do antropocentrismo – aparato histórico a partir de Keith Thomas e jurídico a partir de Herón José de Santana Gordilho.....	69
2.4.2 Ética – Relações com o Outro .....	78

2.5 Nós e nossos animais de estimação – reflexões a partir do entendimento de Paula Brugger .....	96
<b>3. Metodologia .....</b>	<b>102</b>
3.1 Um estudo de caso em Rio Grande .....	104
3.2 A mandala reflexiva como procedimento metodológico da pesquisa .....	106
<b>4. Interações e resoluções .....</b>	<b>112</b>
4.1 Cinema e Sensibilização – Educação? .....	114
<b>Considerações finais .....</b>	<b>121</b>
<b>Referências .....</b>	<b>126</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>128</b>
Anexo A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	128
Anexo B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	129
Anexo C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	130
<b>Apêndices .....</b>	<b>131</b>
Apêndice 1: Interações Ético-Estéticas paralelas à pesquisa. Instalação Laços de Domínio, Laços de Amor.....	131
Apêndice 2: Interações Ético-Estéticas paralelas à pesquisa: Mostra Fotográfica LUZ HOMEM CÃO.....	133

## INTRODUÇÃO

*No momento, nosso mundo de humanos é baseado no sofrimento e na destruição de milhões de não humanos. Aperceber-se disso e fazer algo para mudar essa situação por meios pessoais e públicos, requer uma mudança de percepção, equivalente a uma conversão religiosa. Nada poderá jamais ser visto da mesma maneira, pois uma vez reconhecido o terror e a dor de outras espécies, você irá, a menos que resista à conversão, ter consciência das permutações de sofrimento interminável, em que se apoia a nossa sociedade.*

*Arthur Conan Doyle*

Este trabalho tem, como guia, a educação ambiental, que acredita no potencial humano e preza o respeito entre espécies vivas. O ambiente aqui definido é qualquer espaço onde há vida e relação entre vidas, inclusive aquelas que, interagindo, afetam e transformam umas às outras.

Esta pesquisa tem, como foco, o homem e sua relação com os animais, em especial, com os cães. Pretende-se entender quando, como e por que a relação entre os homens e os ancestrais dos cães teve início. Além disto, e mais instigante ainda, busca-se entender o que aconteceu neste meio tempo para que presenciemos muitas situações de abandono e maus tratos, em contraponto ao fato de que as pessoas cada vez mais adquirem animais domésticos. Enfim, como entender o fato de que muitos destes animais estão desprovidos de salvaguarda humana no nosso meio social? Como o homem está sendo capaz de abandonar seu “melhor amigo”? De onde vem essa ideia de descarte, desconsiderando que este animal é, como todos os outros, uma espécie viva, mas, além disso, criada e conservada pela humanidade, e mantida por sua capacidade de aproximação, afeto etc. Que fatores culturais, sentimentais e psicológicos levaram a esta proximidade, a esta adoção, e até a uma dependência destes animais na vida humana? E que tipo de descuido e negligência levam alguns cães a passarem necessidades como fome, sede, privação da liberdade, ou situações de descaso, a exemplo de atropelamentos, morte provocada através de eutanásia (devido à superpopulação), abandono na rua ou em confinamentos, enquanto outros têm uma vida com luxos iguais aos dos humanos, o que também não é totalmente positivo, porque acarreta negação, disfarce e anulação de sua natureza? Como negar que um antropocentrismo iluminado

pelo egocentrismo está ligado a esses fenômenos, facilmente associado às questões da sociedade vigente hoje? Essa condição a que os animais estão submetidos está ligada à ação humana, porque é ela que direciona a sociedade, ao descomprometimento que faz com que as pessoas atribuam valor de uso às coisas vivas, não se responsabilizando pelas necessidades daquele ser vivo que a acompanha, à falta de sensibilidade e de cuidado com o outro no que concerne à empatia diante da dor e da alegria daquele que está ao seu lado.

É notável, no entanto, a ação ideológica dos grupos de proteção aos animais em todo o mundo; por exemplo, na própria cidade de Rio Grande, através do Grupo Amigo Bixo, que oferece eventos e faz manifestações públicas em prol dos animais, denunciando os maus tratos, difundindo o vegetarianismo, e do Grupo Viralatas e Corações que, assim como o primeiro, luta por políticas públicas para lidar com animais domésticos abandonados ou em situação de risco. Além de vários outros grupos em todo o mundo, que lutam contra as touradas, corrida de touros em Pamplona na Espanha, rodeios, alimentação com carne, etc. Estas ações podem ser práticas, científicas, artísticas ou filosóficas, e iluminam a questão de que a humanidade é capaz de uma mudança, a partir da reflexão e da experiência.

O que existe é uma divisão de tribos, de índoles, de pessoas menos e mais sensíveis, menos e mais humanas, no sentido de serem solidárias e altruístas com o outro. Existe também a possibilidade da transformação através da educação, do conhecimento e da experiência. Não nego a maldade e as limitações intelectuais, éticas, estéticas e afetivas dos humanos, mas acredito numa mudança de comportamento e postura das quais trata Guattari (1990), quando fala nas Três Ecologias que, formando uma teia interdependente, são capazes de promover no ser humano um despertar consciente e ativo.

Quando falo em grupo de proteção animal, refiro-me a todas as pessoas que têm o valor intrínseco da vida como máxima e sinto-me parte deste grande grupo disperso pelo mundo, que compartilha da luta, ou, ao menos, da fé em amenizar ou acabar com o sofrimento e o sacrifício indiscriminado dos animais. Por exemplo, a luta contra as touradas, apesar da atividade ser considerada patrimônio histórico da Espanha; contra os rodeios, apesar de fazerem parte da cultura de certas regiões brasileiras; contra os zoológicos, apesar de serem instituídos como local de alegria e entretenimento das pessoas; contra a experimentação animal de forma pouco ou nada ética nos laboratórios,

mesmo com a existência da Lei Federal 11.794, de 8 de outubro de 2008, que estabelece limites para a criação e mortes desses animais, o que, mesmo assim, não têm uma visão total do problema, visto que o ideal seria abdicar totalmente dessa atividade; contra o consumo de carne, apesar de ter valor nutritivo para as pessoas; contra o uso de peles naturais, apesar de uma cultura ou tradição da moda no vestuário, o que torna importante citar a Lei Federal 5.197, de 3 de janeiro de 1967, que proíbe a utilização, destruição, caça ou apanha de animais da fauna silvestre. Refiro-me aqui, quando digo “apesar”, a um fato e a um obstáculo, que podem se configurar em uma contradição, ou em algo ainda sem solução, mas que nem por isso podem deixar de serem vistos como uma atitude de maus tratos aos animais. Coloco este conjunto de informações, que não serão aprofundadas por não estarem diretamente relacionadas à pesquisa, para apresentar minha opinião diante da problemática animal geral, pois acredito que esta pesquisa não seria coerente se feita por alguém que ignora, ou que não se posiciona, em relação à exploração animal.

Considero pertinente então colocar um breve histórico sobre minha construção como indivíduo que compartilha das idéias e de uma conduta em relação ao bem-estar animal e à educação ambiental. Lembro que meus pais gostavam de animais e tinham afeição pelos animais domésticos, aos quais me ensinaram a acariciar, alimentar, etc. Sempre tive contato com esses animais na família. Ao completar oito anos de idade, tomei conhecimento de como se dava o processo de abate dos bovinos para a produção de carne. Isto aconteceu meio que acidentalmente, através de outras crianças e da escola e, desde então, não comi mais carne. Lembro-me como isto configurou-se em uma preocupação na minha família em relação à minha nutrição, e até em uma problemática em relação à tradição familiar e regional. Lembro-me também que, antes disto, a carne vermelha era praticamente a base da minha alimentação e, em relação ao paladar, estava entre meus pratos preferidos. Mesmo assim, não ingeri mais. Passaram-se vinte anos sem que eu sentisse qualquer necessidade fisiológica ou psicológica deste item alimentar. Hoje, refletindo sobre minha precoce decisão e lembrando como, de uma hora para outra, eu não tinha mais vontade de me alimentar dependendo do sacrifício de outrem, mesmo com tanta resistência dos meus entes mais queridos, meus protetores, concluo que o que senti foi um trauma sobre a morte, uma cumplicidade da dor alheia, e uma vontade de não participar mais desse processo de sacrifício. Lembro de, quando criança, sentir-me intimidada, quando as pessoas descobriam que eu não

comia carne e nesta época não lembro de nenhum adulto, a não ser meus pais e sob certo protesto, entenderem de fato por que eu abstraí esse elemento da minha alimentação. Hoje, minha mãe e irmã também não comem carne e cada vez conheço mais pessoas, dentro e fora da minha família, que aderem a este estilo de vida.

Entendo que esta relação da alimentação é algo complicado, já que também nas lavouras de vegetais e grãos estão implícitas lógicas antropocêntricas e de destruição à fauna e flora nativas. Assim, é óbvio que a empatia pelos cães, na minha infância, era estendida a outros animais, e que sempre foi doloroso para mim conviver em uma sociedade que não os respeita. Ainda quando pequena, pude observar filhotes de gatos e cães crescendo e cuidá-los, alimentá-los etc. Na 4ª série do Ensino Fundamental, planejei uma peça de teatro na sala de aula na qual o tema era uma floresta sendo dizimada por homens que cortavam as árvores, enquanto animais e índios pediam socorro e fugiam. Ainda antes da idade escolar, lembro-me de tentar salvar um filhote de gato, muito pequeno, de meninos que queriam matá-lo. Enfrentei os meninos, os quais que paralisaram-me com a ameaça de largar, de uma certa altura, um tijolo na cabeça do animal que estava encolhido em um canto. O sentimento de impotência, raiva e pânico abalaram-me e não lembro como, pois eles eram vários meninos e eu estava sozinha. Consegui evitar o final trágico daquela cena e levei o animal para o mais longe que pude dali. Em outra ocasião, estava na rua com meu pai, quando passava uma carroça e o homem batia fortemente no cavalo, gritando com ele. Apesar de ser uma criança muito introspectiva e tímida, eu ofendi verbalmente o homem. Todos estes pequenos episódios aconteceram antes que eu completasse dez anos de idade. Aos onze, na escola, “fundei” um grupo de meninas que prometiam sempre pregar a favor da natureza; escrevi uma lista de juramentos e fundamentos do grupo, sendo um deles sempre intervir quando se presenciasse um animal sendo maltratado; outro, por exemplo, era passar a escrever a palavra natureza com N (maiúsculo).

Contudo, somente aos quinze anos adquiri meu primeiro cão, uma fêmea, exemplar da raça Weimaraner, que encontrei à venda no jornal local. Minha mãe concordou e desde então Hanna fez parte da minha família. Confesso que, mesmo com tanto interesse no assunto ao longo da minha infância, com coleção de revistas, álbuns de figuras, livros e brinquedos, ter a Hanna na minha vida foi uma experiência altamente surpreendente, positiva, afetiva, plena, e que trouxe união e segurança aos meus familiares. O amor incondicional aos cães fez-me pensar que a espécie pode nos

ensinar muito, e especialmente nos amar muito, em troca de nada, na verdade. Assim, minha consideração por estes animais e meu amor pelos que estão perto de mim movem-me a procurar meios de entender aqueles que “não compreendem” estas relações e de buscar soluções justas, legais, e de caráter ético-filosóficas para o problema do abandono, dos maus-tratos e das superpopulações de cães.

Minha preocupação com os maus tratos aos cães segue a mesma linha de um profundo sentimento pelo sofrimento e dor alheios. Não posso simplesmente nomear o sentimento que tenho, quando percebo um indivíduo animal privado de seus direitos mais essenciais, mas posso relatar que se trata de um desconforto mental, psicológico e emocional muito grande. Trata-se também de um sentimento de que há algo muito errado, e que precisa ser resolvido. Obviamente que compartilho este sentimento com milhares de pessoas todos os dias e, embora não as conheça, tenho certeza de que todas concordariam que não é fácil passar por esta sensação e, simplesmente, seguir adiante na sua rotina. Entretanto, também percebo, hoje, que a problemática é muito maior do que buscar meios para salvaguardar o cão moribundo abandonado na rua, embora tal providência se faça necessária, já que ele é um indivíduo vivo e não pode ser ignorado. Mas a questão maior é a dificuldade de atingir profundamente e de modo eficaz mais pessoas, de maneira a sensibilizá-las e, assim, criar um novo comportamento, uma nova cultura que poderá modificar esse cenário de barbárie à própria espécie humana.

Entendendo minha cumplicidade nesta pesquisa, procuro explicitar considerações de foro íntimo, ou seja, tratar da minha relação com os “abandonos”. No decorrer da pesquisa, minha então orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Virginia Machado alertava-me para o quão forte era o meu tema no âmbito emocional, e dizia-me que, mesmo sem perceber, eu havia vivenciado alguma situação na qual me sentia abandonada. Daí, talvez, a minha empatia tão grande para com os animais abandonados. Um dos membros da Banca, sem que soubesse desta hipótese da minha orientadora, sugeriu-me abordar minhas situações de abandonada e abandonante. Percebi então que todos sofrem do abandono, ou se sentem abandonados em algum momento da vida. Para isso, talvez, seja preciso revolver feridas antigas, o que não é nada agradável, mas faz parte do processo.

De fato, não sofri nenhum abandono propriamente dito no meu desenvolvimento, ou seja, em relação à família, muito pelo contrário. Com a minha família sempre senti-me acolhida, segura e protegida. Mas algumas situações, arrisco

dizer, podem ter, sim, modificado minha condição psicológica para o medo da desunião e dos perigos do mundo em geral. Acredito que a separação dos meus pais e as consequências naturais deste processo, quando eu tinha quinze anos, pode ter causado em mim alguns danos invisíveis que, todavia, permanecem vivos e colocam-me em alerta para sempre tentar evitar situações traumáticas e, possivelmente, daí venha a ansiedade em buscar confortar aquele que se encontra desamparado. No meu caso, a separação em si não foi um abandono, mas o contexto e outros fatores involuntários colaboraram para que, de alguma forma, em algum momento, eu me sentisse desamparada.

Outras situações de abandono também já me causaram momentos muito infelizes e desesperadores como, por exemplo, num episódio há quinze anos atrás, ou seja, em 1998, quando eu deveria ter ido buscar minha irmã, na escola, no horário de sempre e distraí-me com a televisão. Ela foi trazida em casa por uma vizinha conhecida, que também foi buscar os seus filhos na mesma escola. Quando vi minha irmã tão pequena, com o rosto marcado pelo choro, pelo medo do abandono, meu desespero foi ao máximo. Chorei compulsivamente, sabendo que não havia como me desculpar por aquele esquecimento involuntário. Hipóteses de perigos reais que ela poderia ter passado, se a porteira da escola tivesse se descuidado assombram-me até hoje, o sentimento de culpa e a vontade de voltar no tempo para corrigir este erro nunca diminuíram, assim como também não diminuiu minha gratidão a tudo que colaborou para que ela chegasse em casa salva, ao alcance do meu abraço e ao abrigo da família.

Só hoje percebo como situações assim me atingiram tão profundamente e o quanto as suas lembranças ainda são perturbadoras. É importante salientar também que as grandes felicidades e as grandes mágoas sempre passamos/vivenciamos com, para, ou por causa daqueles a quem mais amamos. E a ânsia daquele que se sensibiliza a proteger ou defender o Outro refere-se principalmente a um Outro ser talvez mais frágil, talvez mais inocente, talvez mais incapaz de se proteger sozinho. Se tentarmos filtrar nossas lembranças, todos encontraremos, pessoalmente, situações de abandono. As situações de abandono são a metafórica matéria com que teço esta pesquisa a partir das conexões vitais complexas de amor e solidariedade. As situações de abandono são denúncias existenciais para anúncios – o conceito é de Freire, de uma compreensão ética da responsabilidade e solidariedade para com os seres humanos e não humanos, para com o nosso próximo imediato ou distante, para com o outro, a Natureza.

Já a questão ambiental sempre esteve presente para mim, também por causa dos animais. Antes de pensar nas causas políticas das ações humanas, eu já reconhecia no homem uma espécie dominante em relação à natureza, que retirava dela muito além de que seu sustento básico necessitava. Eu tinha verdadeira adoração por tudo que tivesse a ver com a questão ambiental, como a proteção a uma natureza inocente e pouco explorada. Tendo familiares na Cascata, 5º Distrito de Pelotas, sempre mantive contato com locais que eram para mim um refúgio do meio urbano: mato fechado, cachoeiras, cantos de passarinhos diferentes dos que eu já conhecia, árvores frutíferas, flores nativas, céu estrelado visível pela ausência da luz artificial, ou seja, toda uma ecológica de vida que, para mim, era poética, romântica e renovadora; que me fazia descansar, conhecer e apreciar uma outra forma de ver e sentir o mundo, ou seja, uma natureza um pouco mais distante do humano “destruidor”.

Ouvi a denominação Educação Ambiental através de uma pessoa próxima à minha família, à época pertencente ao próprio PPGEA (Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental) ainda na minha primeira década de vida, mas não sabia o que ela podia representar. Na minha adolescência, entendia por educação ambiental, ainda muito genericamente, a possibilidade de os seres humanos respeitarem a natureza, de as pessoas fazerem as coisas certas em relação ao seu impacto no ambiente e vinculava muito essa educação à questão mais silvestre, ou seja, em Rio Grande: às dunas do Cassino, às tartarugas, aos leões marinhos e pinguins que aqui chegavam, às corujas e aos tuco-tucos que habitam as dunas, além de toda a questão da poluição nas praias e campos, e assuntos dominados estritamente pelos estudantes e pesquisadores da área da Biologia e Oceanologia.

No primeiro mês de inserção no PPGEA, pude entender o quão profunda é a questão da Educação Ambiental do ponto de vista filosófico e cotidiano. Foi o que ocorreu quando passei da fase de admiração à fase da identificação pessoal com a área, além de tratar-se da primeira vez em que vinculei um assunto tão fundamental nas minhas próprias crenças pessoais à possibilidade de uma pesquisa científica. Lá, encontrei pares, colegas como Priscila Reis e Cláudio Tarouco, que também estudavam a questão animal através da Educação Ambiental e outras pessoas com preocupações semelhantes, que criticavam veementemente o capitalismo; outros vegetarianos, além de fazer uma grande amizade com a colega Dayse Vilas Boas, que compartilhava comigo

as reuniões de orientação, podendo assim me socializar em um meio que me acolhia e que colaborava com meus estudos e convicções.

Uma vez recebida no Programa, e cursando as disciplinas, a Educação Ambiental penetrou em minha vida, perpassando meus pensamentos e minhas relações com outras pessoas, deixando-me com a certeza de que eu havia encontrado meu caminho, de que minha pesquisa era necessária, original, e de que sua causa era nobre; senti confiança e a segurança filosófica e social para afirmar tudo em que eu sempre acreditei.

Cabe ainda relatar que realizei algumas atividades extraclasse no ano de 2011, enfatizando meu tema de pesquisa, como a organização de uma Mostra Coletiva de Artes Visuais intitulada “Livros Verdes”, promovida pelo Laboratório de Problematização e Intervenção Socioambiental (LAPIS-FURG), aceita e montada no Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental, no Centro Integrado de Desenvolvimento do Ecossistema Costeiro do Extremo Sul (CIDECSUL – FURG), onde expus a instalação intitulada “Laços de Domínio, Laços de Amor”, objeto de arte diretamente relacionado à minha pesquisa, numa perspectiva ético-estética, que objetivou levar o espectador a refletir sobre a domesticação e suas interferências na vida do animal. Meses depois, participei da Exposição-Intervenção “Desvios para Liberdade”, organizada pelo colega doutorando Cláudio Tarouco, que aconteceu na Biblioteca Central do Campus-FURG, onde expus o livro componente da instalação acima referida. O vídeo-registro desta Exposição encontra-se no link: [http://www.youtube.com/watch?v=D5X5\\_IIsiIQ](http://www.youtube.com/watch?v=D5X5_IIsiIQ)

Mais tarde, no I Seminário A Educação Ambiental e os Animais: uma conexão inquestionável, evento interno ao IV EDEA e V CPEASUL, também realizado no CIDECSUL – FURG, apresentei uma Mostra Fotográfica intitulada: “Luz, Homem, Cão”. Imagens destas manifestações encontram-se nos apêndices deste trabalho.

Antes de apresentar mais objetivamente as ações da pesquisa, penso ser pertinente traçar meu ponto de vista em relação ao tema estudado após ter concluído este trabalho, o que, essencialmente, não se modificou em relação ao início da pesquisa. É válido lembrar que ter um cão, ou ter acesso a ele, habitantes da mesma sociedade dos homens e selecionados para suas necessidades e caprichos, é uma ação corriqueira. Não é preciso nenhuma autorização, não há nenhum impedimento ou legislação que impeça a proximidade entre homem e animal, justamente porque o cão foi criado e manipulado

para acompanhar o homem, para lhe ser útil, ou para lhe compartilhar afeto. Houve uma associação entre espécies, na qual o cão, no geral, também se beneficiou, desde o princípio. No entanto, a individualização crescente nas pessoas, suas determinações religiosas e culturais e sua solidão parecem estar impedindo uma abertura de visão para a realidade alheia, mesmo diante de fatores básicos e primordiais, isto é, que se referem à vida, à saúde, ao bem-estar e ao respeito.

Na atualidade, quando se testemunha e se naturaliza, através da mídia e dos processos corriqueiros do cotidiano, grandes barbáries de homens contra homens, as barbáries contra os animais têm sido ainda menos preocupantes. Porém, não quero, simplesmente, refletir sobre os fatos do ponto de vista do transtorno que causam para os animais. As considerações, dentro do andamento da pesquisa, referem-se à ética dos humanos para com seus semelhantes e para com os animais, em especial aquele contemplado neste estudo: o cão. Lembra-se que, na relação com o cão, existe o abandono que abarca as diversas intempéries da vida. Ele envolve um responsável e aquele que sofre as consequências desse abandono, seja ele o desprezo, a crueldade, o desinteresse, os maus-tratos e qualquer outra forma. Cabe adicionar aqui o raciocínio formulado por Saint-Exupéry, na célebre frase de seu *O Pequeno Príncipe*, quando a raposa diz: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. Essa obra, de 1943, às vezes estigmatizada como “infantil”, tem ilustrado minha pesquisa por sua poesia e verdade, e por tratar tanto da relação entre os seres, como do esvaziamento existencial a que o homem está submetido, em um círculo vicioso construído por ele mesmo. Coincidentemente ou não, o único amigo que o pequeno príncipe faz em sua jornada é a raposa, um canídeo selvagem, que lhe ensinou sobre o amor e a amizade. A pesquisa relaciona-se ao “Pequeno Príncipe”, já que esta história lida com a relação entre cães e homens por intermédio do conceito de *cativar* que, na obra citada, significa *criar laços*. Fenômeno este que, ao que nos consta, foi o que aconteceu nos primeiros contatos entre humano e cão, ou melhor, entre humanos e lobos. A modernidade, ainda que progredindo em tantas áreas da tecnologia, do conhecimento e até mesmo da empatia com os animais, não está sendo eficaz no que tange a responsabilizar-se pelo que cativou, e tem cativado, através de milênios. É a partir desta lacuna que a pesquisa investiga e propõe uma abertura de horizontes do conhecimento e da sensibilidade, a partir do meio mais humano e reflexivo, a educação.

Também vale dizer que, para ser capaz de refletir sobre o assunto, e ser capaz de ajudar alguém, é preciso filtrar as informações, as inquietações, as angústias e as tarefas, na tentativa de conviver com a lógica da modernidade, ainda que de forma crítica. Do contrário, não conseguiríamos sequer viver nossa própria vida, porque seríamos fatalmente afetados pela dor e infortúnio alheios a todo o momento, o que nos paralisaria. No entanto, há de se procurar um equilíbrio que nos comprometa a não sermos passivos diante daquilo que afeta a nossa vida particular, nos motivando também a refletir sobre o que afeta a vida de outras pessoas e outros seres. A solidariedade e a compreensão para com o outro residem na nossa empatia com ele, na nossa capacidade de sentir desconforto e infelicidade diante de sua dor, e em agir para aliviá-la.

O ensejo de nos sentirmos solidários, quando nos deparamos com a agonia do Outro, pode ser o fator interessante para que não nos abstenhamos do crédito na potência de ação humana. Esta potência de ação, aliada à Educação, supera preceitos, ideias e referências, e é nela que se acredita para fazer a diferença para alguém. É uma potência movida pelo sentimento de empatia e pela capacidade de colaborar na vida do outro. Explicito isto para justificar que acredito no despertar humano através da educação e de um processo lento de readequação da cultura vigente, na qual muitas vezes o animal não tem acessos aos seus direitos mais básicos à vida e bem-estar, além de ser visto também como instrumentalização para o uso humano ou, no caso dos abandonados, como uma falha da sociedade, criando um indivíduo errante com o qual nada se pode fazer.

Quando algo ruim atinge diretamente a nós, todas as leis do bem-agir ficam submetidas ao nosso sentimento que, neste momento, pode estar mais aflorado do que nossa capacidade racional. Quando somos agredidos ou quando alguém querido é vítima de ações negativas, esquecemos do perdão inferido pelas religiões, dos direitos humanos insistidos pela lei, da ética insistida pela própria ideologia, porque uma nova ética entra em ação, a do amor e do protecionismo àqueles que amamos. E, por que isso tudo acontece? Porque amamos a nós mesmos e aos outros. Sendo assim, quem ama tem cuidado com o próximo e consigo mesmo, atitude que é definitiva nas escolhas empreendidas pelo sujeito. Este exemplo foi uma amostra de como certo número de pessoas reagiria. É essa potência, esse vigor, que faz a humanidade não ser apenas a espécie condicionada pela razão, criadora da tecnologia, dona do “progresso” mundial. É essa atitude febril, que faz da humanidade um grupo sentimental, volátil, singular, e

potencialmente criador e recriador de seus próprios conceitos (*homo demens*). Há pessoas que percebem a injustiça onde quer que ela esteja e, ainda que não caiba a elas a solução a princípio, veem sentido em lutar pela minoria, por aquilo que está à margem, por aquilo que é tido como desimportante, perdido na enxurrada de más notícias que se recebem todos os dias. O mesmo humano, que trago aqui como irresponsável ou maldoso, é também aquele responsável por cometer dos delitos mais sutis aos mais hediondos, podendo assim prejudicar a vida alheia. Provas de que crianças, adolescentes, mulheres, idosos, índios, mendigos, todo o tipo de pessoas, enfim, que sofrem barbáries cometidas por seus semelhantes, estão na mídia todos os dias, o que cria a possibilidade de naturalização das atrocidades, por parte do público. Longe de fugir do tema de minha pesquisa, tais atos reafirmam o problema como inerente ao comportamento humano.

## **PROBLEMA, OBJETIVOS, JUSTIFICATIVA E APRESENTAÇÃO DO TEXTO**

Feita uma apresentação de minha trajetória em relação com o tema, apresento o problema de pesquisa: Como compreender a relação dos humanos com os cães, e como a Educação Ambiental pode contribuir para a construção da reflexão sobre o tema e para a consequente mudança de postura dos humanos para com estes animais em seu convívio social?

Para compreender melhor este problema na prática, fiz um estudo de caso na cidade de Rio Grande, que incluiu entrevistas com pessoas de dois grupos de proteção da cidade e com o poder público municipal, conforme se verá mais adiante. A relação entre o Estudo de Caso em Rio Grande e o Problema central da pesquisa, que abarca um universo maior, está explicado no Capítulo 3, Metodologia.

O objetivo da pesquisa é contribuir com estudos e posturas que se esforcem em fazer ascender a uma nova mentalidade; fazer perceber uma ética que não está clara, e buscar compreender os processos que porventura afastem os humanos desta mentalidade. Para isto, é preciso considerar algumas questões. Entende-se que é preciso compreender o Outro. Por isso, uma questão fundamental seria entender o que faz com que o homem esteja desestruturando sua relação com os cães, animais que dividem este espaço-tempo com ele; O que vem acontecendo com o humano na era da

descartabilidade das coisas, a quantos e a quais abandonos ele está submetido e quais pedagogias regem seu comportamento diante de si e do outro? Por que as leis existentes não são cumpridas?

Como justificativa, e em ordem de mostrar a relevância do tema, acredito ser esclarecedor colocar que a pesquisa tenta ressaltar o valor intrínseco da vida de qualquer ser. O foco no cão relaciona-se diretamente com os tantos anos de cumplicidade entre a espécie humana e o canídeo em questão. Além do que sua relação ultrapassou muitas vezes, assim como a relação com outros animais domésticos, a fronteira entre dominador e dominado. Em relação à consideração humana para com os animais, considero que o cão é uma boa maneira de iniciar a discussão, já que é um animal muito presente na sociedade e no cotidiano das pessoas.

Nesta pesquisa o cão é central, e a importância deste foco está clara, para mim, quando saio na rua e o vejo em situação de risco; mas soma-se a isto o número de pessoas com a mesma sensação que sinto diante desta questão. Estas são as maiores relevâncias do tema: uma busca ética da situação, uma consideração humana para com os cães e para com a humanidade que está implicada neste processo.

Justifico este trabalho por tratar-se de uma situação degradante para com a vida deste animal, por seu valor intrínseco e, se é necessário dizer, por ser um animal que acompanhou e refletiu a própria história da humanidade. O pensamento sistêmico guia esta pesquisa e, nela, a educação, a transformação, o espontâneo, o inesperado, a experiência empírica, as ciências mesclam-se em um processo que não subjuga nenhum fator. Trata-se de um pensamento que considera as conexões e a profundidade oriunda delas. Daí a relevância de um trabalho orientado em entender os fatores que aproximam ou afastam as duas espécies em questão.

É preciso agora esclarecer dois pontos fundamentais: um deles é que se sabe que existe a valorização do cão na sociedade humana, ou seja, está claro que uma quantidade muito grande de pessoas cria e cuida de cães, às vezes considerando-os membros da família. Não ignoro nem me abstenho de reconhecer esse fato. No capítulo sobre a domesticação, há exemplos dessa relação de respeito e amizade mútuas entre o homem e o cão. O que a pesquisa traz é um problema ético e político sobre a falta de responsabilidade humana diante de milhares de animais errantes ou abandonados, animais iguais àqueles que acabei de descrever, que muitas vezes fazem parte de uma família humana. Nesse contexto, não é possível apontar um “culpado” para o problema

da superpopulação, da alta mortalidade de filhotes, dos atropelamentos, da inanição e de outros problemas pelos quais passa o cão de rua, porque esse processo é um erro sistêmico, ou seja, uma vez abandonado o cão, e caso as condições sejam favoráveis à sua sobrevivência, ele se reproduzirá, dando origem a outros indivíduos que repetirão o processo.

Nesse processo, as adversidades descritas acima poderão ocorrer a qualquer momento e inúmeras vezes na vida canina, sem que se possa apontar uma única causa, um único “culpado”. Mas mais do que isto, o erro sistêmico encontra-se na origem da construção social, porque deixa implícita uma cultura antropocêntrica nos seres humanos, que se mantém através de gerações, e que não favorece o real conhecimento do valor do Outro, seja porque não se sensibilizam com seu sofrimento ou porque naturalizaram uma relação em que seu conforto não é menos importante do que a vida e bem-estar do Outro, ainda que este esteja sob sua salvaguarda, ou que tenha se prejudicado por uma ação humana.

Além disto, a questão política é fundamental, porque esta é uma instância que, supostamente, teria força para combater a dimensão do problema em uma cidade inteira, através de projetos de conscientização que atinjam grande parte da população, e ações mais incisivas, como atendimento médico-veterinário para o cuidado dos animais necessitados e o controle quantitativo dos animais para que diminua o número de ninhadas indesejadas, das quais sairão mais indivíduos destinados a viver com dificuldade, acentuando o problema. Uma fêmea e seus descendentes podem gerar, em seis anos, até 64.000 filhotes. O dado é da Campanha dos grupos Bicharada FURG e ViraLatas e Corações<sup>1</sup>.

Por isto, a questão principal não é saber por que, na prática, os cães estão nas ruas, ou em muitos casos estão sob cuidados e condições que negam sua natureza e suas necessidades mais básicas. A reflexão deste trabalho concentra-se em entender os processos humanos que naturalizam o processo de abandono, maus tratos, ou desprezo à vida dos cães. O outro ponto fundamental a explicar é que, quando digo seres humanos ou indivíduos humanos, não estou me remetendo genericamente à humanidade como um todo, como uma espécie que sempre carregará a culpa pela dominação e pelo egoísmo. Estou apenas reconhecendo que foi essa a espécie que construiu uma

---

<sup>1</sup> [www.bicharada.furg.br](http://www.bicharada.furg.br) e <http://viralatasecoracoes.blogspot.com>.

civilização baseada na sua racionalidade (Logos, Razão) que criou os valores morais, que é consciente de suas ações e capaz de reflexão, e é a única espécie passível de educação. É justo e coerente, portanto, que a responsabilidade de suas ações recaia sobre ela (espécie humana), sem, contudo, deixarmos de reconhecer seu percurso histórico, biológico e cultural, ou seja, reconhecer que também ela pertence à natureza e à categoria de animal, que modificou seu meio para sua sobrevivência e, posteriormente, para seu desenvolvimento na condição de humano. Assim, não trato a questão da dominação e adequação da natureza pelo humano, ou da negação ao direito dos outros animais como simplesmente uma malvadez voluntária. Por isto, é necessário entender, mais profundamente, qual a lógica da mentalidade e do comportamento que faz a manutenção de uma cultura não ética e não solidária ao outro.

Vale esclarecer também que a “relação ética”, de que tratamos aqui, dá-se ou não do humano para o cão, e não o contrário, já que o cão não formula considerações morais ou ético-filosóficas. Pressupõe-se que fatos como a solidão humana na modernidade, o deterioramento das relações humanas, o “desencantamento do mundo” (há muito já formulado por Marx, Webber e outros autores), perpassando pela problemática da cultura da fragmentação do conhecimento, da descartabilidade das coisas, do desinteresse pelo bem-estar dos demais (o egocentrismo, o individualismo), e da dificuldade em estabelecer a confiança no outro sejam questões que dialogam com o pressuposto/hipótese de uma das causas do problema desta pesquisa. Mas é iminente conectar o problema aos primórdios filosóficos e bíblicos que construíram e fortaleceram o antropocentrismo.

O trabalho estuda a espécie “agressora” para encontrar nela o humano e suas razões. A pesquisa pretende defender a “vítima”, através da descoberta e da educação e não através da denúncia e da punição. É interessante procurar entender o sentido de *humanidade*, como adjetivo dentro da *humanidade*, grupo-espécie. O que proponho é a solução-chave, a Educação como um elemento sistêmico desencadeador da resolução do problema. Não pretendo aqui tratar o humano de forma vilanesca, como um predador insensato, ou sujeito insensível. Apenas não posso deixar de reconhecer que suas responsabilidades necessitam de uma ação refletida, ou seja, ética. A domesticação, na maioria das vezes, foi uma ação antrópica, embora os animais tenham também se beneficiado dela. É o humano quem domestica, quem cuida e quem protege e, neste sentido, pode ter direitos e deveres na relação com o animal.

Um dos focos desta pesquisa é o abandono e, sendo ele uma atitude humana, o foco de pesquisa está no estudo do humano. A compreensão sobre os aspectos históricos, sociais, afetivos e psicológicos do que acontece com esse humano, para que naturalize as atitudes agressivas ao próximo, não precisa limitar-se aos animais, já que se estende também aos seus semelhantes.

Este trabalho teve início na linha de pesquisa Educação Ambiental Não Formal, na qual projetava maior número de intervenções e atividades práticas externas à academia, o que acabou sendo diminuído para dar lugar a maiores reflexões sobre a ética baseada em quatro autores fundamentais. Devido à reestruturação do enfoque e da mudança de orientador, visto que a Prof. Dra. Virginia Machado (EANF) aposentou-se após ter-me acompanhado até a qualificação, quando passei a ser orientada pelo Prof. Dr. Humberto Calloni (FEA), o trabalho migrou para a linha de pesquisa Fundamentos da Educação Ambiental. Nesta linha, a pertinência da pesquisa teórica, contemplando mais profundamente os conceitos-chave essenciais à pesquisa em Educação Ambiental, é o que define a proposta, abordagem e resolução do problema.

O contexto desta pesquisa é a cidade de Rio Grande e o tempo é o atual: os dois anos referentes ao meu mestrado, 2011 e 2012. Os sujeitos da pesquisa são as líderes de dois grupos de proteção aos animais desta cidade para a contextualização do problema; o poder público municipal vigente em 2013; e, na intervenção, alunos da 8ª série da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Seguro, que foram espectadores do vídeo de sensibilização que produzi. Saliento que, embora este contexto apresente um recorte regional do problema, ele foi mais o estopim da pesquisa do que sua meta de projeção. Este contexto, que é o meu próprio, serviu de exemplo e alarme de uma situação que não é nova. Ele propiciou que uma nova relação ocorresse entre a realidade dos cães e esta relação constitui esta pesquisa acadêmica, que almeja construir conhecimento e interferir no problema abordado, mesmo que a longo prazo. A pesquisa quis aprofundar a questão, superando os limites da cidade em que atua, pois reconhece que o objeto de estudo é a humanidade e sua relação com os animais, afinal esta questão não é específica deste tempo-espaço. Sendo assim, o estudo procura entender esta relação e propor soluções educativas, objetivando a atingir um público variado, disposto a conhecer e reconhecer o problema.

A Problematização é feita através do estudo das áreas que a pesquisa abarca, ou seja, a origem da domesticação, a ética, o antropocentrismo e todos os elementos que

vieram à pesquisa como conceitos e correntes filosóficas contemporâneas, seguidas por Morin, Guattari, Singer e outras que, uma vez interconectadas, possam promover a compreensão do todo. Portanto, no primeiro capítulo, apresento a situação do problema na cidade de Rio Grande, conforme fontes envolvidas com o tema, e algumas ações políticas já institucionalizadas com sucesso em Porto Alegre.

No segundo capítulo, constituído pela Problematização, é onde exponho praticamente toda a teoria que constitui a pesquisa. Trata-se da parte da fundamentação teórica e do entrelaçamento entre autores e entre estes e a temática principal do trabalho. Contextualizo o tema da domesticação, a fim de ilustrar os primórdios da relação homem-cão, tempo histórico, data da dominação do animal selvagem, além dos motivos que levaram à aproximação, e as novas significações deste processo, e ao longo tempo que se segue desde então. Após, procuro dimensionar a condição humana, investigando os processos que concernem ao homem diante da modernidade, do fluxo da vida cotidiana atual, e da coisificação da vida, desencadeando no próximo assunto, a ética e o antropocentrismo. Este é o capítulo que configura os conceitos-chave, a filosofia, as ciências e as conexões.

O terceiro capítulo é o onde apresento a Metodologia e os procedimentos de ação da pesquisa, a relação entre o estudo de caso, com sua questão específica e o problema concernente ao centro deste trabalho. Também é onde reafirmo as categorias da fundamentação teórica, e o uso da Mandala Reflexiva (MACHADO, 2009) para a configuração do problema e o desenvolvimento da pesquisa. Também neste capítulo explico as metamorfoses de orientação da própria pesquisa, por ocasião de mudanças de orientadores em si, e da direção específica do trabalho.

No quarto capítulo, Interações e Resoluções, proponho a construção de vídeos que possam oferecer um grau de sensibilização através de uma arte ético-estética, justificando a importância do audiovisual como operador de sentido na sensibilização das pessoas. E apresento, portanto, autores específicos que refletem sobre a linguagem do audiovisual. Saliento a importância das ações de intervenção e gravação das mesmas, experiência adquirida na Disciplina das Três Ecologias, de Guattari. Exponho também os resultados da interação que tive com meus alunos após assistirem ao vídeo que eu produzi, intitulado: *Abandonos I*, disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=fBH-uOc-9uc&list=FLjp\\_t9eYOZx5atkj-S5sXGA&index=1](http://www.youtube.com/watch?v=fBH-uOc-9uc&list=FLjp_t9eYOZx5atkj-S5sXGA&index=1).

Nas Considerações Finais, coloco o resultado definitivo entre as entrevistas, a teoria utilizada, e as ações da pesquisa, posicionando-me e procurando um denominador comum para um entendimento complexo, e uma proposição de solução para o problema, buscando, assim, responder a questão central deste trabalho.

## 1. O PROBLEMA EM RIO GRANDE

*A proteção dos animais faz parte da moral e da cultura dos povos.*

*Victor Hugo*

*O erro da ética até o momento tem sido a crença de que só se deva aplicá-la em relação aos homens.*

*Dr. Albert Schweitzer*

Neste primeiro capítulo, contextualizo a situação do problema da pesquisa nesta cidade, lembrando que este problema diz respeito também a tentar compreender a relação entre humanos e animais, através de um viés ético e compreender quais as contribuições possíveis da Educação Ambiental para o nascimento ou crescimento de uma reflexão sobre o tema, o que poderia engajar uma mudança de postura prática no convívio entre as espécies no meio social. Aqui também elucidado algumas questões primordiais sobre a gravidade do abandono e maus tratos, com o intuito de entender a necessidade de proteger o bem-estar destes animais. O capítulo também representa o estopim da pesquisa, a observação do problema nesta cidade, e a descrição das informações do estudo de caso no âmbito político e civil de Rio Grande.

### 1.1 Sujeitos, espaço-tempo

A cidade de Rio Grande, no litoral Sul do Brasil, e seu balneário, a Praia do Cassino, atrai grande número de veranistas, turistas e moradores de passagem durante o verão. É o período de férias escolares, altas temperaturas, e festas religiosas. Neste curto espaço de tempo, a movimentação e ocupação do espaço são intensas, e as consequências socioambientais desta concentração antrópica podem ser claramente percebidas durante e no final da temporada. Uma dessas consequências é a grande quantidade de cães abandonados, tanto na rua, condenados à sua própria sorte, quanto em quintais fechados, onde não há qualquer possibilidade de subsistência. Foi nesse

cenário que surgiu a escolha pelo tema de pesquisa. E o problema não se delimita apenas à área e período citados. Em toda a cidade, durante todas as épocas, vê-se o reflexo de uma população despreocupada com seus animais, ainda que não de forma generalizada. É preciso, portanto, entender a trajetória destes animais até o ponto em que, e enquanto, dividem o espaço-tempo com seres humanos.

É necessário ressaltar também que esta pesquisa inicia-se no ano de 2011, mas tenta configurar e encontrar resolução para o problema socioambiental observado ao longo de vinte anos. Para elucidar a condição do problema na cidade de Rio Grande, levanto algumas informações que foram adquiridas até então com os sujeitos da pesquisa. Uma visita foi realizada ao Centro de Controle de Zoonoses, o chamado Canil Municipal, e ocorreu, informalmente, no dia 14 de outubro de 2011 para observar as condições atuais do espaço e travar alguns diálogos com o veterinário responsável. Ainda nesta etapa, outros dados relevantes foram levantados espontaneamente como, por exemplo, o aparente “bom estado” do Canil, apesar da própria ideia de canil ser degradante.

Conforme uma notícia-denúncia, publicada no Jornal Agora, de 27 de abril de 2011, por alguns Grupos de Proteção da cidade, a situação do Canil era precária. Nesta denúncia, protocolada na Promotoria de Justiça Especializada, relatou-se que animais que se encontravam em bom estado físico e psicológico, não oferecendo qualquer risco aos humanos e a outros animais, foram, mesmo assim, capturados indiscriminadamente, e seu estado de saúde piorou. Com isso, o Canil ficou em estado de superlotação, entre outras irregularidades graves que prejudicam o bem-estar animal. Após seis meses da denúncia, testemunhei a melhora nas condições, o que não impede que se lance um olhar crítico sobre o local.

Algumas castrações são feitas no Canil com o apoio da comunidade. Além disso, filhotes não são mais abrigados no estabelecimento, pelo reconhecimento de que o ambiente para eles pode ser insalubre, devido à sua falta de imunidade a doenças que podem estar contaminando o local. No dia desta visita, havia chegado dois cães Rottweiler apreendidos por denúncia de estarem matando um terneiro. Estavam soltos e atacaram o animal. O proprietário já havia feito contato e se comprometido com as consequências. Entre elas, uma multa de R\$ 150,00 pelo resgate de cada um deles. Nesse caso, fica uma pergunta: E se tivessem atacado uma pessoa? Nos valores humanos, encontramos um apego e uma necessidade de preservação da nossa própria

espécie, um gesto natural, legal e ético. No caso presumido do ataque à pessoa, nenhuma multa poderia suprir o desastre, assim como, de fato, nenhuma multa pode suprir a perda de uma vida, como seria com o terneiro. No entanto, para o cão, essa significação moral e sentimental não existiria, isto é, o ataque para ele seria tão natural como a outro animal qualquer. Isto levanta uma questão importante, a saber, a responsabilidade humana sobre um ser que está salvaguardado por ela e que não possui um domínio intelectual sobre os valores morais de uma sociedade, possuindo, em seu lugar, necessidades, sentimentos e instintos.

Em 1º de julho de 2009, foi publicado, no Diário Oficial, a sanção da Lei 13.193, que proíbe o extermínio de animais pelos Centros de Controle de Zoonoses, as chamadas eutanásias<sup>2</sup>, excetuando-se casos irreversíveis de enfermidade e casos aprovados para uso de animais em instituições com fins de ensino e pesquisa. Desde então, o CCZ de Rio Grande diz não realizar mais essa atividade, que há muito já vem sendo percebida como antiética e ineficiente pelos órgãos de proteção aos animais. Até então, cães sem raça definida permaneciam no CCZ por seis dias, quando eram sacrificados, por não terem sido adotados nesse meio tempo. Isso ocorria mesmo com aqueles que gozassem de boa saúde, para dar espaço a novas apreensões as quais desencadeariam o mesmo processo. Cães de raça podiam ficar até doze dias, pois a probabilidade de serem adotados ou de seu proprietário ir buscá-los era maior que as chances dos cães sem raça.

Certamente é uma vitória para muitas pessoas que essa medida faça parte de um passado cada vez mais remoto. Porém vale lembrar que, com o vigor da lei, o orçamento para manutenção do local e da atividade de controle populacional não foi renovado, e a idéia de realizar castrações em massa e dar uma qualidade de vida digna aos tantos cães abandonados e maltratados, evitando assim que novas vidas sofram os mesmos tormentos, continua não sendo alcançada. No entanto, pode-se acreditar que seja algo a ser conquistado por políticas públicas mais específicas, ou participação da sociedade civil, fato que já vem acontecendo, por exemplo, em manifestações públicas sobre o direito dos animais, encontros dos grupos de proteção para exibição de vídeos e debates. Ainda assim, é preciso reconhecer e comemorar a decisão de uma sociedade

---

<sup>2</sup> Teoria que defende o direito a uma morte sem dor nem sofrimento a doentes incuráveis. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/>. Acesso em 22/02/2013.

que reconheceu a barbárie do extermínio como inútil e ofensiva aos valores da vida, como a moral, a ética, a solidariedade, e o respeito.

Outra informação bastante relevante adquirida nesta visita foi o fato de que a verba do CCZ provém da Secretaria de Saúde, ou seja: É dinheiro reservado para a saúde humana que está sendo investido? Por um lado, é absurdo não haver um recurso específico para a causa no município; e, por outro, é questionável que o mesmo recurso destinado à saúde das pessoas seja investido, não para tratamento, mas para recolhimento de cães e manutenção de cativeiros. Ainda que o objetivo do CCZ seja controlar zoonoses, e isso diga respeito à saúde humana, parece-me claro que encarcerar cães não significa proteger a população humana das zoonoses.

De fato, as ações de salvaguarda, apreensão e cuidado com os animais são vinculadas também ao bem-estar humano. Mas, de um ponto de vista crítico, esse estabelecimento público não necessariamente está controlando zoonoses e sim tentando, de vez em quando, tratar um sintoma da superpoulação de cães. O fato de que o recurso para isso é proveniente do mesmo lugar de onde se extrai o recurso para os postos de saúde, tão precários neste município é, no mínimo, polêmico, e digno de problematização. Mas, se a verba não vier dessa origem, de onde virá? Que políticas tratariam de especificar os recursos, dando destinos compatíveis com a necessidade de cada instância pública, sem, com isso, obstruir a outra? Sem dúvida, esta é uma questão ético-política que aguarda resolução.

## **1.2 Panorama dos grupos de proteção – a partir de entrevistas concedidas no decorrer de 2011**

Segundo as primeiras entrevistas<sup>3</sup>, a realidade dos grupos hoje é de atividade constante. Segue aqui a forma de trabalho desses grupos e alguns relatos sobre os tipos de situação que costumam encontrar durante suas ações. Foram entrevistadas líderes de

---

<sup>3</sup> A transcrição completa das entrevistas foram retiradas dos apêndices deste trabalho para a publicação por uma questão ética, já que continham informações denunciativas que poderiam expôr as entrevistadas. As entrevistas apresentaram também partes importantes das histórias de vida dessas mulheres, em relação à sua luta pela causa. Histórias estas que não foram o foco da coleta de dados, mas que configuram um arquivo valioso de informações sobre o tema, o qual permanecerá armazenado separadamente, mas como parte fundamental deste trabalho.

dois grupos de proteção animal, um da zona central da cidade, outro do Cassino, e as informações convergiram bastante. Em relação ao sustento dos grupos, viu-se que um deles se mantém com recurso próprio ou adquirido através de atividades como jantares, seminários, venda de rifas, e acessórios divulgadores do grupo, enquanto o outro, além do recurso próprio, aceita doações. Os grupos também são ativos para além das questões dos cães, denunciando e executando autuações, por exemplo, sobre problemas com cavalos em mau estado de saúde e soltos próximos às rodovias. Também mobilizam-se em relação aos animais explorados em circos, a exemplo da noite de três de janeiro de 2012, no Cassino, onde os donos do circo foram autuados por ainda usarem animais no picadeiro, o que acarreta: O descumprimento da Lei Municipal Nº 5970/2004, de 09 de agosto de 2004, que proíbe a participação de animais em espetáculos circenses e assemelhados no município de Rio Grande/RS; o descumprimento da Lei Estadual Nº 12.994/2008, de 24 de junho de 2008, que também proíbe o uso de animais nesses espetáculos; e o da Lei Federal Nº 9.605/1998, de 12 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente. No processo da denúncia, tomou-se conhecimento que o dono do circo já tinha sido autuado por outros casos envolvendo o uso de animais.

As líderes desses grupos, que colaboram com essas mobilizações na cidade, estão informadas do que se passa também fora da cidade e costumam ter contato com trabalhos acadêmicos sobre o tema. Inclusive, não é a primeira vez que uma das entrevistadas colabora numa pesquisa. Os grupos concordam também que as zonas mais atingidas pelo problema da superpopulação, inanição, abandono e maus-tratos são as periferias e que há aceitação pela comunidade desses locais em realizar a castração em seus cães, o que se torna inviável diante do custo, já que os cães são muitos e a condição financeira das pessoas é insuficiente para arcar com essa ação.

A relação dos grupos com o poder público vigente até 2012 foi negativa. Isso aconteceu em função da experiência adquirida em parcerias entre os órgãos, o que desencadeou em grandes equívocos. Segundo os grupos, isso se deu pelo fato de que as suas premissas não foram consideradas, suas solicitações não foram levadas em conta e, conforme as entrevistadas, já aconteceram acordos com a participação da população, a partir de abaixo-assinados que foram logo modificados em detrimento das reivindicações dos grupos.

Uma das entrevistadas, médica veterinária (Colaboradora A), não costuma quantificar o número de cães que recupera, pois se concentra hoje num trabalho mais educativo do que de soluções de problemas imediatos, acreditando que, dessa forma, pode colaborar para uma conscientização coletiva sobre a questão. Além disso, ela costuma trazer palestrantes para seminários à cidade, participar de entrevistas na mídia junto a outros ativistas, e até com pessoas cuja prática vai contra os pressupostos dos grupos, justamente para tentar mostrar o lado dos animais, a exemplo de representantes de rodeios, adestradores de cavalos (defensores da suposta “tradição gaúcha”), representantes do poder público municipal (até 2012), entre outros. Ela diz ver a repercussão deste trabalho diretamente nas pessoas, e espera que as informações e as ideias em defesa dos animais se disseminem cada vez mais.

Há mais de vinte anos no ativismo animal, a Colaboradora A já realizou diversas manifestações e ações em prol da causa, inclusive projetos de castrações a baixo custo para toda a comunidade, quando chegava a realizar até trinta castrações por dia, com ajuda de outros colegas veterinários.

Apesar de realizar muitas denúncias e envolver-se em discórdias com os responsáveis e cúmplices dos maus-tratos, a colaboradora A hoje mantém uma postura serena e compreensiva com aqueles humanos que, segundo ela, ainda “não despertaram”, no sentido de ainda não estarem sensibilizados com a causa, pois concorda que o fator cultural é muito forte na determinação do comportamento das pessoas, o que não significa que as autuações devam ser evitadas. As leis existentes, para ela, devem ser conhecidas e devem fortalecer uma atitude mais correta e determinante para o bem-estar animal.

A Colaboradora B utiliza a internet para divulgação de animais para adoção, através de seu Blog. Ela conta que, desde pequena, tinha forte empatia com os animais e, com sua formação e atuação na área da contabilidade, envolve-se com este problema de forma voluntária. Esta entrevistada doa seu tempo, além de disposição e recurso financeiro, para administrar o grupo, junto a outras colegas. Em casa, mantém dezessete cães e alguns gatos, e muitos desses animais esperam adoção. Diz não poder abrigar mais animais, porque ultrapassaria o limite da possibilidade de salvaguardá-los.

Por estas atitudes, estas pessoas são reconhecidas como protetoras, e seu número de telefone circula na comunidade. Porém, nem sempre suas intenções são bem compreendidas e, muitas vezes, responsabilidades para além do seu alcance as

arrebatarem enquanto trabalham, ou descansam. A qualquer hora do dia, pessoas telefonam pedindo ajuda para algum animal de rua, parecendo não compreender que o grupo não é uma instituição formal com sede, serviço vinte e quatro horas e local apropriado para recuperação ou estadia de cães. O grupo é formado por pessoas comuns, civis sensibilizados e dispostos, mas que não detêm o espaço físico e o tempo necessários para resolver quaisquer problemas que surjam. Sem perceber, as pessoas cobram desses grupos as soluções mais imediatas e emergenciais, pensando que, no ato de informar, estão fazendo a sua parte. Entende-se que a intencionalidade das pessoas que requisitam os grupos é boa, e que talvez o entendimento que elas têm da proposta dos grupos não esteja claro. Porém, isso não deixa de ser um hábito sintomático de um processo de terceirização da resolução dos problemas, pois, se a pessoa se sentiu sentimentalmente atingida pelo animal a socorrer, ela já faz parte de um grupo que está sensibilizado, mas que talvez não se sinta capaz ou não esteja disposto a se envolver diretamente com o problema.

A Colaboradora B propõe sempre a ajuda material e a campanha para adoção do animal encontrado. Porém, muitas vezes não há um local propício à estadia do animal. Ou o local é muito longe para que os grupos possam atender no momento necessário, ou não há recurso financeiro para um atendimento veterinário. Por isso, a entrevistada diz que pede uma colaboração maior por parte da pessoa que encontrou o animal, isto é, que preste atendimento a este animal de forma mais pessoal, dando a ele, por exemplo, os cuidados emergenciais, o que não costuma ser atendido.

Contudo, o constrangimento vem mesmo nas ligações em que as pessoas cobram o recolhimento de animais perdidos, ou simplesmente que vagueiam em frente às suas casas, não por estarem esfomeados, machucados ou agressivos, mas por estarem, supostamente, atrapalhando a vida dos cidadãos, na via pública. É recorrente o fato de pessoas procurarem os responsáveis pelo grupo, orientadas pelo Canil Municipal. Expliquemos isto: entendendo que o Canil, sua atividade e a própria ideia implícita na existência do local não são benéficos para os animais, esses grupos posicionam-se contra suas ações e reivindicam que os animais não mais sejam recolhidos. O Canil, por sua vez, instrui as pessoas que procuram o lugar a telefonarem (informando telefones particulares) para as pessoas dos grupos e pedirem a elas que recolham o animal. Como já foi dito, isso nem sempre é possível, causando grande

decepção nas pessoas, que acabam caluniando os grupos, sem compreender seu papel, e muito menos o ideal que pregam.

As ações dos grupos, portanto, configuram-se em perspectivas simples: o bem-estar dos animais, qualidade na qual está inserido o suprimento de suas necessidades naturais, desde as fisiológicas básicas até a higiene e o direito ao não enclausuramento. Portanto, a maioria dos grupos de proteção animal hoje, nesta cidade, é contra as atividades do Canil, ou CCZ<sup>4</sup>. Em razão de tantos animais viverem sem um tutor (dono, proprietário, responsável...), que preserve sua integridade e controle sua reprodução, frequentemente superpopulações de cães são vistas nas ruas. Esse é um dos motivos que leva os Grupos de Proteção Animal a serem a favor da castração, medida que contribuiria para o controle da reprodução, reduzindo as ninhadas e, conseqüentemente, diminuindo o grau de sofrimento e de morte de novos seres.

A solução para o problema, como medida técnica, do ponto de vista desses grupos, seria um projeto de castração em massa, apoiado pelo Poder Público, o que, com o tempo, acreditam que inutilizaria totalmente a existência do Canil. Mas a questão é mais profunda: os grupos concordam que a verdadeira solução é a conscientização, um aumento no “despertar” coletivo, que levaria cada homem ao discernimento moral do valor das coisas e da vida, que o ensinaria a respeitar o outro, ainda que esse outro não seja de sua espécie. E o meio para atingir tal meta, acreditam, pode ser a educação ambiental.

### **1.3 Posicionamento Político Atual**

#### **1.3.1 Exemplo de fora para dentro – Secretaria Especial de Direitos Animais, de Porto Alegre – uma emergência positiva**

Nos eventos do V Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul - CPEASUL e do IV Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental,

---

<sup>4</sup> Segundo conversa recente com a Colaboradora A, existe apenas um grupo em Rio Grande que defende a “Casa de Passagem”, que idealmente usaria as instalações do Canil para a recuperação de cães. Os outros grupos são contra essa posição, pois não acreditam que o estabelecimento se mantenha nessa condição. Eles temem que, se a instituição continuar existindo de alguma forma, o local permanecerá o que é, ou seja, um depósito de animais indesejados.

realizado pelos estudantes e professores do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental, no Centro Integrado de Desenvolvimento do Ecossistema Costeiro do Extremo Sul (CIDECSUL – FURG) aconteceu o I Seminário A Educação Ambiental e os Animais: uma conexão inquestionável, citado já na Introdução deste trabalho.

Na abertura deste evento interno, realizado no turno da noite, no dia 26 de setembro de 2012, foi oferecida uma palestra pela Sra. Regina Becker, sobre a Secretaria aberta no governo de seu marido, José Fortunati, na cidade de Porto Alegre. Criada pela Lei Municipal 11.101, de 25 de julho de 2011 e regulamentada pelo Decreto 17.190, de 08/08/11, a Secretaria Especial dos Direitos Animais (SEDA) é uma iniciativa que estabelece e executa políticas públicas destinadas à saúde, proteção, defesa e bem-estar animal na cidade em que atua.

Idealizada e realizada pela secretária e primeira dama, Sra. Regina Becker, a Secretaria está em plena atividade e suas ações abarcam as mais diversas instâncias das necessidades animais, como atendimento veterinário gratuito, controle populacional eficaz, projetos de educação ambiental junto às crianças em escolas, projetos de adoção e de ressocialização de cães, campanha de guarda responsável e outras ações que têm mostrado, conforme a palestra e o site da Secretaria números surpreendentes. Registro aqui o contato digital através do qual pode-se conhecer melhor as ações desta instância do poder público, vigente na nossa capital, já que não é possível, nesta pesquisa, estender-me descrevendo a iniciativa: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/seda/default.php?p\\_secao=7](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/seda/default.php?p_secao=7)

Entretanto, não poderia abdicar de colocar essa informação tão importante na temática que trago. É como registrar que o despertar de cada vez mais pessoas está sendo possível e finalmente levado em conta por quem detém grande força de transformação prática e coletiva: o poder público.

### **1.3.2 Política Nova em Rio Grande – O Prefeito em diálogo com a militância – perspectivas renovadas para os cães abandonados**

No final desta pesquisa, realizei uma entrevista com o Prefeito Municipal recém-eleito, Alexandre Lindenmeyer, o qual, em sua campanha eleitoral, entrou em diálogo com grupos de proteção e levou em conta a questão dos animais abandonados em Rio Grande. A entrevista aconteceu no dia 19 de fevereiro de 2013, coincidentemente o dia em que a cidade de Rio Grande completou 276 anos.

Neste encontro, obtive informações sobre o plano político em relação ao problema dos cães abandonados e do Canil Municipal. A primeira informação relevante, que me leva a acreditar num futuro breve de mudanças práticas nesta cidade, é que Lindenmeyer está em sintonia com os grupos de proteção. Sozinho, por mais boa fé e vontade que tivesse, ele não teria força e tempo suficientes para conhecer plenamente e resolver o problema. Ele quer que o debate sobre o assunto possa existir sempre, e que não dependa da decisão de um só indivíduo para que se tomem as medidas necessárias. Percebo, no fim desta pesquisa, que, em relação ao sonhado bem-estar dos cães sem dono em Rio Grande, o poder público está com a companhia certa. A partir da parceria com os grupos de proteção, que efetivamente se envolviam mais a fundo com o assunto, através de ações diretas com os animais, campanhas de adoção e manifestações de conscientização, o poder público ganha um forte aliado, podendo tratar a questão com aporte de quem já conhece de perto os anseios, problemas, soluções e resultados de várias atividades, tornando mais objetivo o trabalho de resolução para o bem dos animais.

Em relação às questões práticas, é importante salientar de antemão a informação de que Alexandre é contra o estabelecimento do Canil. Disse que, após discussões e debates, ele compreendeu que o Canil não funciona como casa de passagem, como seria a idealização de sua condição, mas sim como um depósito, o que sabemos, torna o problema do abandono um processo cíclico. Para a maioria dos grupos de proteção, esta é uma notícia boa, e tenho certeza que eles estarão aliados para dar conta dos animais que ainda permanecem no estabelecimento. A informação do número de cães do Canil, segundo o entrevistado, há pelo menos vinte dias atrás, era de vinte cães adultos e sete filhotes. Ainda dentro desta pesquisa, tivemos notícias de que esse número já se encontrou triplicado em abril de 2011. O entrevistado é bastante preocupado com o controle populacional, tema também já abordado aqui como solução mais eficaz, se aliado a uma política pública, em vista da necessidade de remediação de uma situação que fugiu do controle e que causa sofrimento aos cães.

Alexandre afirmou também que pretende, através de licitações, promover um atendimento veterinário gratuito à comunidade, seja para cães com “donos”, seja para os cães comunitários, moradores da rua (numa comunidade específica, porém com tutores voluntários que lhes propiciem subsistência). Esse atendimento também poderá contar com a parceria dos grupos. Sobre projetos de Educação Ambiental, ele confirmou a

existência, mas revelou que poderemos conhecer melhor tais projetos na Secretaria do Meio Ambiente.

Cabe colocar que Alexandre tem conhecimento sobre a Secretaria Especial de Direitos Animais, de Porto Alegre, recém explicitada. Tendo feito contato em reunião na ocasião de sua campanha eleitoral com a Secretária, Sra. Regina Becker, ele constata que a política da SEDA funcionou e pode ser um exemplo, porém, com algumas distinções, como substituir o ônibus-hospital por um veículo para os animais que os transporte entre as clínicas e sua comunidade, e o fato de que, em Porto Alegre, trabalha-se com a casa de passagem, fator que em Rio Grande não parece, como já foi dito, uma solução viável.

Também foi pontual nesta entrevista o posicionamento particular do Prefeito em relação ao trato direto com animais. Ele considera que a lógica do bem tratar e do maltratar um animal está inevitavelmente relacionada com a lógica das relações humanas. O afeto ou a agressividade de um sujeito poderão ser refletidos entre seu trato com os animais e sua vida privada no meio humano, nas suas relações familiares. Então, o entrevistado considera não só importante o bem-estar animal do ponto de vista dos cães, como vincula a questão ao comportamento humano em todas as suas relações. O que me leva ao ponto crucial da entrevista: a consideração ética. Alexandre posiciona-se a favor do respeito a todos os animais. Concorde que eles sejam sujeitos de ética e que necessitem de uma atenção própria, colocando ainda que não bastaria ter um conselho ou uma coordenadoria, mas sim que o tema perpassasse as diversas instituições do poder público como, por exemplo, a Secretaria da Saúde e a Secretaria da Educação, o que ele também chamou de transversalidade, já que o assunto não pertence a uma pasta só. Outra colocação empolgante é seu posicionamento, quando diz: “Eu prefiro errar pela ação do que pela omissão”, ou seja, deixou-nos a expectativa de que algo vai ser feito, de que os animais não serão ignorados desta vez.

Assim, a partir do que pude ver, conhecer e partilhar, fazendo esta pesquisa, há agora um otimismo maior que em relação à gestão pública do mandato passado. Cabe esperarmos as articulações pretendidas e renovar as perspectivas em relação ao bem estar do cão abandonado em Rio Grande.

## 1.4 Estimativas de população canina

Segundo Dennis Turner, em entrevista a Arca Brasil (Associação Humanitária de Proteção e Bem-Estar Animal), no nosso país há um cachorro para cada sete humanos e 10% desse total é de animais abandonados. Nos Estados Unidos, segundo reportagem de 2003, a estimativa da quantidade de cães era de 68 milhões, enquanto que a da população era de aproximadamente 290 milhões, o que resultaria em um cão para cada quatro humanos. Esses dados também confirmam que a preservação e a manutenção da espécie domesticada e a transformação e a multiplicidade das raças, formando muitos indivíduos com comportamentos previsíveis e com modificação de alguns instintos, cresce e se aproxima cada vez mais do homem.

Mesmo assim, o índice de maus tratos e abandono não apresenta números menos surpreendentes. Conforme o site da Arca Brasil, há um histórico da superpopulação:

O nascimento dos grandes aglomerados urbanos durante a Revolução Industrial do século XVIII e XIX, intensificou o contato humano com os cães e gatos e favoreceu a proliferação descontrolada dos chamados “animais de companhia”. Desse aumento significativo, nasceu o dilema: o que fazer com os “excedentes”, considerando o risco da transmissão de doenças, entre elas a raiva? A morte foi a resposta. Nos EUA, na década de 70, 12,5 milhões desses animais eram mortos a cada ano. No Brasil não foi diferente. A política de captura e extermínio foi intensa, especialmente nas décadas de 1970 e 1980. Atualmente não é a raiva que sentencia à morte dos cães no país, hoje o perigo é a grande falta: falta de controle populacional, falta de educação para posse responsável, falta de políticas públicas e falta do cumprimento das leis. Uma equação cujo resultado será sempre descontrole e abandono. ARCA BRASIL, 2010, in [http://www.arcabrasil.org.br/noticias/1004\\_superpopulacao.html](http://www.arcabrasil.org.br/noticias/1004_superpopulacao.html)

Independente de raças puras ou cruzadas, o retrato social da situação mostra a absurda dicotomia entre cães humanizados, vivendo em condição que, mesmo em concepções humanas, representam luxo, e aqueles que estão nas ruas verdadeiramente em situação de risco. Qual a real diferença entre eles? Naturalmente nenhuma. Em meu “Diário de Bordo”, o qual construí ao longo do curso de Mestrado, colecionei notícias sobre maus tratos de cães em todo o mundo. Isso também justifica que o problema, tal como foi dado na pesquisa, não se limita ao universo do estudo de caso. Cito aqui, em manchetes, alguns dos casos dos quais coleciono as notícias e, no rodapé, fonte e data

de cada um: “Faminto, Pit Bull pula do terceiro andar e sobrevive (Boston/EUA)”<sup>5</sup>; “Veterinários tiram treze quilos de pelo de cão no Reino Unido”<sup>6</sup>; “Doze filhotes de cachorro são encontrados em caixa de lixo” (País de Gales)<sup>7</sup>; “Cachorro é enterrado vivo pelo próprio dono e sobrevive” (Novo Horizonte/SP)<sup>8</sup>; “Internautas se voltam contra enfermeira que espancou cachorro” (Formosa/Goiás)<sup>9</sup>; “Passeata vai lembrar morte de cadela em Pelotas”<sup>10</sup>(notícias recuperada de arquivos antigos, quando ainda nem imaginava realizar esta pesquisa); “Cão sobrevive com faca na cabeça”<sup>11</sup>(Jaguará do Sul/SC) (notícia também recuperada de arquivos antigos); “Chacina de Greyhounds<sup>12</sup>” ( EUA) (notícia também recuperada de arquivos antigos); “Cidade chilena tem chacina de cães após bispo pedir sua eliminação”<sup>13</sup>(Punta Arenas-Chile); “Chinês pede indenização após cão morrer em cirurgia plástica”<sup>14</sup> (Pequim/China), vale dizer que o cão passava por modificações estéticas sob justificativa de ficar mais atraente para aumentar o número de cruzamentos; o procedimento teria sido um *lifting* facial, e o cão não resistiu às anestésias.

Coleciono também outras notícias em relação aos cães e suas relações com os humanos, boas inclusive, mas selecionei estas por justificarem o valor da temática deste trabalho. Por isto, é interessante entender de onde saíram esses cães, como e por que

---

<sup>5</sup> <http://br.noticias.yahoo.com/faminto-pit-bull-pula-de-terceiro-andar-e-sobrevive.html>, acesso em 10/10/2011

<sup>6</sup> <http://br.noticias.yahoo.com/veterinarios-tiram-13-kg-pelo-de-cao.html> acesso em 31/08/2011.

<sup>7</sup> <http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2011/07/26/doze-filhotes-de-cachorro-sao-encontrados-em-caixa-de-lixo.htm> acesso em 17/10/2011.

<sup>8</sup> <http://br.noticias.yahoo.com/cachorro-enterrado-vivo-pelo-proprio-dono.html> Brasil, acesso em 08/12/2011.

<sup>9</sup> <http://br.noticias.yahoo.com/internautas-revoltam-contr-enfermeira-matou-cachorro.html>

<sup>10</sup> Diário Popular, terça-feira, 12 de abril de 2005.

<sup>11</sup> Zero Hora, 23 de março de 2005.

<sup>12</sup> Cão e Cia, data não encontrada. Edição posterior à 176.

<sup>13</sup> <http://www.faunabrasil.com.br/sistema/modules/news/article.php?storyid=4131>, acesso em 15/01/2013.

<sup>14</sup> <http://br.noticias.yahoo.com/chin%C3%AAs-pede-indeniza%C3%A7%C3%A3o-ap%C3%B3s-c%C3%A3o-morrer-durante-cirurgia-pl%C3%A1stica-140843106.html>, acesso em 19/02/2013.

eles estão aqui. Este é o esforço do capítulo seguinte, tema seguido das outras problematizações desta pesquisa.

## **2. PROBLEMATIZAÇÃO - Ideias prévias, conexões, legislação e filosofias – Educação Ambiental, Ética e Antropocentrismo**

*Os outros contêm a tempo as lágrimas. Todos sentem que chorariam e que cada nova fonte faria jorrar uma fonte vizinha.*

*Dizem à senhorita:*

*-Deixa de ser boba, não é nada.*

*Por que nada? É a vida! E não podemos saber até onde chegaria a que acabamos de suprimir.*

*Jules Renard*

Neste capítulo, serão abordados a problematização, o cruzamento das referências e a definição dos termos concernentes à pesquisa. Observando o estado do problema apresentado sobre a relação entre humanos e cães, é inevitável fazer algumas considerações relevantes, que devem ser tratadas nesta pesquisa que preza a vida dos animais, especialmente por estarem, teoricamente, sob salvaguarda dos humanos. O primeiro exemplo refere-se à dominação humana sobre tudo e todos.

Se acreditamos que o homem faz parte da natureza tanto quanto qualquer outro animal, entenderemos também que, por conta de sua racionalidade, aspecto singular à espécie humana, “é o maior dos predadores”. Entretanto, essa racionalidade tem se dado em uma busca irrefreável das possibilidades de sofisticação, requinte, facilidades e necessidades criadas pelos humanos. Portanto, “predador” parece uma palavra um tanto naturalista para nomear a passagem humana sobre a Terra, tentando justificar os estragos à vida humana e, principalmente, às outras formas de vida. Sendo assim, não seria exatamente um “predadorismo”, pois este termo refere-se à alimentação, necessidade básica a todos os animais. Afirmo isto por perceber que, muitas vezes, a racionalidade humana, voltada para o progresso civilizado de sua espécie, não exclui o instinto intrínseco ao homem, o que tem justificado certas ações que causam grande impacto na vida de outras espécies. Um pensamento ético desarmaria essa justificativa. No entanto, a possibilidade de ter vantagens numa trajetória existencial definida pelo egocentrismo, às vezes e para alguns homens, parece ter sido primordial.

A problemática dos cães enquadra-se neste sentido de forma muito intensa, pois a relação ocidental entre os homens e estes animais é dita como uma relação de cumplicidade, companhia e colaborações mútuas. No oriente, também há domesticação e essa relação de amizade; porém, a legalidade e a popularidade do consumo de carne de cachorro insere uma diferença irrefutável entre as duas culturas. O homem atravessa assim três categorias na relação com o cão: a de caçador, a de domesticador e, por último, a de cuidador, uma interligada à outra, numa relação de causa e efeito e de aproximação afetiva, como se verá adiante, no subcapítulo sobre a domesticação. É visível hoje que o homem humaniza o animal na domesticação e o desumaniza no abandono, mas nessa última etapa o animal não é mais aquele selvagem domado, e sim um dependente da sociedade em que está.

Esta pesquisa posiciona-se em favor da luta protecionista, e em prol de todos os animais. O afunilamento na questão dos cães, porém, torna-se necessário para que haja um recorte na questão protecionista e levanta estudos bem específicos sobre o humano e suas relações, já que o cão carrega o emblema de “melhor amigo do homem”. Presenciar um cão sendo maltratado hoje, pode ser, por uma questão cultural, mais chocante do que algumas outras explorações do homem sobre o mundo animal, em função dessa cumplicidade que, por sua vez, provém da capacidade de comunicação entre as espécies.

Acredito ser pertinente colocar aqui a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, proclamada pela UNESCO – ONU, em Bruxelas - Bélgica, em 27 de janeiro de 1978, que enuncia o seguinte:

Preâmbulo:

Considerando que todo o animal possui direitos;

Considerando que o desconhecimento e o desprezo desses direitos têm levado e continuam a levar o homem a cometer crimes contra os animais e contra a natureza;

Considerando que o reconhecimento pela espécie humana do direito à existência das outras espécies animais constitui o fundamento da coexistência das outras espécies no mundo;

Considerando que os genocídios são perpetrados pelo homem e há o perigo de continuar a perpetrar outros;

Considerando que o respeito dos homens pelos animais está ligado ao respeito dos homens pelo seu semelhante;

Considerando que a educação deve ensinar desde a infância a observar, a compreender, a respeitar e a amar os animais,

Proclama-se o seguinte:

ARTIGO 1: Todos os animais nascem iguais diante da vida, e têm o mesmo direito à existência.

ARTIGO 2: a) Cada animal tem direito ao respeito; b) O homem, enquanto espécie animal, não pode atribuir-se o direito de exterminar os outros animais, ou explorá-los, violando esse direito. Ele tem o dever de colocar a sua consciência a serviço dos outros animais; c) Cada animal tem direito à consideração, à cura e à proteção do homem.

ARTIGO 3: a) Nenhum animal será submetido a maus-tratos e a atos cruéis; b) Se a morte de um animal é necessária, deve ser instantânea, sem dor ou angústia.

ARTIGO 4: a) Cada animal que pertence a uma espécie selvagem tem o direito de viver livre no seu ambiente natural terrestre, aéreo e aquático, e tem o direito de reproduzir-se; b) A privação da liberdade, ainda que para fins educativos, é contrária a este direito.

ARTIGO 5: a) Cada animal pertencente a uma espécie, que vive habitualmente no ambiente do homem, tem o direito de viver e crescer segundo o ritmo e as condições de vida e de liberdade que são próprias de sua espécie; b) Toda a modificação imposta pelo homem para fins mercantis é contrária a esse direito.

ARTIGO 6: a) Cada animal que o homem escolher para companheiro tem o direito a uma duração de vida conforme sua longevidade natural; b) O abandono de um animal é um ato cruel e degradante.

ARTIGO 7: Cada animal que trabalha tem o direito a uma razoável limitação do tempo e intensidade do trabalho, e a uma alimentação adequada e ao repouso.

ARTIGO 8: a) A experimentação animal, que implica em sofrimento físico, é incompatível com os direitos do animal, quer seja uma experiência médica, científica, comercial ou qualquer outra; b) As técnicas substitutivas devem ser utilizadas e desenvolvidas

ARTIGO 9: Nenhum animal deve ser criado para servir de alimentação, deve ser nutrido, alojado, transportado e abatido, sem que para ele tenha ansiedade ou dor.

ARTIGO 10: Nenhum animal deve ser usado para divertimento do homem. A exibição dos animais e os espetáculos que utilizem animais são incompatíveis com a dignidade do animal.

ARTIGO 11: O ato que leva à morte de um animal sem necessidade é um biocídio, ou seja, um crime contra a vida.

ARTIGO 12: a) Cada ato que leve à morte um grande número de animais selvagens é um genocídio, ou seja, um delito contra a espécie; b) O aniquilamento e a destruição do meio ambiente natural levam ao genocídio.

ARTIGO 13: a) O animal morto deve ser tratado com respeito; b) As cenas de violência de que os animais são vítimas devem ser proibidas no cinema e na televisão, a menos que tenham como fim mostrar um atentado aos direitos dos animais.

ARTIGO 14: a) As associações de proteção e de salvaguarda dos animais devem ser representadas a nível de governo; b) Os direitos dos animais devem ser defendidos por leis, como os direitos dos homens.

## **2.1 Alguns conceitos-chave: Educação Ambiental e legislação**

Os conceitos-chave desta pesquisa são Humanidade, Natureza, Sociedade, Pensamento Sistêmico, Meio Ambiente, Educação Ambiental, Ética, Domesticação.

O pensamento sistêmico, utilizado como epistemologia desta pesquisa, colabora com a capacidade de intersecção dos assuntos abordados, em busca de uma compreensão mais verdadeira e de uma resolução possível para o problema. Segundo Machado (2009), o pensamento sistêmico poderia ser considerado como o “pensamento configurado a partir da intuição heurística, isto é, o pensamento que resultou da combinação da experiência e da intelectualidade do pensador, que lhe dá condições para agir” (MACHADO, p. 106). É este pensamento que privilegia a complexidade em detrimento da visão fragmentada do conhecimento na qual não há diálogo entre as ciências.

Além da epistemologia que direciona a pesquisa, a questão da educação ambiental requer conceituações objetivas. Defino meio ambiente como o lugar onde

haja relação entre espécies vivas, sejam elas quais forem. Porém, neste trabalho, o meio ambiente estudado é aquele no qual o humano está necessariamente situado, por isto, trago o conceito de meio ambiente de Reigota que é:

[...] um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformações da natureza e da sociedade. (REIGOTA, 2009, p. 36).

Para Reigota (2009), a Educação Ambiental tem que ser vista também como educação política, porque precisa estar comprometida com a cidadania. Mais do que isto, deve tornar os cidadãos sujeitos que buscam as soluções numa relação de liberdade, autonomia e ética, pois é deles que virão as soluções. Desta maneira, a Educação Ambiental é o caminho mais hábil para a abertura da mentalidade e consequente mudança de comportamento da sociedade.

Para mim, uma definição de educação ambiental seria aquilo que conseguisse atingir os sujeitos através de sua própria sensibilidade, e não através da autoridade ou do direito. Seria uma educação que transformaria a partir da reflexão e da experiência, que utilizaria a empatia nas relações e a ética como foco primordial. Seria uma educação primeiramente mental, e depois passível da propagação através de estímulos promovidos pelo conhecimento, esclarecimento e reflexão. Uma educação que de fato se estabeleceria numa condição de liberdade de pensamento e comportamento, desvinculada da ordem da cultura de massa. Uma educação que leve em conta aspectos biológicos que sustentam que o humano é, inevitavelmente, parte da natureza e, inevitavelmente, produtor e receptor da cultura. Assim, numa visão complexa, compreender-se-ia que natureza e cultura formam o todo do humano, somando-se a isso, claro, sua própria individualidade.

Então a humanidade seria capaz de se perceber e perceber o outro na perspectiva biológica individual, sem, no entanto, ignorar os aspectos históricos que direcionaram o humano até hoje. Contudo, poderia, mesmo assim, não justificar aquilo que se compreende, por simplesmente ser compreensível, como sustenta Morin (e conforme esclarecerei a seguir), mas entender o processo para desenvolver uma reflexão mais aprofundada, na esfera filosófica e moral, com o intuito de não repetir os erros reconhecidos e “compreendidos”. Estes erros fizeram parte de uma lógica antropocentrismo durante tempo suficiente para torná-la um hábito. Uma educação

ambiental deve ser questionadora e formadora de novas concepções, alargadora de horizontes, pronta para entrar em prática por intermédio de qualquer sujeito. Se compreendo ambiente como o local onde interagem espécies vivas, o antropocentrismo está inevitavelmente e literalmente excluído de minha concepção de Educação Ambiental.

É fundamental rever, no cotidiano, a relação entre humanos e outras espécies, buscando o equilíbrio do bem comum. O autor sustenta que se deve procurar estabelecer uma forma que ofereça a todas as “espécies biológicas” uma convivência e sobrevivência dignas, (REIGOTA, 2009, p. 14). Neste conceito de Educação Ambiental como Educação Política, salienta-se que se deve questionar o “por quê” fazer, não o “como” fazer, ou seja evitar de apenas estudar qual a melhor maneira de se fazer algo, com menos impacto, mais efetividade, ou de maneira mais ecológica. É preciso pensar por quê tal coisa deve ser feita, a quem servirá, o quanto necessária é, o quanto favorecerá e o quanto prejudicará. Um exemplo simples sobre isto seria pensar que, já que existe a reciclagem, poderemos produzir o lixo sem a menor reflexão sobre a lógica do consumo que produz a embalagem. Essa seria uma ação irrefletida, remediada e terceirizada, retirando-nos da responsabilidade de participação nessa produção.

Segundo Reigota, essa educação de que fala também contesta os conteúdos curriculares das instituições de ensino, que trabalham com a preocupação da utilização do conhecimento para, por exemplo, concursos e exames, e não prezam a verdadeira ação do aluno, e nem dá a ele a visão do todo ou as possibilidades de conexão entre esses conteúdos, que o preparariam para o verdadeiro entendimento, propulsando a construção do conhecimento. Assim, ainda de acordo com o autor, entende-se que a

[...] Educação ambiental como educação política é por princípio: questionadora das certezas absolutas e dogmáticas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências, é inovadora quando relaciona os conteúdos e as temáticas ambientais com a vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; e crítica muito crítica em relação aos discursos e às práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenção das pessoas e dos grupos independentes e distantes dos programas políticos, religiosos, culturais e sociais e da falta de ética. (REIGOTA, 2009, p. 15)

O papel da educação ambiental, neste sentido, é envolver os cidadãos numa teia de equilíbrio biológico e social, e de negação ao individualismo. Reigota, que defende que a Educação Ambiental deve também ser política, diz:

Pensar as nossas relações cotidianas com os outros seres humanos e espécies animais e vegetais e procurar alterá-las (nos casos negativos), ou ampliá-las (nos casos positivos) numa perspectiva que garanta a possibilidade de se viver dignamente é um processo (pedagógico e político) fundamental e que caracteriza essa perspectiva de educação. Dessa forma o componente “reflexivo” da e na educação ambiental é tão importante quanto os elementos “participativos” (estimular a participação comunitária, e/ou coletiva para a busca de solução e alternativas aos problemas cotidianos) ou comportamentais (mudança de comportamento individuais e coletivos viciados e nocivos ao bem comum). (REIGOTA, 2009, p.13)

Esta reflexão refere-se à capacidade de raciocinar, medindo as consequências de nossos atos e verificando sua influência nos outros seres. Cabe aqui a necessidade da empatia, para que se possa compreender melhor a condição alheia e tentar assim perceber sua capacidade de resiliência. Somente esta ação levará ao cumprimento consciente das leis existentes e, mais importante, a uma mudança de postura, de consideração e de comportamento que, se levados à profundidade e ao coletivo, não tornaria necessário o apelo à lei, pois tornar-se-ia algo intrínseco à ética reflexiva e prática de cada um.

Dialogando com o conceito de Reigota (2009), em seu artigo “Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental: Alternativa ou Eufemismo?”, Brügger (1999) define: “sinteticamente, meio ambiente é o resultado das interações da sociedade com a natureza”, entendendo sociedade como aquilo que foi construído pelos humanos e, como natureza, o ambiente tal qual existe. Para esta autora, a Educação Ambiental deve questionar seus fundamentos e objetivos, pretendendo construir uma nova visão de mundo e, conseqüentemente, uma sociedade mais justa para todos (BRÜGGER, 1999). Assim, ela concorda que a Educação Ambiental deve promover não simplesmente o cumprimento de leis e regras, mas a capacidade de criticar e repensar os valores da sociedade. O adestramento, palavra também utilizada por Brügger (1999), demonstra uma atitude de simples repetição, irrefletida, e não leva em conta os possíveis desenvolvimentos sensíveis e intelectuais do sujeito, ou seja, consta em obedecer. Vinculo esta atitude com a do “acendedor de lampiões” (SAINT-EXUPÉRY, 2009), na obra de 1943, que permanece viva ainda hoje.

A educação ambiental, neste sentido, deve buscar os subsídios teóricos, artísticos, científicos e empíricos para ser questionadora e prática, e não para ensinar dados objetivos. A educação precisa vir antes mesmo do cumprimento das leis, pois é ela que é capaz de repensar a legislação e orientar suas decisões, se for necessário e, diga-se, sempre será necessário. O humano está em permanente crescimento intelectual, e alguns também em crescimento espiritual, isto é, um crescimento de visão de mundo e de sua própria vida. A legislação pode refletir isto, e não o contrário.

É importante registrar agora, já que citamos a legislação existente hoje em relação aos animais, e reparar realmente as modificações e novidades a que está sujeita, dependendo das necessidades sociais que vão se apresentando: a Lei Estadual nº 13.193, de 30 de junho de 2009, que dispõe sobre o controle da reprodução de cães e gatos de rua e explicita outras providências no Estado do Rio Grande do Sul, sendo, portanto, recente. Já o Decreto 24.645,/34, do Governo de Getúlio Vargas, que era um documento bastante completo em relação às leis que proibiam e puniam os maus tratos a animais, inclusive domésticos, não está mais em vigor. Em relação ao meio ambiente, temos a Lei Federal 9.605/98, mas ela não dá conta do que previa o Decreto recém citado e, infelizmente, extinto.

A questão jurídica é tema fundamental aqui, já que existe e reconhece o direito dos animais, porém constata-se que ela não é cumprida, muito menos conscientemente. O essencial agora não é criar leis, elas já existem. O que é preciso é entender por que não é habitual cumpri-las conscientemente. O cumprimento de leis deve provir não da lógica da autoridade, mas da consciência sobre o que é válido para a vida, e sobre o que é certo para si e para o outro. Por isto, o que não está previsto pela lei não significa que não é importante. Assim como aquilo que não é punido socialmente, seja necessariamente ético.

### **2.1.1 Complexidade e Justificativa**

A compreensão sobre determinada coisa, por exemplo o abandono de cães, sugere que existe sim uma explicação para o fenômeno, mas compreendê-la não significa naturalizá-la e encerrar o assunto. Sobre isto, e para ilustrar o eixo central da pesquisa, busco Morin, quando diz:

Compreender não significa justificar. A compreensão não desculpa nem acusa. Favorece o juízo intelectual, mas não impede a condenação moral. Não leva à impossibilidade de julgar, mas à

necessidade de complexificar o nosso julgamento. (MORIN, 2011, p. 121)

O mesmo autor diz que é preciso também compreender a incompreensão, e que a tarefa da compreensão não é fácil, visto que quem compreende está desconhecido de quem não compreende, e de quem não compreende que o compreendemos. Por outro lado, Morin (2011) afirma o seguinte, a respeito da tolerância:

A tolerância, recusando a intimidação, as interdições, o anátema, dá prioridade ao argumento, ao raciocínio, à demonstração. A tolerância é fácil para o indiferente e para o cínico, mas difícil para o sujeito de convicções. Ela comporta o sofrimento; o sofrimento de tolerar a expressão de ideias revoltantes sem se revoltar. (MORIN, 2011, p. 106)

Acredito que o exercício da pesquisa exija essa tolerância, sendo, mesmo assim, o pesquisador um sujeito de convicções, pois assim ele terá os argumentos e o equilíbrio necessário para realizar seu estudo com pretensão de verdade, com algum sofrimento talvez, mas sem julgamentos. Na linha de pesquisa Fundamentos em Educação Ambiental, encontro estrutura para instigar os valores morais e explorar a filosofia moderna. É só a partir dos fundamentos que as ações são possíveis, e só a partir das ações que as mudanças são possíveis. Portanto, é preciso rever na teoria, nos textos, nas crenças, nas ciências, aquilo que nos define, e que nos faz conhecedores. Mas não podemos parar por aí. Não podemos apenas engavetar a filosofia moderna, deixar apenas que ela permita uma nova visão de mundo sem, contudo, proporcionar a reflexão de cada ação concreta na vida, especialmente quando essas ações atingem outro ser vivo. A seguir, apresento melhor o outro ser vivo desta pesquisa e, em seguida, a filosofia moderna, da qual falei agora, que dá subsídios para reprojeter um novo comportamento sobre os animais.

## **2.2 Interdependência, novos elementos na matilha e domesticação: a condição canina**

Procurando informação sobre a espécie canídea mais antiga que se possa encontrar na história, encontro o *Cynodictis*, antepassado do cão, reconhecido por paleontólogos e datado de sessenta milhões de anos, encontrado na Europa; e, mais

tarde, o *Pseudocynodictis*, uma forma mais evolucionada, na América do Norte, que possuía dentadura idêntica e outros caracteres físicos semelhantes ao do gênero *Canis*. Também encontro outro registro de cão: o *Daphoeneus*, cerca de dez milhões de anos, que seria o precursor do lobo, enquanto o *Pseudocynodictis* seria o da raposa. Existiram ainda o *Mesocyon*, o *Cynodesmus*, e o *Tomarctus*. (Rizzoli, 1973)

O *Canis*, que corresponde ao cão doméstico, ao lobo, ao chacal e à raposa, aparece na América do Norte, bem mais tarde, há um milhão de anos. Segundo Rizzoli (1973), o cão nasce na Europa, desenvolve-se na América, regressa à Europa e reaparece na América recentemente. Esse autor sustenta também que não será absurdo afirmar que o cão é um lobo domesticado. As distinções fisiológicas são mínimas e podem ser atribuídas à diferença de alimentação.

As aproximações iniciais, portanto, que os autores indicam, ocorreram na observação de algumas espécies de que, em determinadas circunstâncias, a proximidade com o homem lhes seria útil. Ambas as espécies viviam da caça e o lobo, reconhecendo no homem um concorrente, a princípio e, mais adiante, um facilitador de alimento, já que deixava restos da caça à sua disposição, buscou a companhia humana e manteve a proximidade para facilitar sua própria sobrevivência. Os nativos, por sua vez, eram atraídos pelos filhotes de lobos e começaram a criá-los. Por vezes, chegando à vida adulta, esses animais eram sacrificados para alimentarem os homens, mas aos poucos essa relação de simples colaboração de subsistência, mais utilitarista do que amigável, transformou-se numa relação de interdependência e cumplicidade.

A partir daí, novas relações podem ter surgido, porque a presença do homem surtiu um estímulo positivo para o animal. O homem, por sua vez, recíproco ou curioso, teria sido mais amistoso e menos hostil ou indiferente ao animal, reconhecendo nele também um potencial de guarda e vigilância para sua morada, e de maior segurança em seu descanso noturno. Logo, procurou assegurar a companhia do animal, que teria passado, respectivamente, pelas etapas de “ladrão”, convidado e amigo (RIZZOLI, 1973, p. 14, 17, 18); portanto, tendo também o cão encontrado um amigo na espécie humana e, nos primórdios, ter se aproximado dela voluntariamente, podemos entender que a relação, no geral, verificou-se saudável e positiva para ambos os lados, enquanto o homem esteve controlando a população desses animais e sua presença no meio social.

Partindo dessa relação mutualista, estabelecida sob motivos de sobrevivência, a relação tornou-se cada vez mais conectada e íntima. A espécie que emergiu dessa

amizade e interdependência foi manipulada para as diferentes necessidades do homem. Assim, temos hoje, além de raças primitivas e rústicas, surgidas através de seleção natural, uma infinidade de raças criadas através de seleção artificial, ou seja, através das escolhas e ações humanas. Surgiram, assim, as categorias como cão-de-guarda, cão de caça, cão de briga, cão de companhia, cão pastor, entre outras.

Bruce Fogle, médico veterinário e estudioso da história dos cães, escreve:

O cão de hoje, é tanto intencional, como acidentalmente, uma invenção nossa. É também um dos mais prolíficos predadores que vivem ou viveram em terra, superando em muito o número dos ancestrais lobos. O cão é uma história de sucesso de várias formas, devido à sua habilidade de se adaptar ao ambiente humano em constante mudança. (FOGLE, 2009, p.15)

A intervenção humana nesses animais, ao longo da atividade da domesticação, permitiu a grande propulsão para a mútua convivência por tantos anos e de forma tão próxima com eles. O homem, sem planejar, trouxe, para a vida humana, a convivência pacífica desses seres. Rizzoli (1973) também concorda que a amizade entre as duas espécies foi um importante ponto na evolução da civilização. Não parece haver outro modo de pensar a construção e o crescimento da civilização sem a presença do cão. Essa presença ainda pode ter ajudado a tornar o homem mais sensível à vida alheia, diferente da sua, porque era possível reconhecer no cão a fidelidade, a reciprocidade e a gratidão que lhe prestava.

É importante deixar claro, agora, que esta pesquisa jamais vai diferenciar o cão de raça do sem raça, porque acredito em animais como indivíduos, como sujeitos vivos e singulares, e não apenas como exemplares de uma biodiversidade. A domesticação, desde o início, estruturou-se a partir de uma relação de confiança e de reciprocidade. Assim, era possível ao homem sentir-se seguro de que estava tomando uma medida proveitosa para seus semelhantes, ao deixar-se aproximar dessas criaturas que, de fato, eram selvagens, mas que, aos poucos, adequaram-se ao meio social. Então, não era só a utilidade prática que concedeu o futuro dessa relação, mas a amizade já estava consolidada reciprocamente. Os homens não só dividiam o espaço em que viviam e sua própria comida com esses cães/lobos, como compartilhavam também fortes laços de afeto e interdependência, numa época quando ainda não havia estudos sobre o comportamento dos animais nem experiências formalmente relatadas do assunto.

A Figura 1, a seguir, consiste em uma fotografia de um fóssil humano, próximo a um fóssil canino, e testemunha a relação de proximidade em sua respectiva data:

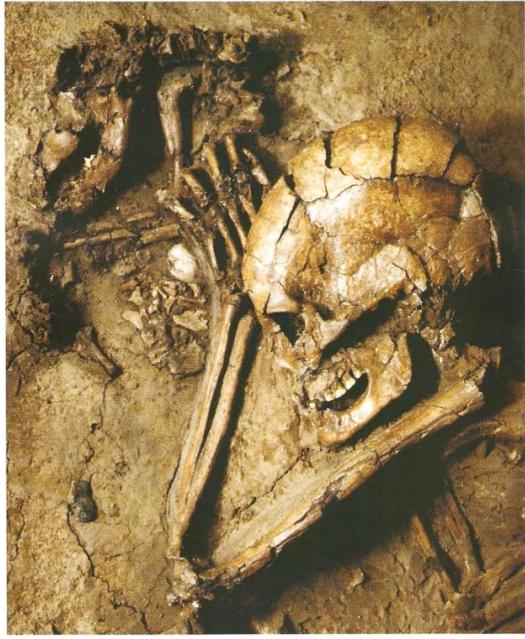


FIGURA 1 - Mulher natufiana e cachorro de 10.000 a.C.  
FONTE: Revista National Geographic Society, 2003.



FIGURA 2: Cachorro mumificado, com cerca de mil anos, no México.

FONTE: Uol notícias, disponível em <http://noticias.bol.uol.com.br/ciencia/2012/11/20/mexico-examina-esqueleto-de-cao-com-mil-anos.jhtm>, acesso em 21/01/2013.

Segundo a fonte da imagem da Figura 2, arqueólogos do INAH (Instituto Nacional de Antropologia e História), do México, recuperaram o corpo do animal de uma coleção particular. O fato, que é único no país e raríssimo no mundo (Peru e Egito já tinham história de mumificação de cães), comprova que cães participaram de ritos funerários.

Uma história interessante sobre a relação homem-cão é a de Hachiko, um emblema do não abandono e da devoção incondicional. Essa história passa-se na década de vinte, no Japão. Um exemplar da raça Akita, original daquele país, acabou construindo uma lenda da adoração canina no mundo, ratificando uma simbologia da amizade. Hachiko era o cão do professor Hidesaburō Ueno, que costumava levá-lo e buscá-lo na estação de trens de Shibuya, todos os dias. Certo dia, já habituado ao ritual de buscar o dono em seu retorno do trabalho, Hachiko não o encontrou na estação de trem na hora de sempre. O professor Ueno havia sofrido um problema cardíaco fatal no trabalho. Hachiko, porém, desconhecendo a morte de seu dono, não deixou de esperá-lo por todos os dias seguintes no mesmo lugar, até sua própria morte, fazendo, assim, as atenções das pessoas que passavam pela estação de trem se voltarem para essa atitude surpreendentemente leal. Ainda que familiares se dispusessem a cuidar do cão, ele fugia

para voltar à estação, incansavelmente, e esperar por seu dono, que jamais voltaria. Hachiko morreu nove anos depois. Logo após a morte do cão, foi erguida uma estátua de bronze em sua homenagem, o que nos apresenta um reconhecimento e carinho humanos para com o cão e sua atitude. Essa história foi publicada recentemente e pode ser conferida no filme, traduzido para o português: “Sempre ao Seu Lado”, refilmagem de “Hachikô Monogatari”.

Embora esta história tenha sido apropriada pelo folclore, Hachiko não foi o único cão a demonstrar esse afeto e lealdade incondicional ao ser humano. Enquanto finalizava esta pesquisa, recebi a notícia de um caso muito semelhante ao de Hachiko: trata-se de uma cadela que seguiu a ambulância, onde seu dono estava sendo socorrido, até o hospital. O homem não resistiu ao problema de saúde, mas a cadela aguardou na porta da Unidade de Pronto Atendimento, em Cabo Frio, no Rio de Janeiro. Conforme funcionários do local, a cadela apelidada de “Caramelo” (Figura 3), recusou-se a ir para casa com familiares da vítima. No dia da notícia, 22 de janeiro deste ano, havia se passado quinze dias da morte do homem.



FIGURA 3: Caramelo, retratada na porta do Pronto Socorro de Cabo Frio/RJ.

FONTE: Site Em.com.br, disponível em [http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2013/01/22/interna\\_nacional,345116/na-porta-de-upa-no-rio-cadela-espera-dono-que-morreu.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2013/01/22/interna_nacional,345116/na-porta-de-upa-no-rio-cadela-espera-dono-que-morreu.shtml), acesso em 21/02/2013.

É uma atitude habitual do cão a constante e permanente amizade e devoção por seu dono. Essas histórias apenas dão visibilidade e notoriedade à proximidade na relação homem-cão. E, com o filme, através da mídia, esse gesto canino promove, no

mínimo, uma reflexão às pessoas quanto à vida canina diante da humana, sua fidelidade, seu amor incondicional, sua incansabilidade afetiva. Além disto, um contexto desse tipo coloca a disposição humana de doar-se ao outro à prova, assim como o cuidado, a responsabilidade, o afeto e a lealdade. Não ignoro que muitos homens também tenham uma história tão incrível como essa, de respeito e gratidão ao seu cão, o que só confirmaria a cumplicidade sentida pelo homem. Mesmo assim, faço questão de citar essa história, por configurar-se como a antítese do problema da pesquisa, que foca o abandono do cão pelo homem, independente das consequências e necessidades do primeiro.

Na história real de Hachiko, de Caramelo e de tantos outros cães de quem não temos notícia, o apego do animal demonstra uma dependência e uma intimidade de convívio muito grande, se não quisermos chamar de sentimentos mais complexos e geralmente relacionados aos humanos, como o amor. Não saberemos precisar se o que Hachiko fez, esperando por nove anos que seu dono voltasse, foi difícil para ele. Creio, inclusive, que não foi. Embora frustrante, pois sua espera não deu resultado, penso que foi um processo natural, visto que os cães têm essa característica que podemos chamar de incondicionalidade.

Se quiséssemos uma explicação mais profunda, poderíamos procurar conhecer/perceber características da raça Akita, que costuma ser um cão que se apega mais a uma única pessoa do que a uma família toda. Porém, penso que a profundidade aqui transcende a questão genética e comportamental pré-estabelecida. A espera de Hachiko virou um símbolo para nós. Com o filme (mais adiante disserto sobre as capacidades do cinema), a difusão foi ampla, do Japão para o mundo, e nos trouxe uma lenda verídica sobre a amizade entre duas espécies, o que deveria nos fazer pensar sobre os animais que estão perto de nós.



FIGURA 4 - O verdadeiro Hachiko, originário da história e filmes.  
FONTE: <http://www.hachiko.org/uk/welkom.html>



FIGURA 5 - Estátua de Bronze, em homenagem ao cão Hachiko, erguida na década de trinta, no local exato onde ele esperava seu dono.  
FONTE: <http://otakujade.wordpress.com/2010/07/20/hachiko/>

### 2.3 Os primeiros laços de cumplicidade: o uso, a afeição, e a condição humana

Se, no princípio da domesticação, o cão servia às ações práticas do homem, podemos averiguar que essas “serventias” progrediram para o *status* de amizade. Sendo assim, o homem, confiando no cão, continuou a abrigá-lo não mais por seu trabalho, mas pela sua companhia, pelo seu afeto gratuito. Chellini compreende a humanidade que “escolhe” o cão e trata, resumidamente, de suas consequências na vida moderna:

[...] Há muito tempo que se discute e se propõe as interpretações e explicações mais amplas, no aspecto psicológico, sociológico e mesmo ético, sobre qual é a estruturação fundamental da vida do homem moderno, vista sob o aspecto de cidadão-trabalhador-consumidor que forma parte da tão criticada “sociedade de consumo”. Analisaram-se neuroses, estados de ânimo, preocupações, angústia; encontramos-nos em resumo, diante duma situação geralmente aceita, se bem que analisada em forma distinta, para a qual propõe causas e críticas também diferentes. Esta situação, este estado de fato, gera no indivíduo uma série complexa de autodefesas, parcialmente válidas mas todas tendentes a preservá-lo dum afastamento total da natureza, entendida não tanto como regresso às origens mas como oposição à supermecanização, à standartização e automatização da vida, já próximo à forçosa equação: consumir para produzir, produzir para consumir. (CHELLINI, 1973, p. 10)

Continuando o raciocínio do mesmo autor, que disserta sobre o cão, pode-se dizer que, compreendendo a natureza humana, entende-se que há lacunas, especialmente do ponto de vista sentimental, quando o homem se sente separado da “natureza”. Averiguam-se os motivos internos, psicológicos e emocionais que levam o homem a procurar esse “melhor amigo”, como demonstra o trecho seguinte ao supracitado:

[...] Neste quadro inscreve-se, também, o desejo de possuir um cão. Desejo realmente ditado, às vezes, pelo esnobismo ou pela ânsia de êxito numa atividade qualquer, mas também por carências afetivas reais. No próprio âmbito familiar, o homem encontra cada vez com maior dificuldade a comunhão de interesses, o calor que necessita, quando não enfrenta uma verdadeira crise do núcleo familiar, somente integrado de forma parcial ou substituído pelo grupo, o clã, o grupo cultural ou esportivo. Então o homem médio busca um substituto, isto é, trata de criar um vínculo particular, afeto misturado com autoritarismo, onde a ternura e o rigor consigo mesmo materializam-se pelo menos em outro ser vivo, embora não seja humano. Desta maneira pode voltar a ser apoio, não somente econômico, de alguém

que além disso, o distrai, permite-lhe desafogar a sua imaginação, a qual pelo menos pode voltar à natureza graças ao companheiro-amigo-súdito-animal. (CHELLINI, 1973, p. 10)

Nesta perspectiva da análise psicológica, compreende-se que o homem encontra ou procura encontrar, na relação com o cão, a possibilidade de preencher vazios deixados em sua vida. Vazios que podem provir de seu estilo de vida, como se verá mais adiante, e que correspondem, também, ao ato de proteger e ser protegido; de ter alguém para cuidar, numa relação interdependente que parece prometer ser sempre positiva, e não trabalhosa. Porém, a realidade não é sempre igual, ou dificilmente o é, às expectativas. O homem pode cansar, pode querer abdicar, pode se surpreender com a responsabilidade que implica “ter” um animal em seu domínio, em sua casa, em sua vida.

Quando isso acontece, o homem sente e pode perfeitamente relatar suas insatisfações, além de ter o poder prático de “livrar-se” do cão, de pensar que sabe o que é melhor para ele, renunciando, na verdade, à responsabilidade de uma vida alheia que existe ao seu redor, e que se apresenta frágil e involuntária diante da decisão humana. O cão não decidirá, nem tampouco jamais entenderá a decisão humana, ainda que a relação se mostre negativa para ele também. Como um ser guiado por instintos e sentimentos inatos, ele não é capaz de entender explicações ou implicações, muito menos as que se referem à complexidade da psicologia e vida humanas. Sentirá apenas as consequências desse abandono, e precisará recorrer a subterfúgios para garantir sua própria sobrevivência, o que configura a chamada adaptação, que precisará fazer, por exemplo, a um novo lar, mesmo que esse seja a rua. Esse é um processo complexo, já que, normalmente, o homem que abandona o animal pode ter sentimentos de piedade ou arrependimento, mas isso não mudará a real dificuldade fisiológica e sentimental, mesmo que temporária, a que o cão está exposto.

Ainda sob o aspecto humano, diante dessa situação problemática, o mesmo autor argumenta:

[...] E compra o cão. Ali está, vivo, com uma presença física bem definida, que deixa pouca margem à imaginação. De repente compreendemos que consentimos numa eleição talvez irrefletida, apressurada, sem ponderação. Ali está o brinquedo, mas também o companheiro: presente quando o queremos, é certo, mas também quando preferimos não tê-lo. Então percebe-se que não é um brinquedo que se pode guardar na gaveta até a manhã seguinte. Mesmo que não se compreenda por raciocínio, intui-se que é um ser vivo sumamente sensível, que desgraçadamente, com alegrias e

prazeres pode causar-nos dores e preocupações, e custar-nos também sacrifício concretos. Muitos neoproprietários assustam-se diante deste “estranho” descobrimento e desfazem-se do cão presenteando-o ou, pior ainda, atirando-o materialmente na rua. Outros, pelo contrário, perdem em seguida todo o entusiasmo e paixão pelo amigo e prolongam uma relação de insatisfação, fastio, irritação, desafogando-se em desconsideração para com ele, cuja única culpa é a de estar vivo e presente. Poucos, muito poucos, mesmo sem haver enfrentado conscientemente esta convivência, documentando-se antecipadamente, sabem aprender e logram estabelecer uma relação justa, que procure a ambos satisfações e alegrias legítimas. Por que acontece isso? Por que as nossas noções relativas aos animais são muito limitadas; se é certo que o amor profundo nasce do conhecimento, não amamos suficientemente o cão. Semelhante afirmação talvez não seja do gosto de todos, mas uma análise atenta e honesta não pode ignorar que submergidos como estamos numa retórica a ancestral atitude aproximativa, deixamos pouco à razão e a uma investigação experimental. (CHELLINI, 1973, p. 10, 12)

Concordando com o autor acima citado e entendendo, ainda mais profundamente, a modernidade como a era da descartabilidade das coisas e da falência das relações, estudo aqui Guattari, que aborda mais a questão do humano, estabelecendo uma relação entre esses indivíduos e a realidade imposta pelo sistema vigente, ou seja, lidando com as relações humanas por si só e com as relações entre humanos e seu ambiente.

As necessidades criadas, na tecnologia, por exemplo, muitas vezes facilitadoras da vida moderna, podem também prejudicar a própria qualidade de vida, a qual se espera que melhore. Contudo, nem só em tempos de tecnologia o humano criou necessidades. Isso fica claro quando pensamos nas descobertas e nas criações humanas. O humano não utiliza alienadamente um recurso, não inventa gratuitamente uma nova ciência, uma nova espécie. O que o humano traz para si, ou permite que entre em sua vida será para ele, a partir daí, fundamental. Então, no caso dos cães, essa proximidade não é uma experiência finita, mas uma nova condição natural e essencial. O humano não apenas faz descobertas. Ele cria necessidades para si mesmo e cria novas relações que se tornam necessárias ou intrínsecas à vida em sociedade. Uma vez determinada uma novidade benéfica na sociedade humana, haverá um movimento coletivo para que a apropriação daquilo seja partilhada, pode ser uma coisa, uma ideia ou mesmo uma nova relação. A propriedade de imitação, aprendizagem e adequação do ser humano é profunda, e dela depende também o próprio desenvolvimento da cultura.

Quando o cão passou a fazer parte da sociedade humana, sendo útil e fiel ao grupo, e depois, passivamente, teve sua genética reorganizada, muitos grupos humanos apropriaram-se da guarda do animal, provendo-lhe sustento e tornando-o quase dependente deles. As atividades e sentimentos humanos também apropriaram-se desta condição, desta relação mútua. As necessidades de caça, guarda, trabalho no campo e companhia do humano nunca mais foram as mesmas. Existia agora um novo elemento, silencioso e presente, diferente, mas companheiro, que poderia lhe facilitar as práticas, dentro das mais diversas atividades humanas, além de passar sossego, segurança e carinho.

### **2.3.1 O ser humano na lógica infundada da atualidade**

Em *As Três Ecologias*, Guattari apresenta o conceito de ecosofia, uma “articulação ético-política” (GUATTARI, 1990), que envolve registros ecológicos, os quais ele chamou de três ecologias: a mental (da subjetividade humana); a ambiental (do ambiente); e a social (das relações sociais). Nessa obra, o autor aponta o malefício decorrente do lucro como objetivo de toda e qualquer relação humana. Tal diagnóstico ocorre em uma visão global, que não exclui a totalidade das relações homem-natureza, homem-família e homem-trabalho.

A situação social, ambiental e mental está de tal forma mesclada que só uma nova postura, ou seja, o surgimento de uma nova visão de mundo poderia melhorar as relações entre homem e ambiente. Visão essa que parte de outras bases que não as capitalistas, como guia da formação dos indivíduos, e que nos leve a pensar sobre nossas relações com o outro sob um rigor ético, ou seja, pensando esse outro dentro de uma perspectiva de empatia, repensando também nossa relação com o dito “progresso”, com as máquinas e com toda a lógica de mercado e da mídia.

É possível tentar fazer a diferença da ordem vigente, revalorizar as pessoas e os demais seres vivos como entes superiores às coisas, diga-se, objetos, capital, propriedade, revalorizar a terra para além do território. Guattari (1990) vê a ecologia das relações humanas enfraquecer, irremediavelmente, devido à precariedade da (má) qualidade dessas relações, afinal, elas não são voluntárias nem voltadas para fins

afetivos e honestos. Sobre a recusa de encarar as três ecologias como operadoras de sentido no humano para a mudança da realidade:

Na realidade o que convém incriminar, principalmente, é a inadaptação de práxis sociais e psicológicas e também a cegueira quanto ao caráter falacioso da compartimentação de alguns domínios do real. Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o socius e o ambiente. A recusa a olhar de frente a degradação desses três domínios, tal como isto é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. (GUATTARI, 1990, p.24)

Guattari atesta que as relações íntimas dos seres humanos estão completamente ligadas às relações em um sentido macro, isto é, planetário, global. Por isso, ele não acredita que um indivíduo possa ser ao mesmo tempo ético e corruptível, dependendo do grupo/local em que está. A mudança de mentalidade, comportamento e esclarecimento tem que dar conta de todos os sistemas cotidianos deste homem. Ele afirma que, a modificação deve vir da passagem do paradigma “cientista” para o paradigma “ético-estético”, porque

Tenho a convicção de que a questão da enunciação subjetiva colocar-se-á, mais e mais à medida que se desenvolverem as máquinas produtoras de signos, de imagens, de sintaxe, de inteligência artificial...Disso decorrerá uma recomposição das práticas sociais e individuais que agrupo segundo três rubricas complementares – a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental – sob a égide ético-estética de uma ecosofia. (GUATTARI, 1990, p. 23)

Algumas pessoas se distanciam e se aproximam por interesses puramente individualistas num sistema de descartabilidade sem precedentes. Fora a questão das relações intermediadas pelo maquinário que interferem de forma mais contundente nas relações entre os indivíduos. Entretanto, o autor não nos deixa na perspectiva pessimista, quando, no último parágrafo de sua obra, nos diz:

A reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos . Assim toda uma catálise da retomada de confiança da humanidade em si mesma está para se formar passo a passo e, às vezes, a partir dos meios os mais minúsculos. (GUATTARI, 1990, p.56.)

Basta estarmos atentos e estimulados a difundir, cada vez mais, as possibilidades mais simples e básicas de ver o mundo e de viver aquelas que realmente dão sentido à vida. A partir do autor, que valoriza os fatores mais inesperados como propulsores das grandes mudanças, e valoriza também que as relações humanas e ambientais são definitivas para uma reviravolta ideal da lógica do mundo, fica a

questão: Se o humano já não “cuida” de seu semelhante, como terá respeito e cuidado com outra espécie? Para Guattari (1990), tudo está conectado, e é o humano, somente ele, que pode reverter essa situação. Um método que ajudaria nesse ponto é o exercício da sua auto-observação, do seu respeito próprio e da percepção do outro como um ser vivo e não como objeto para lhe servir.

Morin também aponta a urgência de uma reforma do pensamento, quando diz que a Razão acabou produzindo o seu pior inimigo: a racionalização (MORIN, 2011, p.154). Assim como Guattari, ele acredita que a própria vida é capaz de encontrar soluções, mesmo as que fogem à lógica, que há possibilidade de mudança de pensamento e comportamento, mas que a tarefa exige esforço individual e coletivo: “Devemos fazer oposição à inteligência cega que tomou quase por toda a parte o comando; devemos reaprender a pensar, tarefa de salvação pública que cada um deve começar por si mesmo” (MORIN, 2011, p.155). Ele coloca também que o desafio da complexidade da contemporaneidade é um problema do pensamento, da ética e da ação política.

Mesmo assim precisamos considerar que a mídia de massas, preocupada com as capacidades racionais e críticas dos sujeitos, sufoca-os através de armadilhas nos meios de comunicação. Além disso, o estado econômico-político produtivista que orienta a sociedade contribui para uma necessidade de trabalho que, arrisco dizer, não é natural de nenhuma espécie.

Por exemplo, as pessoas são convencidas a, e de fato se cria a necessidade de trabalhar oito horas por dia, mas, para ter expectativa de um futuro melhor, muitas delas optam por continuar estudando, o que as leva a mais quatro horas de atividade à noite. Nesse tempo todo, quase sempre o indivíduo é situado longe de sua família, e alimentando-se de forma apressurada, além de, na maioria das vezes, ingerir um alimento pobre em nutrientes e rico em açúcares e gorduras. Quando finalmente chega em casa, provavelmente sentir-se-á cansado, e se ainda houver tempo para algum lazer, ligará a televisão que, em poucos minutos, tê-lo-á incitado, ou a toda sua família, a comprar muitos produtos. No caso de ter filhos, não acompanhará o seu desenvolvimento e as pontualidades de sua vida no cotidiano. Foram doze horas de atividade praticamente constante, mais algumas intermediárias em que fez as refeições, mas que nem sempre permitem um repouso. Sobra apenas tempo para dormir, e, com isso, ter disposição para encarar o dia seguinte. Nem preciso colocar que, muitas vezes,

a preocupação dessas pessoas, além das naturais sobre saúde e bem-estar dela e de seus próximos configuram-se, constantemente, em contas a pagar, e sonhos de consumo. Esses que podem lhe parecer irrealizáveis, causando-lhe grande frustração, o que, aliado à correria do dia a dia e aos danos nas suas relações pessoais, pode, inclusive, levá-la a recorrer aos medicamentos psicotrópicos. É um ciclo, cada vez mais inevitável. E me lembra, tristemente, as ovelhas, em *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell. Fica a questão: Vale a pena? Quem ganha nesse processo?

Deixo claro que, acima, desenvolvi minha observação acerca da cultura de massas. Não falo em totalidade dos sujeitos ou da humanidade, como quando falo na complexidade e na intrinsecabilidade do humano. Tratei de criticar um modelo social e as pessoas que acabam tornando-se dependentes dele, e noto que, como são muitas, influenciam na manutenção do modelo econômico. É só quando o humano se der conta de que, ao contrário do que se pensa, essa busca ao lucro e aos interesses egoístas realmente não lhe trazem o benefício necessário à sua qualidade de vida, que a grande parte da humanidade vai começar a prestar atenção naquilo que realmente importa: a vida e as relações benéficas, numa teia de razão e equilíbrio.

### **2.3.2 Uma experiência reveladora**

Cabe aqui relatar brevemente uma experiência emergencial pela qual passei em fevereiro deste ano, que vem a colaborar empiricamente e epistemologicamente no tema central deste trabalho. Em viagem a Cuba, para participação em Congresso Universitário, pude conhecer esse curioso e polêmico país, admirando, muitas vezes, as distinções de caráter social presentes lá, quando comparado aos demais países capitalistas. Porém, um fator foi determinante para minha impressão sobre onde está o problema entre homens e animais, mesmo em uma sociedade diferente da nossa: no humano, profundamente. Independente de sua realidade regional, econômica, etária, social e outras categorias que possam vir a ser consideradas.

Em Cuba, onde não há a euforia capitalista, a pressa produtiva, a inversão de valores morais estimulada pelo mercado para a ascensão das necessidades criadas, há, mesmo assim, abandono e maus tratos aos animais domésticos. E esses maus tratos são muito visíveis e naturalizados em animais domésticos e silvestres, ao menos no recorte geográfico em que minha viagem se ancorou dentro desse país, que envolveu as cidades

de Cienfuegos, Trinidad, Santa Clara e Havana. Este embate, à esta altura da pesquisa, vem explicitar, inevitavelmente, que a causa que se busca entender sobre o afastamento entre humano e animal não se dá simplesmente em função de uma realidade política e cultural, que desfavorece as relações entre os seres vivos para que triunfem as atividades financeiras de uma minoria. O humano não está abandonando seu “melhor amigo”, simplesmente porque tem pressa para ir trabalhar, estudar e produzir cada vez mais, e não ter tempo hábil para si mesmo, nem porque está exausto ou deprimido em um sistema explorador, onde a competição impera em detrimento das necessidades individuais e populares. A causa do abandono é mais profunda e não pode ser explicada satisfatoriamente a partir de uma epistemologia fechada, de um lugar delimitado, de uma reflexão política, ou analítico-social.

Mesmo não podendo ignorar fatores políticos que põem em cheque, por exemplo, a fartura de certos materiais, incluindo a abundância de comida que, em comparação aos países capitalistas, Cuba não oferta, a causa do problema ainda não é econômico-política. Poderíamos cogitar a levar essa questão a uma outra relação muito problemática: Se não há subsistência suficiente ao humano, como ele alimentará seus animais? Acontece que Cuba é diferente do que conhecemos aqui, não estando em um estágio primitivo, ou de miséria, muito pelo contrário. As questões básicas sociais (saúde e educação) lá são tratadas com muito mais respeito e complexidade, e abarcam não uma maioria, mas a totalidade das pessoas. O que falta, nesse sentido, é a lógica da solidariedade para com outros seres vivos (por parte de algumas pessoas, não de todas, claro). Não que as diferenças históricas não sejam relevantes para as determinações dessa lógica, mas é visível que a causa do abandono, a partir desta experiência, e da trajetória deste estudo, encontra-se enraizada no humano enquanto espécie, enquanto sujeito racional da civilização criada por ele, no cerne de suas impressões do mundo, dos seus sentimentos, dos seus raciocínios, e dos seus instintos.

#### **2.4 Ética e antropocentrismo: a cultura ocidental estabelecida entre homens e animais**

Filosoficamente, a princípio, a condição de mortalidade, irreversível ao homem, por ser, antes de tudo, um ser biológico, era vista como um grande empecilho,

uma contradição, uma controvérsia. Como poderia um ser pensante ser tão vulnerável quanto os outros animais? Como poderia ele exigir da natureza que sua existência não se assemelhasse com a dos outros animais que, tecnicamente, continuavam existindo através da manutenção das espécies? O homem é um ser diferente, já que se apropriou de grande parte dos recursos da natureza e do mundo, independente de seu ecossistema, mas há de se tentar entender como essa mentalidade distintiva procede no mundo real. O especismo<sup>15</sup> trata de explicar a desconsideração do humano para com os outros animais, o que estabelece o antropocentrismo. Esse conceito é pouco conhecido na cultura de massas, sendo, geralmente, utilizado por pessoas que lutam pelo abolicionismo animal, movimento que prega o respeito pelas outras formas de vida, ou seja, a não utilização de animais para as necessidades humanas. A mesma humanidade, portanto, é capaz de revigorar velhas culturas em detrimento de outras espécies, mas também de reformular a filosofia e criar estilos de vida que libertam os animais da condição de serventia. Cada indivíduo humano, em sua complexidade, é capaz de conhecer e criar novas formas de viver e ver o mundo.

É fundamental compreender as primeiras noções da identidade da humanidade, da sua comparação com as outras criaturas vivas, da sua postura arrogante, inerente à época, em idealizar a imortalidade e em desprezar alguns fatores da realidade. Esses e outros pressupostos oferecem o chão para um estudo mais aprofundado sobre o antropocentrismo, e importam aqui como ilustradores da condição humana, trazendo um aparato filosófico que mescla o aspecto biológico e cultural do homem.

#### **2.4.1 Primórdios do antropocentrismo – aparato histórico a partir de Keith Thomas e jurídico a partir de Herón José de Santana Gordilho**

Na obra *O Homem e o Mundo Natural*, Thomas traça uma trajetória da relação entre humano e natureza desde que a Bíblia Sagrada praticamente definiu o pensamento social. Para o autor, o interesse pelo ambiente natural e a preocupação com essas relações são recentes. Ilustrarei aqui passagens significativas de sua obra para

---

<sup>15</sup> Especismo: o especismo está para a espécie, assim como o racismo está para a raça e o sexismo está para o sexo: uma discriminação baseada na espécie, quase sempre a favor dos integrantes da espécie humana (*Homo sapiens-demens*). In: <http://www.cahiers-antispecistes.org/spip.php?article295>, acesso em 07/01/2012.

contextualizar o fenômeno do ego e antropocentrismo: “A natureza não fez nada em vão, disse Aristóteles, e tudo teve um propósito. As plantas foram criadas para o bem dos animais e esses para o bem dos homens. Os animais domésticos existiam para labutar, os selvagens para serem caçados” (THOMAS, 2010, p. 21).

O autor busca, no Gênesis e nos teólogos, desde 1600 até o início do período moderno, justificações feitas por eles para que os humanos usufríssem, sem culpa ou receio, de todas as outras formas de vida, não só para sua subsistência, como também para seu conforto e lazer. Ele descreve os infortúnios a que estiveram submetidos Adão e Eva na queda, na qual também os animais carregariam castigos eternos para punição ao casal: “(...) Vários animais livraram-se da canga, passando a ser ferozes, guerreando uns com os outros e atacando o homem. Até mesmo os animais domésticos deviam agora ser forçados à submissão” (Thomas, 2010, p.22). Contudo, após o dilúvio, Deus teria devolvido os direitos de todas as coisas vivas ao homem; mesmo assim, defendia-se que foi apenas devido ao pecado original que os animais selvagens ficaram ferozes, que existem os detestáveis répteis e que os animais domésticos têm de suportar infortúnio e miséria. Os animais, portanto, não haviam sido feitos para si mesmos, mas para servir ao humano. O autor cita Francis Bacon, para explicitar os fenômenos filosóficos. Segundo Thomas, Bacon teria dito: “Se procurarmos as causas finais, o homem pode ser visto como o centro do mundo” (THOMAS, 2010, p.23). O naturalista William Swainson também teria defendido, segundo Thomas, que “Deus criou o boi e o cavalo para labutar a nosso serviço, o cão para demonstrar lealdade afetuosa e as galinhas para exibir perfeita satisfação em um estado de parcial confinamento” (THOMAS, 2010, p.25).

Conforme o autor, no século XVIII, insistiu-se que a domesticação era benéfica para os animais, pois, a partir dela, eles eram civilizados e multiplicados. A autoridade humana sobre o mundo animal era ilimitada e encontrava aporte justificado na própria Bíblia e na filosofia. Assim, quando alguns viajantes começaram a trazer relatos das religiões orientais e do modo como tratavam seus animais, a reação ocidental foi de “desconcertado desdém” (THOMAS, 2010, p. 27).

Se tivermos a visão complexa do todo, embora segundo ela não seja comum encontrar um ou outro sujeito definitivamente responsável pelo “erro”, poderemos, ao menos, atribuir que as pessoas, na época dessa construção de visão de mundo antropocêntrica, que se estendeu fortemente durante e para além da Idade Média,

estavam sujeitas às construções filosóficas e religiosas de pessoas mais poderosas que elas, isso é, padres, reis, e a aristocracia como um todo. Após estabelecido um tipo de moralidade, em um determinado momento da história, o hábito das pessoas é repassá-lo através de gerações. Com isto, não retiro as responsabilidades éticas e morais de cada um, apenas relembro que o pensamento não era livre. Aquele que imaginasse, trouxesse, ou mesmo descobrisse uma verdade distinta da comumente aceite, muito se prejudicaria, como sabemos. Além do que, as ordens vigentes e controladoras do pensamento e comportamento humanos, nessa época de que tratamos (Idade Média, até 1600), funcionavam como a mídia hoje, ou seja, não apenas vitimavam diretamente as pessoas, mas as conquistavam, as influenciavam, as ensinavam, além de incutir nelas um grande medo. Medo da fogueira, do inferno, da perda da vida e do direito à liberdade, o que talvez pudéssemos relacionar hoje ao medo da solidão, da exclusão social, do fim do mundo, no sentido ecológico da coisa, medo de não poder ostentar o *status* que se gostaria, lembrando que esse está diretamente relacionado à lógica midiática, que promovem, hoje em dia, a aparência e a autopromoção, culminando na venda social de si mesmo.

Porém, uma diferença crucial em relação à antiguidade referida é a liberdade de pensamento e expressão. Hoje, não podemos dizer que temos controle total da informação, mas temos infinitamente mais acesso a ela do que na Idade Média, por exemplo. Ou seja, as pessoas de hoje poderiam romper muito mais com a ordem vigente, poderiam manifestar-se mais ou, em caráter individual, tentar desvincular o rumo de sua vida privada da lógica contemporânea. Poderíamos dizer que isso faz parte de um ócio da imaginação, da busca do esclarecimento e da indignação política, ou simplesmente de um imenso conformismo. E, nesse processo a “preguiça” e falta de tempo para dedicar aos animais, e até a outras pessoas, não serão tópicos prioritários.

Entretanto, lembra-nos ainda Keith Thomas, dos nomes que, mesmo em tempos remotos, e com tanta força social oposta, levantaram questões que iam contra as barbáries aos animais. São eles: Lynn White Jr., historiador americano que, em 1967, descreveu o cristianismo como a religião mais antropocêntrica existente; Arthur Schopenhauer, filósofo alemão, que mais de um século antes de White, posicionou-se contra a tese de que os homens não têm obrigações com os animais, vendo aí uma vulgaridade revoltante; Wilfrid Scawen Blunt que, em 1900, culpou o cristianismo e considerou cruel a teoria de que animais foram feitos para uso e prazer do homem;

Hasting Rashdall, em 1924, também afirmou que os preceitos de origem teológica foram os responsáveis pela indiferença dos filósofos em relação à crueldade contra animais; Karl Marx, por sua vez, defendeu que a origem da propriedade privada e da economia monetária, mais do que a religião, conduziu os cristãos a uma exploração da natureza sem precedentes; Calvin Martin, na esteira dos demais, defendia que os índios algonquinos orientais tinham um acordo com os animais e assim os respeitavam, não explorando a vida selvagem demasiadamente; porém, com a chegada de europeus e de novas doenças, os índios teriam interpretado que os animais falharam com sua palavra e passaram a declarar guerra a eles, o que pode ter sido apenas uma decisão conveniente, já que a situação econômica incentivava a caça.

O problema da exploração não é somente ocidental, já que o Japão não foi capaz de evitar a poluição industrial. Os maias, chineses, e povos do Oriente Próximo destruíram seu meio ambiente, sem nunca pertencerem à religião cristã (THOMAS, 2010, p.29, 30 e 31.) Isso nos faz pensar que não é possível catalogar os excessos da humanidade em relação aos animais a uma raça, religião, época ou economia determinada. O problema, está claro, é providenciado, enfatizado e mantido através de uma cultura antropocêntrica, que não é, entretanto, exatamente a mesma nos diversos grupos humanos que são capazes de adotá-la e criá-la. Assim, só podemos concluir que a benevolência solidária não é inata ao ser humano, sendo passível de desenvolvimento, mas, pelo contrário, também não procede, isso é, não são todos os humanos que são desprovidos da sensibilidade de respeito ao outro. Assim como o desprezo e o descomprometimento também não são inatos a todos os seres humanos. A questão é complexa, já que deve considerar os diversos fatores que circundam os sujeitos, desde sua genética, perpassando sua singularidade psicológica mais íntima, até sua vida social. A única coisa que se mantém igual em todos os tempos é o próprio homem, da maneira como vem ao mundo.

Seguindo a obra de Thomas e o tema desta pesquisa, foco a questão da domesticação ainda em tempos de forte cultura antropocêntrica. O autor deu, ao subcapítulo que me interessa neste ponto, o nome de “Espécies Privilegiadas”, e disserta sobre a construção da relação entre humanos e animais que foram tratados de modo diferente daqueles que apenas eram tidos para “servir”. Esses tratam-se, a princípio, do cavalo, do cão e do gato. Diz o autor que o cão era o preferido de todos os animais.

Havia cães por toda a parte da Inglaterra do início dos tempos modernos (THOMAS, 2010, p. 143).

Os cães entraram na aristocracia, tinham uma relação estreita com o dono e a família, chegando a ser melhor tratados, alimentados e abrigados que os próprios empregados da casa. Mesmo assim:

Muitos desses cães do século XVII tinham funções práticas. Puxavam carroças, trenós, e mesmo arados. Eram indispensáveis a pastores, tropeiros, agricultores e açougueiros. Nas grandes mansões serviam de vigias. Alguns deles eram até usados para seguir rastros de criminosos. Com frequência havia uma ligação estreita entre cão e dono, especialmente no caso de cães pastores, cujas maravilhosas habilidades eram compreensivelmente admiradas. Mas, em geral, esses cães trabalhadores parecem ter sido considerados sem maiores sentimentos; e normalmente eram enforcados ou afogados quando deixavam de ter utilidade. ‘Meu velho cão Quon foi morto’, escreveu um agricultor de Dorset em 1698, ‘e o cozinhamos para fazer banha, que rendeu cinco quilos’. Não eram esses animais necessários, mas os desnecessários, sabujos e cãezinhos de estimação em particular, que mereciam real afeto e condição mais elevada. (THOMAS, 2010, p. 144).

Apesar de alguns desses animais usufruírem de uma relação benéfica para si, em 1530, na Inglaterra, havia muitas queixas em relação à superpopulação de cães, e aos perigos de pestes. Nessas situações, as autoridades municipais resolviam eliminar os cães, sob protesto infecundo de seus donos. Percebo, ao contato com a obra de Thomas, que os cães sempre tiveram várias faces diante da sociedade humana, e foram tratados com muita diferença entre eles, determinada a partir de sua raça e de quem eram seus proprietários, como coloca o autor, talvez ironicamente, em frase indiscutível: “No entanto havia cachorros e cachorros” (THOMAS, 2010, p. 149).

O próprio Livro do Apocalipse pode dar uma interpretação de que os cães são seres impuros. Nos provérbios populares, eles poderiam representar ganância, e sua vida (“vida de cão”), pode ser encarado como sinônimo de uma vida ruim. Pregadores o consideravam animais daninhos, promíscuos e imundos. Além disso, os animais também simbolizavam facetas humanas, como a gula, a lascívia, as funções corporais ordinárias e a desagregação. O próprio Freud considerou-os repreensíveis por não terem repulsa aos excrementos e nem vergonha nas suas funções sexuais (THOMAS, 2010, p. 149). Convenhamos que o que Freud descreveu como repreensível nada mais são do que instintos comuns a tantos outros animais. E, em relação ao simbolismo e aos ditos

populares, todos eles são criados e enfatizados através da manutenção da cultura, lenda, dos hábitos de pensar ou de julgar, nem sempre justos ou verdadeiros.

Mesmo condenado ao antropocentrismo, o cão foi ganhando cada vez mais espaço entre humanos e o fato de não servir de alimento funcionou de forma cíclica na sua socialização e amizade com o humano, afinal, não se come um amigo, como demonstra Thomas: “Não era devido a seu gosto, mas à estreita relação com a sociedade humana que esses animais não eram consumidos. Por certo, os gatos e os cães já não eram aceitos como alimento por serem carnívoros” (THOMAS, 2010, p.163).

Hoje em dia a criação de animais de estimação na Europa ocidental alcança escala sem precedentes na história humana. Ela reflete a tendência dos homens e mulheres contemporâneos a se refugiar em família para maior satisfação emocional. Cresceu rapidamente com a urbanização; a ironia é que apartamentos apertados e sem jardins efetivamente estimulam a manutenção de animais desse tipo. Esterilizado, isolado, e geralmente sem contato com outros animais, o mascote é uma criatura com o mesmo modo de vida que seu dono; e o fato de que tantas pessoas considerem necessário para sua integridade emocional, criar um animal dependente diz-nos muita coisa sobre a sociedade atomizada que vivemos”. (THOMAS, 2010, p 169)

É claro que, nessa última passagem, Thomas está considerando a natureza humana e a do animal, do ponto de vista fisiológico e social. Quando ele se refere ao fato de estar esterilizado, como uma castração de seus direitos primários, está refletindo do ponto de vista específico daquele animal, como indivíduo, e também do ser humano, que está numa situação de privação de qualidade de vida, do ponto de vista natural. Nos estudos sobre ética, a seguir, no trabalho, tratarei desta questão: ser antiético com um indivíduo para poder ser ético com muitos indivíduos.

Thomas não estaria se referindo à parte negativa da castração, se esta fosse a solução para a superpopulação, como vemos nesta pesquisa. Ele está, na verdade, refletindo sobre a relação entre o humano e o animal que o acompanhe, desde sua genética, passando por intervenções cirúrgicas, até seu comportamento, um estilo de vida determinado pela lógica que criticamos. Volto a mencionar que a crítica desta pesquisa, apesar de ser também social, de um modo geral, concentra-se em apontar o abandono e os maus tratos de cães como ações a serem repensadas e combatidas. Então, se o cão está salvaguardado com uma possível qualidade de vida, e amparado por um tutor que respeita suas condições e necessidades básicas, isto agora é mais importante do que refletir sobre onde vive essa pessoa com esse cão.

Em relação à tomada de consciência antropocêntrica, o processo está sendo lento. Segundo o autor, ainda em 1969 “as Nações Unidas e a União Internacional pela Preservação da Natureza definiam ‘preservação’ como ‘o uso racional do meio ambiente a fim de alcançar a mais elevada qualidade de vida para a humanidade’”, (THOMAS, 2010, p.427).

Assim o começo do período moderno gerou sentimentos que tornariam cada vez mais difícil os homens manterem os métodos implacáveis que garantiram a dominação de sua espécie. Por um lado eles viram um aumento incalculável do conforto, bem estar e felicidade materiais dos seres humanos; por outro lado, davam-se conta de uma impiedosa exploração de outras formas de vida animada. Havia, dessa maneira, um conflito crescente entre as novas sensibilidades e os fundamentos materiais da sociedade humana. Uma combinação de compromisso e ocultamento impediu até agora que tal conflito fosse plenamente desenvolvido. É possível afirmar ser essa uma das contradições sobre as quais assenta a civilização moderna (THOMAS, 2010, p.427, 428).

O antropocentrismo original, colocado neste subcapítulo, definiu o modo como muitas pessoas se percebem e percebem os outros no mundo. Ficou claro que fatores que determinaram o antropocentrismo não podem ser categorizados, ou apontados como únicos culpados. A relevância da compreensão desse processo é esclarecer para superar, ou seja, conhecermos o passado para construir mais plenamente um presente e um futuro distinto daquele que condenamos. É visível, como já abordei na Introdução, um movimento atual e de escala global, em contraposição aos maus tratos aos animais. Inclusive na mídia, ainda que modestamente e não na TV aberta, temos notícias e conhecemos grupos que aderiram a um estilo de vida que não subjuga animais. Manifestações públicas e voluntárias de civis requerendo direitos animais, como vemos com os Grupos de Poteção, e até iniciativas políticas, a exemplo do caso das peles, em projeto de lei que tramitava na Câmara em 2009, tentando proibir a importação de peles de animais domésticos<sup>16</sup> são provas de que muitas pessoas estão preocupadas com a questão dos animais.

---

<sup>16</sup> Importação de pele de animais domésticos poderá ser proibida: Tramita na Câmara o Projeto de Lei 5284/09, do deputado Felipe Bornier (PHS-RJ), que proíbe a importação de peles de animais exóticos, cães e gatos, além de produtos delas derivados. A importação só será permitida para fins educacionais e científicos. O deputado explica que, em 2000, os Estados Unidos proibiram o comércio e a fabricação de produtos oriundos de pele de cães e gatos. A mesma regra foi adotada pela União Européia há dois anos, após surgirem denúncias de abate dos animais com uso de métodos cruéis, sobretudo na China, que responde por mais da metade do comércio mundial de peles. O pelo do cão e do gato é usado na indústria para a confecção de artigos como luvas, chapéus, cobertores e bichos de pelúcia. Para o deputado Bornier,

O importante é que os simpáticos à causa continuem tendo força para acompanhar movimentos e tomar decisões sem se deixar levar pelas dificuldades e pelos “argumentos” que tentem fazê-lo desistir do ideal.

Em *Direito Ambiental Pós-Moderno* (2009), o Promotor de Justiça do Meio Ambiente Herón José de Santana Gordilho traz à tona questões em relação ao abolicionismo animal, buscando a origem do especismo na civilização ocidental, que, conforme Singer, é definido como um termo criado em 1970 pelo psicólogo Richard Ryder, professor da Universidade de Oxford, para estabelecer um paralelo entre nossas atitudes perante as demais espécies e as atitudes racistas, pois ambas representam comportamentos parciais ou preconceituosos em favor dos interesses dos membros do nosso próprio grupo em detrimento dos interesses dos membros dos demais<sup>17</sup>.

O autor remonta a Aristóteles, que diz que a faculdade intelectual seria o próprio espírito, de modo que os animais, por serem apenas sensitivos, são, portanto, destituídos de espírito, e sendo assim, é apenas por impulso natural que os animais constroem seus ninhos, visto que eles não são capazes de deliberar, existindo, potencialmente, para servirem aos homens, (GORDILHO, 2009, p.127) É essa diferença, a racionalidade, que será o marco identificador da distinção entre homens e outras espécies animais. Esse é um primórdio do antropocentrismo e, portanto, do especismo. Conforme sustenta Gordilho:

Com o cristianismo, herdeiro das idéias aristotélicas e estoicas, os animais não humanos vão continuar excluídos de qualquer consideração moral, razão pela qual continuaram a ser mortos em rituais religiosos ou desportivos, ao ponto de várias espécies terem sido simplesmente extintas na Europa. (GORDILHO, 2009, p. 130)

Com Descartes, levando a tradição aristotélica ao ponto máximo, os animais foram iguados a máquinas e, como tais, não eram passíveis de emoção ou sofrimento. Esse pensamento serviu bem ao mecanicismo da sociedade industrial, que também é lembrada como uma época de exploração de pessoas e de recursos naturais.

---

o Brasil deve participar do esforço mundial que busca eliminar o comércio de peles de animais, domésticos e exóticos. "O País já conta com uma legislação que protege os animais nativos, mas não veda a entrada de artefatos produzidos com crueldade em seus países de origem", disse o deputado. (Agência Câmara). Disponível em <http://www.proanima.org.br/noticias/importacao-de-pele-de-animais-domesticos-podera-ser-proibida/view>. Acesso em 22/02/2013.

<sup>17</sup> SINGER, Peter. **Vida Ética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, p.52.

Hoje, porém, é possível levantar essa questão novamente e submetê-la à filosofias, novas ou não, para buscar uma compreensão mais complexa do direito dos animais. Que critérios serão justos, após esse contexto, para redefinir o lugar desses animais na nossa sociedade? Gordilho explica-nos que:

Não tem sido fácil nem para a doutrina nem para a jurisprudência brasileira identificar a natureza jurídica dos animais, que em princípio estariam, submetidos a regimes jurídicos distintos, com normas de direito público regulando as relações do homem com os animais silvestres, e normas de direito privado incidindo sobre as suas relações com os animais domésticos ou domesticados. (GORDILHO, 2009, p.133/134)

Para o autor, a natureza jurídica do meio ambiente em si deve ser compreendida levando-se em conta a Constituição de 1988, que define o meio ambiente como: *“bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida”*, (grifo do autor). Para formar algo no sentido jurídico, houve a necessidade de recorrer ao conceito de propriedade, sendo que a norma referia-se ainda ao direito humano em relação à “coisa”, que era o animal.

Com efeito, de acordo com o atual modelo jurídico, os animais domésticos ou domesticados, entre eles os destinados à industrialização de alimentos, são considerados bens particulares e podem ser comercializados livremente, tendo, inclusive, o proprietário direito a receber indenização por qualquer dano provocado por terceiro ou pelo próprio Estado. (GORDILHO, 2009, p.138)

O autor sustenta que, conforme suas leituras, o animal deve ser proprietário de si mesmo, sendo o dono seu guardião legal, mas que reconheça suas necessidades reais, e que não o trate como uma máquina a seu serviço. O fato de que os animais não raciocinam juridicamente não pode privá-los de uma esfera jurídica que os proteja. Eles são sujeitos de direito, independente de sua capacidade consciencial. Gordilho lembra que, em outros tempos, mulheres, crianças, escravos, deficientes físicos, e estrangeiros também estiveram nessa condição de exclusão e também eram seres frágeis diante da conduta social vigente, assim como não podiam responder por si. Segundo o Decreto 24.645/34, do Governo de Getúlio Vargas, e que não está mais em vigência, *os animais serão assistidos em juízo pelos representantes do Ministério Público, seus substitutos legais e pelos membros das sociedades protetora dos animais.*

Concordando que o problema da exploração e maus tratos causados aos animais é, antes, um problema político, ele defende que o jurista deve fornecer as

ferramentas teóricas, enquanto a atitude para um movimento abolicionista<sup>18</sup> deve partir de políticos, cientistas, artistas, profissionais liberais, advogados, promotores, associações ambientalistas. E conclui: “Esta foi a lição que aprendemos com todos os movimentos de emancipação: primeiro eles são ridicularizados, depois são vistos com simpatia, até que um dia eles são vistos como integrantes permanentes da nossa esfera de moralidade” (GORDILHO, 2009, p.151). Ele diz ainda:

Como vimos, o problema não consiste em saber se os animais podem ou não ser sujeitos de direito ou ter capacidade de exercício, mas de conceder-lhes ou não direitos fundamentais básicos, como a vida, a igualdade, a liberdade e até mesmo a propriedade (GORDILHO, 2009, p.150).

Contudo, o problema apresentado aqui, hoje, é salientado por agravantes que podem ter suas origens no histórico filosófico apresentado, mas que agora dependem de ações e reflexões dentro da realidade moderna, na qual outras emergências são postas e impostas à sociedade.

#### **2.4.2 Ética – Relações com o Outro**

Os três autores utilizados neste trabalho, que tratam a ética, são Edgar Morin, em seu *Método 6, ética*; Peter Singer, em seu *Ética Prática*; e Carlos Naconecy, em seu *Ética e Animais: um guia de argumentação filosófica*. As concepções fundamentais dos três autores interligam-se formando uma concepção mais completa e complexa para o entendimento do problema de pesquisa apresentado. Antes disso, porém, utilizo o contexto de Grün em relação à ética e à educação ambiental.

É fundamental, neste trabalho, colocar o paradoxo sociedade (cultura) x natureza para entendermos a relação que o ser humano teve com o restante da natureza, ou seja, com a outridade de algo que também lhe deu vida. É preciso compreender até que ponto a natureza foi, é, ou pode ser recurso para o ser humano, e como esse recurso foi fundamental para seu desenvolvimento como ser humano, assim como é recurso de si mesmo, adaptável às espécies vivas.

Mauro Grün (2007), em seu livro *Em Busca da Dimensão Ética da Educação Ambiental*, relata algumas posturas filosóficas do século XVII em relação à sociedade-

---

<sup>18</sup> Abolicionismo Animal refere-se à luta pela libertação dos animais de todo o tipo de exploração a que possam estar submetidos. Assemelha-se realmente à consideração de negação e superação da escravidão.

natureza, lembrando Bacon e Descartes. Esse recusava-se a ater-se a qualquer grau de dúvida e, ao lado do primeiro, prezava o progresso a partir da utilização indiscriminada da natureza. Grün chega a relatar que, por algum tempo, a natureza esteve relacionada à Fêmea-Bruxaria-Inquisição. Além disso, nesse momento da história, a natureza foi vista como algo que deveria ser explorado inconsequentemente para que se lhe descobrissem os segredos, como Grün ilustra, referindo-se ao pensamento de Bacon : “(...) pois a Natureza deve e necessita ser posta a serviço do homem, feita escrava e moldada pelas artes mecânicas” (GRÜN, 2007, p.28).

Para o autor, Bacon e Descartes são os principais iniciadores do processo de esquecimento da tradição e, portanto, do processo de presentificação do conhecimento, o que, por sua vez, torna-os responsáveis por áreas de silêncio na educação contemporânea, que se devem também à negação da tradição e da história de nossa relação com a natureza (GRÜN, 2007, p.38). Em seu texto, o autor menciona Galileu, que também contribuiu para uma visão de mundo unilateral e fragilmente explicada, por basear-se apenas no que era passível da matemática, ou seja, dentro da lógica da geometria, dos números e da exatidão. As sensações, para ele não existiam; havia uma descorporificação dos sentidos. Grün acredita que é cada vez mais necessário levar o homem à sua autocompreensão e a pensar seu lugar no mundo, e o que ajudará nesse processo é a tradição cultural e a hermenêutica. Para Bacon, Descartes e Galileu, a relação daria-se no sentido “EU-ISSO”. O “isso” é mudo, não permite diálogo. Para que a visão de mundo mude na relação humano-Natureza é necessário pensar em um sentido “EU-TU” (GRÜN, p.145).

Assim, quando tratamos o Outro, levando em conta uma relação de respeito mútuo e não de uso, aproximamo-nos desse Outro e podemos perceber a diferença que o nosso uso pode fazer nele. E isso não pode ocorrer só em relação àquilo que *nos* faltará no futuro como prega e insiste a mídia, mas àquilo que tem um valor por si só, e que merece *ser* apesar do ser humano, ou seja, muito da conscientização ambiental que tem-se dado em massa responsabiliza os pequenos hábitos humanos pela crise ecológica e ameaça que faltará recursos para a manutenção da vida e bem-estar humanos em um futuro próximo. Entretanto, essa conscientização, embora não seja negativa, já que pretende “cuidar do planeta”, está longe de ser a solução tanto para a crise real do ambiente, quanto para a crise mental e social, porque ela parte do mesmo

antropocentrismo, do “progresso” da civilização que há muito tem negado os interesses de qualquer outra espécie viva.

Para o autor, precisamos reconhecer o outro, como Outro:

[...] para começarmos qualquer tentativa de compreensão, precisaremos sempre já ter um horizonte. Precisaremos primeiro imaginar a situação do Outro, mas, para que esse processo ocorra, sempre traremos a nós mesmos. Somente por meio desse processo poderemos chegar a uma noção da outridade de alguém ou da Natureza. (GRÜN, 2007, p.110)

Devemos preservar o planeta para preservarmos a nós mesmos? Por que deveríamos lutar pela preservação daquilo ou de quem não interessa diretamente à vida humana ou, ao contrário, pode atrapalhar o avanço de mais tecnologia, mais estradas, mais *progresso*? Essas questões não existiriam, se o pensamento humano coletivo fosse baseado no respeito a si mesmo e à outridade.

O Tu está numa relação conosco. Essa seria precisamente a estrutura a ser observada numa relação ecologicamente ética entre os seres humanos e a Natureza, uma ética de parceria. Participamos da Natureza e a Natureza participa de nós. (GRÜN, 2007, p. 143)

Quando pensamos “nisso” ou “naquilo”, estamos fora da esfera do objeto observado. Quando pensamos tu, além de entendermos que o Outro é vivo, a relação “conosco” coloca-nos “junto” com o Outro. Dessa forma, aproxima-nos e considera-nos “semelhantes”. A partir daí, o processo de empatia é muito mais possível. Essa situação introduz outro ponto fundamental: “participamos da natureza”. Objetivamente, é isso o que acontece. Se o homem é parte da natureza e produz cultura, a cultura também é parte da natureza. Mas a questão é que o paradoxo existe no sentido de que o humano, “filho” da natureza, afastou-se dela, quando passou a ignorar sua outridade, quando passou a vê-la apenas como recurso, quando ignorou seus limites e forçou a adequação de outros “filhos” dela às necessidades criadas da civilização. Sobre essa relação, não-dialógica, diz o autor:

Não fará sentido buscar uma relação harmoniosa com a Natureza se não tivermos um mínimo de boa vontade no sentido de compreendê-la como verdadeiramente Outra. Se, ao contrário, lutarmos para impor significados, previsão ou comando à Natureza, estaremos entrando numa relação de conquista e não de diálogo. A aceitação da outridade da Natureza tem a ver necessariamente com um desejo sincero de compreendê-la, uma postura que nos leva então a uma hermenêutica do escutar. (GRÜN, 2007, p. 153)

Segundo Grün, existe uma motivação, baseada na crise ecológica, para que alguns estudos estejam sendo aprofundados na filosofia da natureza, educação ambiental, e ética ambiental, afinal, não existe curiosidade “pura”. Sendo assim, penso que devemos ver essa crise ecológica sob a ótica de uma crise humana, que não é nova, proveniente apenas do modo de vida contemporâneo, ou urbano, mas sim de um processo cultural que se mistura ao processo natural do indivíduo humano, ou seja, de uma maneira de ser e pensar que não se limita à vida selvagem somente, e nem ao modo de vida civilizado somente, e sim ao entrelaçamento complexo que esta relação torna possível ao sujeito. Lembrando que, entre natureza e cultura, estão incluídos: necessidades básicas, instintos, intuições, meio social, educação, história, necessidades criadas, costumes, ética, empatia, índole, individualidade, atributos físicos e intelectuais...

A modernidade está habituada a julgar algo ou alguém a partir de sua utilidade, e não a partir de sua existência, ou seja, pelas suas propriedades individuais. Essa lógica afasta natureza e sociedade, porque há uma dependência essencialmente utilitarista, na qual o humano é sempre superior e dominador da “coisa” ou animal, e também porque afasta o humano dele mesmo como indivíduo, e de seus semelhantes. Eles tornam-se objetos de avaliação para a realização de algo, para a serventia de outrem.

Os gregos definiam como *Kalon* (coisas belas) aquelas cujo valor era evidente e cujo propósito era inquestionável.(...) Essas coisas tinham um valor intrínseco. Em contraste os modernos argumentam que a mente humana artística define as coisas como úteis ou belas. Esse modo de compreensão mantém certa analogia com a explicação da Natureza para a ciência moderna. A atitude fundamental da ciência é a dominação do ser. (GRÜN, 2007, p.130)

Portanto, está claro que a separação entre nós e a Natureza é o que causa e aumenta a crise ecológica, e devemos procurar meios para uma reaproximação. A Educação Ambiental pode ser um deles, a partir do momento em que desperta o respeito pela outridade da Natureza, e que promove mais solidariedade ao Outro. É para esta postura ético-política que uma Educação Ambiental deve estar voltada para superar os limites cartesianos (Grün, 2007, p.166 e 167).

Morin (2011), falando sobre os primórdios da ciência, quando a ética não era mais que um empecilho ao desenvolvimento do conhecimento, explica que

No século XVIII, a ciência moderna constituiu-se de maneira autônoma. O seu postulado de objetividade estabeleceu por si mesmo

a disjunção entre saber e ética. Cobia-lhe proteger o seu imperativo, conhecer por conhecer, independentemente das repercussões morais, políticas, religiosas. Inicialmente marginal nas sociedades ocidentais, a ciência introduziu-se nas universidades, no século XIX, depois no século XX, no coração das empresas industriais e, enfim nos Estados, que financiam as pesquisas científicas e recolhem os bons resultados para os seus fins. O desenvolvimento científico determina agora o desenvolvimento de nossa sociedade, o qual determina o desenvolvimento científico. Aquilo que valia para a ciência nascente, marginal e ameaçada, não vale mais nessa época, séculos XX e XXI, em que a ciência é gigantesca e onipresente. (MORIN, 2011, p.69)

A noção de ética, defendida neste trabalho, associa-se também com Morin (2011), em seu *Método 6: ética*, no sentido de entender o indivíduo capaz de compreender e agir conforme uma dosagem entre egocentrismo e altruísmo. Segundo o filósofo, sem o egocentrismo, o indivíduo perde sua singularidade, sua essência, mas, se essa característica ultrapassar certos limites, ele será um sujeito que coloca todos os seus interesses à frente dos interesses de outro sujeito, impossibilitando o altruísmo e, conseqüentemente, a própria ética. Entende-se aqui que o indivíduo é, e deve ser, naturalmente egocêntrico no sentido de se autoidentificar, de procurar seu próprio bem, de se defender, de se valorizar, de ser capaz e ter direito de emitir sua opinião e compartilhar suas ideias.

Contudo, a parte que cabe ao altruísmo é essencial no comportamento ético social e, para tanto, é necessária também a capacidade de empatia. Quando nos colocamos no lugar do outro, as chances de nos solidarizarmos e compreendermos de forma complexa o sentimento ou a necessidade alheios é muito maior. Através da empatia, somos capazes de expandir os sentidos para além de nós mesmos, através da identificação mútua que permite que nos afastemos da nossa condição corpórea imediata para nos estendermos ao outro, podendo compartilhar de seus sentimentos e pensamentos.

Para Morin (2011), ética e moral não são atitudes diferentes, nem estritamente construídas pela civilização tal como se conhece hoje. A autoética, para ele, não deve partir de uma norma formal e antropologicamente escrita, mas deve ser intrínseca, numa categoria que não depende de fatores externos. Isso fica claro, quando o teórico sustenta que

A decisão e a reflexão próprias à autoética só são possíveis se o indivíduo experimenta a exigência moral que, como vimos, comporta

uma fé nela mesma, sem fundamento exterior ou superior reconhecido. (MORIN, 2011, p. 92)

Tendo a ética somente a si mesma como fundamento, fica claro que não é necessário e nem coerente a medição dos valores ou a variação cultural que pode refletir a ética. Ela não tem que almejar outro propósito além do seu próprio, ela é o bem por si mesmo, “... a moral é lúcida, às vezes, extralúcida, resistindo à barbárie do espírito” (MORIN, 2011, p. 66).

Como recém-dito, o autor acredita também na barbárie do espírito, o que significa que os pensamentos, sentimentos e atos antiéticos e maldosos devem ser considerados de forma complexa, levando em conta sentimentos humanos que não são sempre benéficos e puros. Essas atitudes não podem ser explicadas exclusivamente por traumas, experiências pessoais e de qualidade de vida. Sendo assim, um sujeito feliz não necessariamente terá um comportamento ético, solidário e de respeito ao outro. Não só aqueles que sofreram são capazes de causar sofrimento, não só os abandonados são capazes de abandonar. Nem, portanto, aqueles que passaram por provações possuem, a partir delas, uma capacidade para reproduzir o mal. Deve-se considerar uma série de fatores intrínsecos à espécie humana e explicados pela aceitação de que existe a barbárie interior, sem, contudo, desconsiderar que também estão intrínsecas a benevolência, a solidariedade, a capacidade para o bem. Neste sentido, repetimos que, conforme o filósofo francês defende, a ética não deve ser guiada por um comportamento ideal dado por autoridades judiciais. Ela deve ser como um instinto, considerada parte fundamental dos valores humanos, dados por si mesmos, pela espécie humana, e pelo bem comum. A ética, para Morin (2011), é um exercício de religação na lógica complexa de que tudo no mundo é um processo cíclico de união e fragmentação, então “todo ato ético, vale repetir, é, na realidade, um ato de religação, com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade (...)” (MORIN, 2011, p. 36). Nesse processo, o que está unido se separa, e se reorganiza. Se tudo está separado, o único movimento possível é o de reunir-se.

O autor reflete ainda que

Visto que o mais complexo comporta a maior diversidade, a maior autonomia, o maior grau de liberdade e o maior risco de dispersão, a solidariedade, a amizade e o amor são o cimento vital da complexidade humana. (MORIN, 2011, p. 36, 37)

Ele diz que “trabalhar pelo pensar bem” reconhece a complexidade humana e não dissocia indivíduo, sociedade e espécie. Assim “não fixa o ser humano e sabe que o pior (degradação), e o melhor (regeneração) podem vir dele” (MORIN, 2011, p. 63). A “ecologia da ação”, por sua vez, indica a imprevisibilidade, alerta para alguns fatores determinantes da ação enquanto ato ético, diz que deve ser considerada a soma de intenção e contexto, ou seja, o bom senso da observação complexa para prever que os efeitos da ação dependerão dessa soma. A ecologia da ação indica que “toda a ação escapa, cada vez mais, à vontade do seu autor na medida em que entra no jogo das inter-retro-ações do meio ambiente onde intervém” (MORIN, 2011, p.41). Dessa maneira, nem toda boa intenção dará um bom resultado, assim como nem toda má intenção resultará em fins negativos. A intenção do autor das ações é apenas parte do que determina os fins da ação, já que as condições do ambiente onde ela se projeta também afetarão os resultados.

Considerando o contexto, entram na ética a incerteza e a contradição, noções que devem ser consideradas por uma teoria em que nada pode ser absoluto e unilateral. Isso deve ser levado em conta, porque não há certeza sobre o curso da ação somente a partir da intenção primeira. O autor também sustenta que a ética não está no cumprimento simples de um dever, mas no paradoxo de uma situação, que pode estar carregada de contradição, uma situação de difícil resolução, de escolha, de antagonismo. A ética não é só mais um dos elementos básicos de simplicidade e honestidade, os quais, de forma geral, direcionam corretamente uma ação simples ou cotidiana. A ética exige um posicionamento preparado, refletido e complexo. É de suma importância também o movimento individual da autoética, sem o qual o sujeito esquece a causa de seus fracassos, correndo o risco de repeti-los (MORIN, 2011, p.140).

A Relação humano-natureza, a partir do pensamento complexo de Morin, que também é direção desta pesquisa, é uma relação inevitável e interna, ou seja, o homem está na natureza e a natureza está nele. Toda a tentativa de afastamento ou de domínio desta “mãe” da vida não o levará ao autoconhecimento e à verdade sobre si ou sobre o planeta, e requer o outro movimento possível: o de religação. Morin escreve sobre esse espaço comum aos seres vivos, e posiciona-se, argumentando que

A Terra não é a soma de um planeta físico, de uma biosfera e de uma humanidade. A Terra é uma totalidade complexa física-biológica-antropológica em que a Vida é uma emergência da sua história e o homem uma emergência da história da vida. A relação do homem com a natureza não pode ser concebida de maneira redutora ou separada.

Conforme essa passagem, o que se apresenta é um fator determinante que, inclusive, prevê, simbolicamente, que a Terra é maior, mais antiga, mais complexa, e mais promotora da vida do que a humanidade. Parece um tanto óbvio dizer isto, mas se tivéssemos cultivado esta verdade de uma maneira natural, racionalmente, talvez pensássemos de uma maneira mais ampla em cada ato nosso que envolvesse outras vidas. O problema é que também é próprio do humano e de sua natureza, dentro da Natureza, as limitações da consciência. Quero dizer com isto que não é apenas uma questão de ignorância ou de construção cultural que faz com que o humano se abstenha de pensar eticamente ou amplie seus horizontes intelectuais sensitivos, e sensíveis. É difícil medir, com argumentos sólidos, quais os fatos que, efetivamente, possam dar conta de explicar isso. Pois a relatividade é uma noção inevitável, quando se trata de pensamento e comportamento humanos.

Morin entende a educação/compreensão como uma ponte para a mudança de comportamento, quando diz: “A incompreensão alimenta a barbárie nas relações humanas na civilização. Enquanto permanecermos como somos, continuaremos bárbaros e mergulhados na barbárie” (MORIN, 2011, p. 123). Da mesma forma que a educação é estritamente humana, a responsabilidade também o é, e não pode ser cientificamente concebida, (MORIN, 2011, p. 72). Assim, o animal em questão nesta pesquisa, no meio social humano, colocado e ressignificado pelo humano não é mais responsável por si, como fora no meio selvagem. Ele não disputa com o humano, nem mesmo por sua própria vida; ele está destinado a uma nova forma de vida, através da domesticação, e de hábitos que lhe são impostos e, na maioria das vezes, parece estar satisfeito com essa condição. Porém, o humano deve ter, em sua “racionalidade”, a responsabilidade de salvaguarda desse animal, quando o priva, por qualquer motivo, de viver em habitat natural, ou seja, em um meio em que ele possa buscar sua subsistência, sem se prejudicar com as ações antrópicas.

Sobre a “reforma da educação”, o autor nos traz o lado bom e ruim da atualidade, o lado capaz e o lado paralisado, ou seja, uma categoria de pessoas que queiram uma mudança de comportamento diante do planeta, e que assim tentam fugir da lógica de mercado, da cultura de massa, do antropocentrismo, do egoísmo; e uma outra categoria, a das pessoas que ainda estão limitadas nesse processo contemporâneo que

consideramos negativo. É possível que o humano, através do conhecimento e da cultura, “evolua” para um estágio mais avançado de espírito:

A reforma do espírito é um componente absolutamente necessário para todas as outras reformas. Leva a um modo de pensamento que permite compreender os problemas planetários e tomar consciência das necessidades políticas, sociais e éticas (...) Pois, vamos repetir, o espírito humano é capaz de praticar o conhecimento do seu próprio conhecimento, de incorporar os meios autocríticos e críticos que lhe permitam lutar contra os erros e ilusões, de não sofrer passivamente *imprinting* da sua cultura, mas, ao contrário, de nutrir-se de uma cultura regenerada oriunda da união da cultura humanista e da cultura científica; é capaz de não se deixar sequestrar por ideias mestras possessivas e autoritárias, de desenvolver e afirmar uma consciência ainda hesitante e demasiado frágil, enfim de desenvolver suas potencialidades ainda não expressas. (MORIN, 2011, p. 170, 171)

Então, a ética complexa, para Morin, em primeiro lugar, exige que se assuma eticamente a condição humana e, para isso, é preciso reconhecer que “[...] não existe piloto automático em ética, a qual sempre enfrentará escolha e aposta e sempre necessitará de uma estratégia”. Ela é frágil, modesta, e é um dever (que portanto não pode ser deduzido de um saber (MORIN, 2011, p. 159), ela se autoproduz na consciência individual, é virtude individual e social, e é o verdadeiro “confronto com a dificuldade de pensar e de viver” e, o mais importante: “Não é triunfante, mas resistente. Resiste ao ódio, à incompreensão, à mentira, à barbárie, à crueldade” (MORIN, 2011, p. 197). Para Morin, a ética está na tríade: indivíduo, sociedade, espécie. Entretanto, a esperança é potencial quando se pensa numa mudança de postura ética na sociedade, ainda que lenta, pois, como afirma Morin: “Toda metamorfose parece impossível antes de acontecer” (MORIN, 2011, p. 84), semelhante ao que afirma Gordilho, conforme visto anteriormente, sobre os movimentos de emancipação.

Considero muito importante o que o autor diz em relação à regeneração moral, (MORIN, 2011, p.174). Ele explica que não devemos adaptar a ética ao nosso tempo, mas adaptar nosso tempo à ética, confirmando o que estamos vendo como definição de ética neste trabalho: o bom por si mesmo, sem a influência e a relatividade dos fatores externos, ou seja, não devemos construir novos valores éticos na modernidade, mas repensar a modernidade a partir dos valores éticos da vida, o que está em perfeita sintonia com a afirmação que utilizei de Naconecy, em outro ponto deste texto. Além disto, Morin enfatiza que “O problema ético contemporâneo, atualmente, vem do fato

que tudo, na civilização ocidental, tende a favorecer nosso ‘programa’ egocêntrico, enquanto nosso ‘programa’ altruísta ou comunitário permanece subdesenvolvido” (MORIN, 2011, p.174).

Este parágrafo de Morin remete-me ao filme *La Belle Verte*, de 1996, dirigido e protagonizado por Coline Serreau, no qual a personagem principal, uma humana provinda de uma civilização intelectualmente e espiritualmente mais desenvolvida que a da Terra na era da pós-modernidade, “instala programas de desconexão” em humanos terráqueos que, assim, passam a ver o mundo de maneira mais complexa, percebendo as coisas mais sagradas de sua própria vida, levando em conta o interesse dos outros, e tentando a reaproximação perdida com a Natureza. O que também dialoga com a continuação do raciocínio de Morin: “A regeneração moral precisa incorporar em nossa consciência e personalidade preceitos da autoética para reativar nossas potencialidades altruístas e comunitárias” (MORIN, 2011, p.174). Segundo Morin, estamos na “pré-história do espírito humano” (MORIN, 2011, p.175) e os colaboradores para avançarmos neste ponto, poderiam ser uma democracia cognitiva e uma regeneração cultural.

A reforma da ética deve vir, primeiro, para que possa haver uma reforma social, cultural, política, econômica e científica, pois todos esses campos estão interligados. Não podemos apenas desejar que os cientistas façam um trabalho mais ético, mais correto, ou que apresentem uma novidade benéfica a respeito de algo, se eles são ensinados, estimulados e pagos em um meio que revigora sempre os métodos antiéticos e práticos que fomentam o capitalismo. Morin, falando sobre uma ciência reformada, capaz de refletir sobre si mesma e de contribuir para a grande transformação da mente, chega a citar algo que pode nos parecer polêmico, mas bastante salutar:

O aporte das ciências neurocerebrais poderia inibir os piores aspectos do *homo demens*. Comportaria as possibilidades benéficas de evitar as explosões de fúria, de controlar a agressividade, de estimular o altruísmo, de favorecer assim a compreensão. (MORIN, 2011, p. 176)

Poderia esse ser o “bom uso da ciência”? Para Morin, creio que sim. Se tantas modificações, inclusive genéticas e biológicas são possíveis através de artifícios da ciência, não seria absurdo afirmar que um indivíduo pudesse ter sua “natureza” mental modificada para o seu próprio bem e o bem de quem com ele convive ou para quem suas ações se projetam. Poderia trazer, inclusive, mais paz à humanidade, provocando

sentimentos benéficos antes adormecidos e amenizando as barbáries. Por que não? Fica a polêmica de mais uma perspectiva científica, porém assumida pelo autor, em favor de uma ética comum, e não escondida nos laboratórios, onde, muitas vezes, vigora a perversidade científica por razões e causas não menos perversas.

A reforma para a ética não funcionará isolada. É necessária uma polirreforma da humanidade:

A regeneração geral expulsaria a barbárie das relações humanas de desprezo, ódio e indiferença, com seu rastro de amargor, fofocas, calúnias, maledicências e tudo o que rói e devasta a vida cotidiana. A regeneração geral poderia contribuir para fazer de nós seres civis, cívicos, civilizados. Suscitaria uma nova mentalidade, uma grande corrente de compreensão e de compaixão no mundo, um novo impulso, não para o progresso prometido, mas rumo um progresso possível. Visaria fundamentalmente a tirar-nos da pré-história do espírito humano e da idade de ferro planetária. (MORIN, 2011, p.178)

Está claro que a citação acima não dá conta de todos os males do mundo, concentrados quase sempre em forças maiores, a exemplo da economia global, do consumo, da ignorância, da alienação que vitima grandes coletivos, independente de suas ações individuais, perpassadas pelo que seria também chamado de ecologia mental, segundo Guattari, e que já foram descritas anteriormente. Mesmo assim, não são menos importantes e influentes as ações individuais do microcosmo cotidiano das pessoas, pois também delas e da manutenção de sua cultura poderia provir o bem ou o mal, a estagnação ou a transformação. Para Morin, a regeneração pode superar a revolução, além de poder nos levar também a uma verdadeira metamorfose (MORIN, 2011, p.178).

Com o ideário ético de Morin, percebemos que o problema do abandono de animais, em muitos casos, pode ter raízes na dificuldade ética, a partir da falta de empatia, da prevalência de um alto egocentrismo, em detrimento do altruísmo, e de questões dadas culturalmente como as exigências da modernidade e sua consequente inversão de valores, no sentido de substituir alguém por algo, a pessoa pela coisa, o ser vivo pelo objeto. Mas não podemos, contudo, catalogar causas, efeitos ou soluções a partir de uma única visão de mundo, ou visão do ser humano.

Para continuar o estudo ético da questão, acredito que Singer, cujo trabalho aborda profundamente a questão dos animais e nossa relação com eles, possa também me ajudar nessa trajetória. Para Singer, a ética é uma concepção que não pode ser condicionada culturalmente, ou seja, não é relativa a cada sociedade. Por exemplo, se,

para mim, que vivo em uma sociedade brasileira, mestiça, onde os direitos trabalhistas já foram discutidos e levados em conta, a escravidão é uma coisa errada, porque em outra sociedade, diferente da minha, em que as autoridades ainda utilizam a escravidão, e a consideram uma atividade correta, eu continuaria pensando que a escravidão é errada? Porque, para mim, de fato, ela é errada, não porque ela é proibida no meu país, mas porque já tive oportunidade de conhecer suas características e, independente de onde vivo, ela continuará sendo uma prática errada. Não são documentos institucionalmente legitimados ou decretos oficiais que definirão o que é ético e moral. Esse papel definirá a legislação que já mediu o que é ético e moral, e fará isso para que possa exigir a obediência social, enquanto a ética está antes do documento, não depois.

Ora, se a questão da escravidão é uma questão cultural e de legalidade, não há discussão. Para alguns, ela é errada e, para outros, ela é certa, sendo que ambas as posições estarão falando a verdade. A questão é: Por que a ética deve ser a mesma em todos os lugares, e para todos os grupos? Se aqui a escravidão humana foi proibida por utilizar seres humanos como máquinas, no outro lado do mundo, onde ela é legal, não são humanos também que estão sendo utilizados como máquinas? Qual a diferença real entre humanos brasileiros e não brasileiros?

O exemplo da escravidão é dado por Singer para nos fazer pensar sobre o certo e o errado para além das convenções e decisões sociais, para pensarmos na moral e na ética como fatores independentes das condições externas ao problema ou paradigma. Esse pensamento dialoga com o *bem comum* de Morin e com Naconecy, como se verá adiante, quando sustenta que a ética é aquilo que dá sentido à moral. Sobre os interesses pessoais acima dos outros, concordando com Morin, e sua concepção de egocentrismo e altruísmo, Singer diz:

Ao admitir que os juízos éticos devem ser formados a partir de um ponto de vista universal, estou aceitando que os meus próprios interesses, simplesmente por serem meus interesses, não podem contar mais que os interesses de uma outra pessoa. Assim, a minha preocupação natural de que meus interesses sejam levados em conta deve – quando penso eticamente – ser estendida aos interesses dos outros. (SINGER, 2011, p. 20)

Singer inicia seu discurso com algumas provocações dessa ordem para, mais adiante, aprofundar-se no tópico com o intuito de mostrar-nos as proximidades e as responsabilidades entre humanos e seu meio, incluindo os animais. Em relação às

gerações futuras e a ética, o autor revela que existe um movimento de apreço pela natureza hoje em dia, ainda que o âmago desse apreço não dialogue com a realidade da vida das pessoas que contribuem para o progresso tecnológico e industrial. Esse apreço provém, principalmente, de países que não convivem mais com problemas como pobreza e fome, e têm poucas terras virgens em seu território (SINGER, 2002, p.286). Ainda assim, testemunhamos que, cada vez mais, a apreciação daquilo que é mais natural no planeta torna-se a apreciação de algo raro e distante da vida cotidiana da maioria das pessoas. É uma total inversão de mundos, valores e costumes que vão contra a própria origem da vida. Muitos são os argumentos usados por grandes empresas para devastar, ocupar e transformar lugares ainda intocados, e a maior parte destas justificações são unilaterais, pendendo sempre ao capital, a uma espécie de desenvolvimento que desconsidera todos os fatores ligados à vida, em prol do enriquecimento econômico de poucos. Em contrapartida:

Os argumentos em favor da preservação que se baseiam na beleza das extensões naturais costumam ser tratados como se quase não tivessem valor, por serem ‘simplesmente estéticos’. Isto é um erro. Não poupamos esforços para preservar os tesouros artísticos das primitivas civilizações humanas. (SINGER, 2002, p.287)

Singer vai mais longe em seu discurso sobre ética, refletindo inclusive sobre nossos direitos sobre os seres não sencientes, o que, na lógica do antropocentrismo puro que mal leva em consideração o interesse de outros mamíferos, por exemplo, soaria bastante absurdo. Mas isso nos faz pensar nas consequências das ações humanas sobre a Natureza. No caso, ele cita, para ilustrar, quedas d’água, em meio às matas nativas, especuladas por empresas para servirem de hidrelétricas, ou seja, deixam seu caráter natural puro para proverem energia, uma necessidade humana atual. Para compreender melhor a ética nesse sentido, ele discute acerca do que acredito ser um conceito-chave em ética, a saber, “o valor intrínseco”:

Uma coisa tem valor intrínseco se for boa ou desejável *em si*; O contraste se dá com o “valor instrumental”, que é um valor em forma de meio para a obtenção de algum outro fim ou objetivo. A nossa própria felicidade, por exemplo, é de valor intrínseco, pelo menos para a maior parte de nós – no sentido de que a desejamos em si e por si. Por outro lado, o dinheiro só tem, para nós, um valor instrumental. (SINGER, 2002, p.290)

No seu subcapítulo “O respeito pela vida”, Singer refere-se àquilo que ele considera “a melhor defesa conhecida de uma ética que abranja todas as coisas vivas”.

Trata-se de uma passagem de Albert Schweitzer, que transcreverei a partir da citação feita por Singer, já que não obtive acesso ao original:

A verdadeira filosofia deve começar pelos fatos mais imediatos e abrangentes da consciência, e isso pode ser formulado da seguinte maneira: “Sou vida que quer viver e existo em meio à vida que quer viver”... Do mesmo modo como em minha vontade de viver existe um anseio por mais vida e por aquela misteriosa exaltação da vontade que se chama de prazer, e o terror diante do aniquilamento e daquele insulto à vontade de viver, a que chamamos dor, tudo isso também predomina em toda a vontade de viver que me cerca, e predomina por igual, quer consiga expressar-se à minha compreensão, quer permaneça não expresso.

A ética, portanto, consiste nisto: no fato de eu vivenciar a necessidade de pôr em prática o mesmo respeito pela vida, e de fazê-lo igualmente, tanto com relação a mim mesmo quanto no que diz respeito a tudo o que deseja viver. Nisso já tenho o necessário princípio fundamental de moralidade. É *bom* conservar e acalentar a vida; é *ruim* destruir e reprimir a vida. Um homem só será realmente ético quando obedecer ao dever que lhe é imposto de ajudar toda a vida que for capaz de ajudar e quando se der ao trabalho de impedir que se causem danos a todas as coisas vivas. Ele não pergunta se esta ou aquela vida é digna de solidariedade enquanto dotada de valor intrínseco, nem até que ponto ela é capaz de sentimentos. Para ele a vida é sagrada enquanto tal. (SCHWEITZER *apud* SINGER, 2002 p.293 e 294).

O autor menciona também “a proliferação de seres humanos, aliada aos subprodutos do crescimento econômico” (SINGER, 2002, p.300), que ele considera uma grande ameaça à nossa própria sobrevivência nos dias de hoje. Não é difícil percebermos que todas as superpopulações são prejudiciais ao ambiente em que vivem. Com a espécie humana não é diferente. A quantidade de pessoas e de produção de novas necessidades leva o planeta a um nível de exploração de recursos irreversível. Não é possível em grande escala, no sentido do macrocosmo das cidades, o sustento nutritivo a partir da alimentação orgânica, por exemplo. E mesmo que fosse possível, a cultura de massas, sempre crescente e autorregeneradora, através da mídia e da falta de tempo do cotidiano dessas pessoas, não estimula esse tipo de estilo de vida, muito pelo contrário. Cria a necessidade, a doença, o problema, para que a mesma forma consumista possa resolvê-lo.

Não são do interesse das grandes instâncias capitalistas os meios produtivos e tecnológicos mais ecológicos, inofensivos ou limpos. Muito menos é de seu interesse o esclarecimento da maioria das pessoas em relação ao seu próprio modo de vida e outros modos possíveis. O que permite a insustentabilidade do modo de vida que a maioria das

pessoas leva é a alienação. E quanto mais pessoas nascerem e fortificarem essa cultura de consumo e alienação, pior para elas e para o planeta, porque o fator intensifica a pobreza e diminui as possibilidades de qualidade de vida. Melhor para os poucos, sempre poucos em relação à alienação e pobreza mundial, humanos das grandes corporações. Assim a alta taxa de natalidade humana é, sim, um problema para a humanidade e para os outros seres vivos com quem dividem a Terra. Além disso, pode ser vista também como um fator determinante para a dificuldade da difusão de valores éticos no mundo.

Tendo em vista o contexto histórico cristão e aristotélico, que regeu o certo e o errado na tradição ocidental por dezoito séculos (SINGER, 2002, p.282), o autor diz que os princípios éticos que precisamos são opostos àqueles que temos, levando em conta que esses são os mesmos que criticamos, definidos moralmente pelo cristianismo e por Aristóteles, onde a Natureza deveria apenas servir o humano, e não os princípios que Morin e Naconecy (a seguir) estabelecem, nos quais a ética pura deve ser intrínseca, e em que o bom deve valer por si mesmo. Singer afirma que

[...] os princípios éticos mudam lentamente, e o tempo que temos para desenvolver uma nova ética ambiental é curto. Tal ética consideraria cada ação prejudicial ao meio ambiente eticamente duvidosa, e francamente errada toda e qualquer ação que fosse desnecessariamente prejudicial. (SINGER, 2002, p.301)

A princípio, como vimos em Morin, não seria a ética que deveria mudar, já que ela é ideal em si mesma, e sim o mundo se adaptar cada vez mais aos seus valores de respeito e consideração, de boas ações e de privação do mal a si mesmo e ao outro. Porém, Singer explica que os padrões de certo e errado na sociedade se mantêm aristotélicos, apesar do mundo estar em movimento, constantemente acelerado, em várias áreas do conhecimento. É a filosofia ou suas projeções que estão mudando muito lentamente e chegando à cultura ainda mais lentamente. Trabalhos científicos ou políticos focados na ética para os animais, por exemplo, ainda são raros e sua divulgação permanece escassa.

Essa ética ambiental, defendida por Singer, nega a sociedade materialista, na qual os bens de consumo são parâmetros determinantes para o sucesso. Singer conclui sua obra com reflexões acerca de seu questionamento: Por que agir moralmente? Como se tudo o que tivesse sido dito ainda não fosse suficiente, ou como se porventura, para muitas pessoas, ainda não seja suficiente. Ele responde ao seu próprio questionamento,

elevando a discussão a um âmbito “universal”, ou seja, sem argumentos pontuais, egoístas ou altruístas e, sim, transcendentais, chegando ao que chamou de “vida com sentido”:

Se estamos atrás de um objetivo mais amplo do que nossos interesses pessoais, alguma coisa que nos permita ver as nossas vidas como existências dotadas de uma importância que extrapola os estreitos limites dos nossos estados conscientes, uma solução óbvia, é adotar o ponto de vista ético. (SINGER, 2002, p. 351)

O autor está defendendo um estilo de vida que não seja focado estreitamente do sujeito para si mesmo. Ele dá sentido a uma vida para além de si mesmo, a algo que possibilite remeter o indivíduo a uma instância maior de cumplicidade com a natureza, com o mundo externo ao seu corpo e mente, sem, contudo, negar sua condição humana ou anular sua individualidade. Trata-se de transcender a própria existência, de encontrar sentidos mais amplos para a vida, tanto em caráter íntimo como social.

Naconecy, em seu *Ética e Animais: um guia de argumentação filosófica*, sustenta que a ética não é o valor moral em si, mas aquilo que dá sentido a ele, não é a lei em si, mas aquilo que ela deveria seguir. Assim, não há um referencial instituído sobre o que é ético ou não é, nem um conceito legitimado que delimite a extensão daquilo que deveria ser tratado com ética. Então, tratar os animais com a mesma ética com a qual tratamos nosso semelhante não é senão um ato coerente e natural, visto que também eles têm direito à vida e ao bem-estar. Segundo o autor:

[...] A Ética não trata da “ação boa para um fim desejado”, o “bom para algo”, (mas da ação “boa por si mesma”, o “bom por si mesmo”). (...) A Ética não é uma simples reformulação de convicções morais numa linguagem sofisticada (mas uma justificação delas). A Ética não apenas repete os mesmos juízos morais (mas deve ser capaz de produzir novos). A Ética não deve ser inaplicável no mundo concreto. A Ética não deve apresentar recomendações tão rigorosas a ponto de poderem ser satisfeitas apenas por pessoas excepcionais. (NACONECY, 2006, p. 33)

O autor também salienta que “o livre arbítrio e a responsabilidade moral humana não resultam anulados por um determinismo biológico” (NACONECY, 2006, p. 33), o que significa que a interpretação de que os impulsos humanos são naturais e inevitáveis e isentam o homem de culpa ou mérito, afinal, ainda, segundo o autor, todos os determinismos sempre ameaçam a moral. Diferentemente de Morin, Naconecy não considera ética e moral a mesma coisa. Ele acredita que a ética é o que dá sentido à

moral, vindo antes dela. Para ele, a moral é construída pelos humanos a partir de concepções éticas, ou seja, de determinações do que é bom e correto por si mesmo. Mesmo assim, os dois autores não discordam no âmago do que vem a ser a importância da ética: a ação boa por si mesma, a brecha necessária do egocentrismo, e que não pode ser relativa a fenômenos externos.

O fenômeno de justificar as atitudes do homem devido ao fato de ele ser a espécie dotada de maior inteligência permite que se expliquem cientificamente processos predatórios que, hoje, podem ser vistos como barbáries, principalmente do ponto de vista moral. O ideal não trata de negar o passado, mas de reconhecer as novas possibilidades, em busca de uma sociedade que, justamente por causa de sua capacidade racional, pode, quando quiser, transcender as velhas e confortáveis concepções que colocam o humano em situação de privilégio, em detrimento de qualquer outra espécie, ainda que essa não lhe ofereça nem risco, nem ameaça. Portanto, a questão egocêntrica do antropocentrismo e do individualismo coloca-se como uma barreira intransponível a essa abertura de horizontes, o que apenas justificaria o que deveria ser uma nova humanidade: “De fato, não haverá muito a dizer para uma pessoa que se preocupa só consigo mesmo” (NACONECY, 2006, p. 34).

O conceito de antropocentrismo, para esse autor, significa o movimento da construção de regras humanas válidas somente para humanos. Ele diz:

[...] Um antropocentrista típico atribui às pessoas uma dignidade única e insuperável, enquanto que considera todos os animais nada (ou pouco) mais que coisas. Uma vez que é óbvio para ele que a noção de igualdade moral deve se estender até (e parar exatamente na) fronteira que circunscreve a espécie *Homo Sapiens*, podemos sem qualquer escrúpulo, explorar os animais. Quanto ao tema deste livro, o antropocentrista espera decidir a discussão antes mesmo de começá-la. O argumento antropocêntrico, grosso modo, tem a seguinte estrutura: (i) Animais não têm *status moral*, pois eles não têm consciência, racionalidade, linguagem etc. (ii) Logo, em termos morais, não importa como os tratamos. Nenhum tratamento é imoral – exceto pelos eventuais efeitos nocivos indiretos sobre os humanos. (NACONECY, 2006, p. 66)

Esses argumentos antropocêntricos, mencionados por Naconecy e sustentados por algumas pessoas, parecem-me, no mínimo, limitados e incoerentes. O que se propõe não é que vejamos o *status* do animal, ou seu grau de humilhação moral. A necessidade do animal não parte de – e nega, inclusive – qualquer noção de vaidade, imagem,

prestígio ou concepção moral, tal como a percebemos. O que o animal sente, não há dúvida, é fome, frio, calor, dor, necessidade de liberdade e percepção afetiva. As necessidades primeiras dos animais, assim como as nossas, são as fisiológicas; qualquer fator além desse é secundário. Não parece senão uma lacuna na construção cultural humana pressupor que só porque os seres humanos construíram o conceito de valor moral, esse não se aplicaria às outras espécies vivas. Até porque o homem é um animal que tem interferido significativamente no meio que ajudou a construir, por vezes usando sua capacidade racional e sua atitude civilizatória para dominar esses meios e as espécies que nele habitam.

Pois é essa mesma racionalidade que a pesquisa questiona. Como definir um limite que indique onde termina o raciocínio e começa o afeto? Por que não assumir que a natureza humana também se define pelas atitudes passionais e sentimentais e que essas também têm valor comunicante nas relações entre o humano e o mundo, o que inclui a produção científica? Somente a partir dessa assunção é possível estabelecer um projeto de emancipação do homem, no sentido de estabelecer um terreno em que ele pense o mundo, abdicando de sua posição central nele.

Para Reigota (2009), a ética refere-se à necessidade de respeito a todas as formas de vida. É uma definição direta e precisa, defendendo que a ética, em concordância com Naconecy (2006), não se dirige dos humanos para os humanos, mas sim às espécies vivas, pelo seu simples direito de viver. Como conclusão deste capítulo, registro a percepção de que ainda faz parte de um antropocentrismo, revigorado pela idéia de progresso, o fato de que a humanidade tende sempre a proteger e a servir a si mesma, atitude que, muitas vezes, é nociva às outras formas de vida. A autossustentação extrapola as necessidades básicas da preservação e cria uma cultura em que o único produto das relações vivenciais é a melhora dessas mesmas relações, tendo como eixo exclusivo o bem-estar humano. Pois, se a racionalidade pertence a uma espécie, será justo que os possíveis benefícios dessa razão sejam aplicados somente a ela? Ou será justo que os malefícios dessa racionalidade atinjam indiscriminadamente outras instâncias vivas? Esse senso de justiça é humano, claro, mas é o termo, a sensação, o valor, o ensinamento, a descoberta, a criação do termo, o estudo sobre ele, que são fatores humanos. A aplicação do termo faz diferença, na prática, para todos os seres vivos sencientes.

Se a humanidade considera-se a única espécie capaz de liderar os rumos do mundo, não cabe a ela dar conta do que vai além da sua própria individualidade? Ou, ao menos, tentar corrigir os problemas que prejudicam outras vidas? A resposta, a meu ver é: sim, cabe à humanidade. Entretanto, testemunha-se que os interesses pessoais, ainda que não vitais, pesam muito mais do que a sobrevivência do outro. É assim que muitos indivíduos relacionam-se com os demais e, por mais que haja motivos primitivos, históricos, psicológicos, e culturais que os tenham levado a essa condição, não se podem naturalizar as ações que permeiam essa racionalidade anti-ética e que, portanto, não pode ser inteligente.

“Salvar o mundo” é uma expressão estigmatizada, mal interpretada, e até estilizada, popularizada pela mídia e indústrias, quando, na verdade, quem precisa ser salvo é o próprio humano. Talvez esse grande clichê possa servir de metáfora para esse entendimento, mas não sob um aspecto comumente antropocêntrico, de salvar a humanidade para que se perpetue na Terra, mas para dar qualidade ao que está vivo, para salvar as relações entre os animais todos, para dar um senso de dignidade na passagem da vida humana no planeta. É preciso transcender os limites do atual comportamento humano, deixar de naturalizar para ensinar, deixar de justificar atitudes com razões que valiam nos séculos passados. É preciso aceitar não só a modernidade material, mas a cultural, ampliar os horizontes, abandonar preconceitos e preceitos antigos, sem valia. É preciso reconhecer o que há de bom no novo tempo, que traz também tantas intervenções negativas à existência. É necessária uma educação geral, ética, afetiva, intelectual, crítica, reflexiva e respeitadora. Mas não porque contribuirá apenas para a humanidade, mas por levar em conta, em primeiro lugar, a vida. “A vida apenas, sem mistificação<sup>19</sup>.”

## **2.5 Nós e nossos animais de estimação – reflexões a partir do entendimento de Paula Brugger**

No seu artigo “Vidas Descartáveis; nossos animais de estimação”, publicado na coluna Tao do Bicho, do *site* ANDA – Agência de Notícias de Direitos Animais,

---

<sup>19</sup> Do poema “Os Ombros Suportam o Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade.

Brugger reflete sobre a relação entre as pessoas e os animais domésticos, incluindo aqueles que se encontram desamparados pelo sistema degradante do descuido e do abandono. E problematiza a questão da compra e venda de animais, o que alimenta um sistema mercadológico perverso, que trata o animal como coisa e preza acima de tudo os interesses humanos, em especial a lucratividade. Como educadora ambiental, ela tem posições firmes em relação a uma educação que possa superar a cultura de massas, e defende, a respeito disso, que

[...] educação não é adestramento. Uma educação crítica e libertadora deve favorecer a formação de cidadãos conscientes da parcela de responsabilidade que têm pela saúde e integridade não apenas de seus corpos, mas de outros corpos e demais componentes da biosfera. Devemos nos tornar “autônomos e solidários” e não individualistas e marcados por uma cultura massificada, ou seja, “autômatos e solitários”. (BRUGGER, 2009, p. 1)

A autora, com quem compartilho opinião de que tudo está conectado, valoriza a educação para além de um limite escolar, ou seja, aquele que valoriza a reprodução do modelo social vigente. Ela acredita em uma educação transformadora e na transcendência de velhos valores, e isso torna-se ainda mais possível e natural se esse tipo de educação começar muito cedo na vida do indivíduo. Ainda assim, ela não exclui a possibilidade do aprendizado tardio, apenas defende que uma mudança de postura na educação em fases iniciais da constituição do indivíduo representa maior eficácia sobre a ética nas novas gerações:

[...] na minha incorrigível mania de ver “tudo ligado a tudo”, acredito firmemente que quem aprende desde cedo a respeitar os animais – a vê-los como seres sencientes, “sujeitos de uma vida”, como diz o filósofo Tom Regan – tem muito mais chance de agir eticamente nos mais diversos setores de suas vidas. Um aprendizado facilita o outro. Os domínios cognitivo e afetivo se entrelaçam e as premissas são extrapoladas para além de seus limites: se tornam transfronteiriças, se amalgamam. Se começássemos já, em menos de uma geração seria possível transformar profundamente o quadro de descaso que vemos hoje. E isso vale em muitos outros âmbitos. Na verdade o tratamento ético para com os animais não humanos é parte de um todo maior que envolve uma transformação radical na educação e nos valores dominantes em nossa sociedade. (BRUGGER, 2009, p.2)

A castração de cães, do ponto de vista dos abolicionistas, ou seja, das pessoas que prezam o direito dos animais de forma total, e mesmo das pessoas que apenas querem respeitar a natureza fisiológica do animal, é uma questão polêmica. De fato, é inegável que a castração nega a natureza fisiológica do animal e, do ponto de vista

filosoficamente ético, ela não seria uma medida correta. Acontece que é necessário pensar a ética na prática, porque fora da prática seu sentido essencial se perde.

Em relação a todas as considerações éticas em que acredito, prego e valorizo, realizando esta pesquisa, e vivendo minha vida empiricamente, tenho percebido que, sem transcender a teoria, a ética perde sua função ou resulta determinada a estudos históricos. Sendo assim, a questão da castração hoje é o que tenho chamado neste texto de remediação. Remédios só são consumidos para solucionar ou amenizar um problema existente, não sendo parte de um procedimento padrão nos casos de boa saúde. A castração é um remédio para um problema coletivo entre os cães e a sociedade humana, um remédio que se apresenta como uma solução temporária e, por enquanto, a mais objetiva para fazer a diferença do problema na prática. Então, privamos um indivíduo de seu direito Natural de reprodução para evitarmos o sofrimento de outros indivíduos. É a ética na prática, uma situação difícil, um paradoxo, como já referi, de acordo com o raciocínio de Morin, em capítulo anterior. Os grupos de proteção costumam fazer forte campanha em prol da castração, pelo motivo que já sabemos, mas foi crucial para mim ter o aparato científico e filosófico da autora apresentada, quando afirma:

O ideal seria que não precisássemos intervir no controle da população de nenhuma espécie. Mas o mal já está feito. Já interferimos quando os domesticamos. Aliás, estamos interferindo o tempo todo, como espécie, em praticamente tudo. Por essa razão não cabe a argumentação, por parte de alguns, de que a castração é uma medida antinatural e portanto má. Sim, castrar animais é antinatural como quase tudo o que fazemos. Interferimos, de um lado, criando superpopulações – caso dos animais de estimação e daqueles criados para se tornarem alimento – e, de outro, condenando espécies à extinção. O que é supostamente “natural” não deveria ser um marco para balizar nosso comportamento. Penso que a essa altura a maior parte das pessoas já terá ampliado seu nível de compaixão e será capaz de amar não apenas seu próprio cão ou gato, mas todos. E, sobretudo, terá aprendido também que só amar não basta. Aliás, amar pode ser perigoso, pois quem encarcerava um pássaro numa gaiola, por exemplo, afirma amá-lo. Mas tudo o que os animais querem é que os deixemos em paz para que vivam suas vidas na natureza e conforme sua natureza, uma vida moldada por intrincadas relações que levaram eras e eras de evolução no planeta. Para isso é preciso que, no mínimo, os animais sejam tratados de acordo com sua condição de seres sencientes. (BRUGGER, 2009, p. 3)

Sobre os motivos éticos da adoção consciente e a problemática do que é bom para os animais, a autora posiciona-se da seguinte forma:

O princípio abolicionista condena, justificadamente, o comércio de animais. Adotar, portanto, é a única atitude eticamente correta. Há, em

todo o mundo, milhões de animais esperando por uma chance de ter uma vida digna. E, no que diz respeito a cães e gatos, vale lembrar que os “vira-latas” ou SRDs (Sem Raça Definida) tendem a ser mais saudáveis, pois sua bagagem genética é o resultado de um processo guiado pela natureza. E os processos naturais tendem a privilegiar a diversidade. Ao forçar a formação de raças, um procedimento não natural, diversas características dos animais são concentradas, inclusive aquelas que lhes são desvantajosas. Quem realmente gosta de cães ou gatos, gosta tanto dos “vira-latas” quanto dos de raça. Estes últimos representam, para muitos, apenas um símbolo de status. É muito importante que compreendamos que, mesmo no que tange aos animais de estimação, existe um forte componente antropocêntrico e instrumental em nossas atitudes. Basta pensarmos na criação das diferentes raças. Seu propósito foi – e ainda é – o de servir à espécie humana. Para tanto foram criadas raças para guarda, companhia, pastoreio, caça etc. Eis mais uma vantagem dos SRDs: eles podem ser simplesmente “lobos” de novo! (BRUGGER, 2009, p. 4)

Indo além da questão canina em si, a autora cita o sofrimento psicológico das pessoas sensíveis, que não naturalizam a função de deparar-se com um animal em situação de risco, ou seja, as pessoas que não criaram o problema e que acabam esforçando-se para resolvê-lo, em prol do animal, que está nesse momento impedido de se defender. Essas pessoas, defende Brugger, não fazem isso por serem masoquistas (BRUGGER, 2009, p.5), ou seja, porque gostam de gastar seu tempo compartilhando o sofrimento ou infligindo a si mesmas um profundo desgosto de lidar com situação tão triste. Elas ajudam os animais, porque sentem compaixão:

O que move suas atitudes altruístas é um senso de dever que deveria fazer parte das ações cotidianas de todos. Os péssimos cidadãos que abandonam seus animais provocam portanto, nas pessoas sensíveis, um sentimento de impotência e uma ansiedade que pode levá-los inclusive a contrair doenças. É de um cinismo total pensar que alguém tenha que se responsabilizar por todo e qualquer animal que venha a parar em sua porta porque esse alguém “gosta” (*sic*) de animais. (BRUGGER, 2009, p.5)

Exemplificando sua posição em relação ao controle populacional com uma cena de forte teor dramático, mas terrivelmente verdadeiro, na qual um cão de rua vivo é recolhido por um caminhão de lixo, no documentário “Terráqueos<sup>20</sup>”, Brugger explica que esse tipo de atitude, além, é claro, de ser proveniente de uma cultura antiética, limitada e insensível é, na prática, explicada pela existência de muitos cães, a ponto de

---

<sup>20</sup> Documentário dirigido por Shaun Monson, e narrado pelo ator Joaquin Phoenix, retratando a violência à qual os animais estão submetidos para que os humanos possam viver o modelo de sociedade hoje. Trailer disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=lEeBWHZs2wg>. Acesso em 20/02/2013.

eles estarem, do ponto de vista das autoridades ou do povo que permitiu a barbárie citada, atrapalhando a via pública, a sociedade, a vida humana enfim.

Isso, pessoalmente, obriga-me a pensar que, independente da mortalidade de cães adultos e filhotes por diversos outros fatores também provenientes do preconceito, do abandono, do descaso, do descomprometimento e da insensibilidade como as “eutanásias”, os atropelamentos, as doenças, a fome e frio, o ato de jogar um cão vivo no caminhão do lixo causa-me uma estupefação ainda maior, pelo menos do ponto de vista estético. Pois demonstra um desprezo que supera qualquer consideração para com a vida, um desprezo grande demais, com o qual, mesmo sabendo dos problemas reais abordados sobre o abandono, iguala uma vida ao lixo, legando-a ao mesmo destino desse. É difícil escolher as palavras para traduzir o que representa para mim esse gesto colocado de forma tão simples, direta e objetiva da morte do cão, representada no filme. É a abstração mais completa que vejo no problema e, mesmo considerando que o homem pudesse estar seguindo ordens de seu superior, isso não alivia em nada o fato, ou seja, a moralidade admitida pelo sistema, pelo homem que realizou a tarefa e pelo homem que porventura tenha ordenado tal tarefa.

De fato, o filme citado é um documentário muito importante, que apresenta vários outros tipos de cenas polêmicas em relação a vários outros animais. A violência apresentada é de um realismo e de uma intensidade muito fortes, o que exige uma cautela do espectador em relação as suas próprias reservas emocionais e, eu diria, inclusive, de sua saúde cardíaca. É importante citar o filme, pois ele foi um operador de sentido, em parte, no artigo de Brugger, que utilizo e que tantas contribuições trouxe ao meu trabalho.

Para encerrar este subcapítulo, trago, do mesmo artigo de Brugger, uma questão ainda mais ampla, digna de estudos específicos, que poderiam colaborar para maior e mais complexo conhecimento nas ciências: medicina, psicologia e filosofia. Trata-se de uma questão sintomática de alguns indivíduos, dentre os quais, alguns animais tiveram um tratamento hostil e mortal, ainda que, desafortunadamente, estabeleceram a possibilidade de diagnosticar problemas psíquicos humanos que colocam a sociedade em risco.

Por fim, diversos autores argumentam que a violência contra animais não humanos é indicadora de psicopatias não restritas a eles. Alguns estudos em prisões nos EUA, por exemplo, mostraram que réus de segurança máxima praticaram atos de extrema crueldade contra

animais em sua infância e foram abusados sexualmente. (BRUGGER, 2009, p.5)

Como já menionei, foi de grande valia o aparato científico-filosófico da autora, que parte da ética para fazer suas considerações práticas e acadêmicas. É de extrema importância que este assunto esteja cada vez mais presente nas universidades. Em Brugger, encontro o apoio do rigor acadêmico a favor de causa tão nobre e tão pouco explorada. Por isso, e por ter tratado com especificidade os animais de estimação neste artigo, concentrei em um subcapítulo suas considerações entrelaçadas às minhas.

### 3. METODOLOGIA

*Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto  
és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.*

*Fernando Pessoa*

Cabe, neste momento do texto, explicar uma possível divergência no entendimento do foco desta pesquisa. O contexto da cidade de Rio Grande foi eleito, no início da construção do projeto, a partir da observação de grande número de cães de rua na cidade e no seu balneário. As fontes de pesquisa, então, limitavam-se a sujeitos em Rio Grande e a teorias que fundamentassem o problema percebido nesta limitação geográfica. Porém, a questão de pesquisa focada apenas nesta localidade não se configurava suficiente para a construção de uma dissertação, ou seja, foi percebido que a causa e o problema do cão abandonado em Rio Grande não estava apenas em Rio Grande, nem tampouco era uma questão estritamente política. Encontrando alguma dificuldade na acessibilidade ao poder público municipal, vigente até 2012 para a coleta de dados. E percebendo forte divergência entre este e os Grupos de Proteção, pareceu-me infértil seguir por este caminho. A causa geral do problema era clara: não conscientização da sociedade, ausência de verba e de políticas públicas voltadas para a causa. Isso pôde ser observado facilmente por visitas e conversas informais com o veterinário do Canil, e a partir de conversas, no caso, entrevistas, com os voluntários da causa, os Grupos. Houve o risco que minha pesquisa caísse no denunciamento, e não encontrei um problema profundo o bastante dentro da questão dos cães, focado somente em Rio Grande, pois meu anseio havia tomado um rumo mais amplo: a relação entre as duas espécies, humano e cão. Foi quando, talvez erroneamente, meu foco transbordou e fugiu de um estudo de caso mais delimitado.

É necessário esclarecer que reconheço a importância e a necessidade do estreitamento do assunto de pesquisa, e especialmente do Problema de pesquisa. Mesmo

assim, neste caso, optei pela fuga das fronteiras geográficas, a fim de fazer um estudo mais filosófico e reflexivo do que propriamente prático, porque encontrei no ser humano meu objeto principal de estudo. Rio Grande ficara como um contextualizador e um estopim da pesquisa. Este foi um acordo com minha então orientadora Virginia, que me ajudou e concordou em ampliar a questão principal, desde que o foco fosse no ser humano e na educação. Ainda muito no início da pesquisa, pensei que a ética seria uma teoria de pano de fundo no meu trabalho, mas ela acabou logo vindo à tona como aquilo que deu mais sentido à pesquisa e a todas as atividades que a acompanharam. Também este *insight* tão importante devo a esta orientadora, que me ajudou a determinar a ética como o conceito-chave do meu trabalho. A qualificação realizou-se com a pesquisa neste rumo, quando então aconteceu a troca de orientador, por ocasião da aposentadoria da primeira.

Meu novo orientador, Humberto, alertou-me no parecer da qualificação para que redimensionasse o universo de pesquisa, ou seja, que eu voltasse a focar na questão de origem, estabelecida na cidade de Rio Grande. Mesmo assim, resisti, optando por dar continuidade ao trabalho, conforme a primeira orientação. Passados os meses de afastamento, devido à greve dos docentes da Universidade e de outros fatores de força maior, reencontrei meu orientador que reafirmou a importância da delimitação do universo de pesquisa e redirecionou-me a um estudo de caso em Rio Grande. Procurando atender à solicitação importante, porém não disposta a modificar os conceitos principais deste estudo, nem a fundamentação já traçada e, tendo em vista o curto tempo restante, tratei de marcar uma entrevista com o novo Prefeito e dar continuidade a um estudo de caso focado em minha cidade, com o intuito de entender melhor o problema do ponto de vista político e de conhecer as pretensões da nova Gestão Municipal. Coincidentemente, encontrei muita facilidade no acesso ao poder público desta vez e, por assim dizer, novidades e informações mais valiosas do que penso teria encontrado na gestão passada, o que torna o resultado do estudo de caso mais interessante e atualizado.

Portanto, registro aqui, de forma muito franca, que é de minha inteira responsabilidade, e não dos orientadores, que o estudo de caso em questão não dê conta do problema central da pesquisa, ou seja, ele foi uma ação interna e relevante. Porém, muitas vezes pode-se perceber que há uma digressão do estudo de caso, no sentido de

que o peso da problematização da pesquisa permanece focado filosoficamente no ser humano, nas suas relações com o cão e na ética.

### **3.1 Um estudo de caso em Rio Grande**

O Estudo de Caso desta pesquisa teve início no segundo semestre de 2011, e finalizou no último mês de escrita desta dissertação. Embora este procedimento corra o risco de ser apressado, esta condição foi determinante para a finalização da pesquisa, visto que a entrevista com o Prefeito Municipal aconteceu somente em fevereiro e contribuiu muito para o resultado do trabalho. O caso específico do estudo é o cão abandonado (ou vítima de maus tratos e descaso) em Rio Grande.

A escolha do método Estudo de Caso é justificada através de Robert Yin, que explica como é correta a escolha desta metodologia, quando a pesquisa abarca: as questões “como” ou “por que”, quando o investigador tem pouco controle sobre os eventos e quando o enfoque está sobre um fenômeno contemporâneo no contexto da vida real (YIN, 2010, p.22). Acredito que a problemática contextualizada na cidade de Rio Grande contempla estas três características colocadas pelo autor, que também diz o seguinte: “O método também é relevante quando suas questões exigirem uma descrição ampla e ‘profunda’ de algum fenômeno social” (YIN, 2010, p. 24) e, ainda:

[...] a necessidade diferenciada dos estudos de caso surge do desejo de entender os fenômenos sociais complexos. Em resumo o método do estudo de caso permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. (YIN, 2010, p.24)

Compreendendo o método posso ter certeza de que o procedimento deste estudo corrobora com as características de minha pesquisa, já que não necessariamente deve ser um estudo total, fechado e independente das variáveis das condições externas. O estudo de caso pode ser também uma parte, focada dentro de um estudo de maior amplitude, como de fato se coloca neste trabalho, quando o problema de pesquisa sofreu uma transformação, motivada pela descoberta de que a causa do problema não se encontrava nesta cidade, ou seja, não havia, pontualmente, causadores diretos do problema restritos a uma região, fazendo assim com que a pesquisa sofresse um desvio

e fosse buscar a explicação ou solução do caso em um horizonte maior. Sendo assim, cito mais uma vez o autor:

Com a finalidade de ensino, o estudo de caso não necessita conter uma interpretação completa ou exata dos eventos atuais.(...) Você pode estar apenas realizando um estudo de caso ou pode estar usando-o como parte de um estudo multimétodos maior. (YIN, 2010, p. 40)

Yin também coloca que este tipo de investigação pode beneficiar-se do desenvolvimento de teorias previamente estabelecidas para orientar a coleta e análise de dados (YIN, 2010, p.40). Este benefício também é presente em minha pesquisa, no momento em que a fundamentação teórica estava determinada, quando aconteceu a última coleta de dados, ou seja, a entrevista com o novo Prefeito de Rio Grande, o que muito ajudou na construção dos questionamentos a serem feitos e na análise da argumentação do entrevistado.

A questão da originalidade do tema também está presente quando se trata da importância do caso. Yin coloca que são mais exemplares os estudos de caso, nos quais: “o caso ou casos individuais são incomuns ou de interesse público geral, os aspectos subjacentes são nacionalmente importantes – tanto em termos teóricos quanto em termos políticos ou práticos [...]” (YIN, 2010, p. 217). Acredito que meu estudo também se enquadre nessas características, porque a temática não é comum. Em busca do estado da arte no próprio Programa a que pertencço, não encontrei tema semelhante ou que vinculasse a ética a um universo além do humano. Acredito também que meu estudo seja relevante para o público geral em dois sentidos: primeiro, o cão está cada vez mais presente nas famílias humanas como um membro adjacente, já que o Brasil tem a segunda maior população de cães e gatos do planeta: 101,1 milhões<sup>21</sup>. Assim, algumas pessoas estão se sentindo mais acompanhadas por ele, o cão, e podem estar mais inclinadas a compreender sua natureza, e entender que o animal pertence não só à sua casa e família, mas à sua comunidade, seu tempo, sua sociedade. A pertinência de estender a ética aos animais de rua, neste sentido, fica mais facilitada quando tocamos no interesse particular das pessoas. Mais uma vez, a ecosofia de Guattari é fundamental para continuarmos nossa reflexão, a partir da ecologia mental para a social e ambiental. Em segundo lugar, o estudo é de interesse do público geral, no que tange o abarcar de

---

<sup>21</sup> Informação do Correio do Povo. Disponível em <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/bichoamigo/?p=35>. Acesso em 22/02/2013.

uma filosofia moderna, mais justa com outros seres vivos, uma filosofia que confia na evolução e no progresso mental e emocional do indivíduo humano. Pensar eticamente em relação à vida pode tornar-se um hábito inteligente e popular, transcendendo as páginas dos textos teóricos e fazendo-nos atingir o sentido da vida, colocado por Singer, o qual citei neste trabalho. Pensando eticamente, as pessoas também têm uma percepção da vida mais complexa e podem abandonar o padrão fragmentado e falho de pensamento.

Por último, penso que meu estudo pode ter aspectos nacionalmente importantes, porque o problema não se limita a um lugar específico e movimenta políticas específicas, para as quais é necessário muito empenho de quem as cria ou promove, como é o caso da SEDA – POA, Secretaria Especial dos Direitos Animais, da cidade de Porto Alegre, já explicitada anteriormente. As entrevistas deram-se a partir de um roteiro flexível, isto é, um pequeno questionário passível de desvios e assuntos afins, mas todas as perguntas feitas foram respondidas. Os roteiros e transcrições completas encontram-se nos anexos.

No Capítulo 1, constam as informações adquiridas sobre o problema na cidade, a partir do ponto de vista político e civil (Grupos de Proteção voluntários) e os resultados adquiridos com cada uma das instâncias pesquisadas. Acredito que, além de um panorama, as informações foram cruzadas de forma a chegar a um resultado que, previsível ou não, oferece um ponto de vista comprometido com a mudança para melhorar o problema socioambiental na cidade, além de demonstrar que muitas pessoas estão repensando a ética nas relações com os cães e, assim, com outros animais também.

### **3.2 A mandala reflexiva como procedimento metodológico da pesquisa**

Utilizo a ferramenta metodológica Mandala Reflexiva, criada por Machado (2009), que colabora para a visão do todo, no desprendimento do pensamento linear. A Mandala Reflexiva é uma ferramenta para uso do pesquisador. Trata-se de um diagrama heurístico, cujos elementos interagem para a compreensão de um todo complexo. Seu objetivo é a organização dos conhecimentos e elementos de uma pesquisa, para que ela seja capaz da resolução de problemas socioambientais. Sendo sua linha o pensamento sistêmico, ela prevê categorias de estabelecimento de ideias prévias, conceitos-chave, e

conexão entre ciências, além de um espaço específico para os imprevistos, e para as questões que surgem no decorrer da pesquisa. Seus elementos são cinco: Identificação do Problema, Contexto, Problematização, Resolução, e Emergência. Esses elementos, a princípio, são considerados separadamente, mas dialogam e se interconectam com os outros para uma compreensão mais completa do problema e das possibilidades da pesquisa. Dessa forma, a cada mudança em uma das categorias, toda a Mandala deve ser refeita, reordenada para se adequar àquela mudança. Assim, a Mandala também é uma ferramenta ilustrativa que auxilia o pesquisador em todas as fases da pesquisa. Conforme a autora:

[...] A configuração do pensamento sistêmico está na zona de intersecção da tríade da resolução de problemas sociais ou socioambientais: identificação, problematização e interação & proposta de resolução. A estrutura organizada na Mandala Reflexiva, para a resolução de problemas, possibilita que o pensamento sistêmico configurado seja diferenciado, porque as anotações geradas pela investigação permitem ao pensador heurístico visualizar os estágios do processo de sua reflexão crítica. (MACHADO, 2009, p. 185, 186)

Abaixo a ilustração da Mandala:



FIGURA 6 - Mandala Reflexiva  
FONTE: MACHADO, 2009.

A Mandala contribuiu na minha pesquisa, no sentido organizacional. Desde o projeto, a atividade de fazer e refazer a Mandala, tanto no diagrama, quanto na escrita, favoreceu-me a um raciocínio que facilitou a construção da dissertação.

A princípio, escrevi o projeto no formato da Mandala, ou seja, descrevendo textualmente as partes da pesquisa na ordem em que aparecem no diagrama. Em seguida, pude reencaixar e separar capítulos que dessem conta de cada assunto separadamente, cuidando para nunca perder a origem da pesquisa, o problema, que deve perpassar todo o texto, fator para o qual a utilização da Mandala colabora. Os conceitos-chave, parte estabelecida da Mandala, ajudaram-me a perceber qual seria a fundamentação teórica do meu trabalho e a interligar os conceitos que, fragmentados, não dariam sentido à pesquisa. Desta maneira, a Mandala contribuiu não só para o estudo de caso específico do problema em Rio Grande, como também para a formalização de outras partes da pesquisa, as teorias, as propostas, e a própria escrita. Um exemplo de como a Mandala colaborou foi a atividade de refazer frequentemente a descrição das ideias prévias e conceitos-chave, nos quais a ética estava colocada como um dos itens secundários ao tema de pesquisa. Aos poucos o problema foi se reconfigurando e acabou se consolidando, momento no qual os conceitos foram analisados separadamente e a ética se sobressaiu às outras ideias, tornando-se a condução do trabalho.

Faço aqui, sinteticamente, a descrição da minha Mandala de pesquisa hoje, na qual a Identificação do Problema dá-se da seguinte forma: Problema dentro da perspectiva da Educação Ambiental, cujo aspecto epistemológico é a compreensão da origem e da continuação da proximidade humano-cão. O aspecto institucional é a identificação de uma cultura antropocêntrica aristotélica e fortalecida pelo cristianismo que, ainda hoje, define as relações entre homens e animais. O aspecto pedagógico configura-se na forma como se naturaliza a manutenção dessa cultura. Assim, é a capacidade que as pessoas têm de absorção e reprodução de um comportamento, e sua individualidade que, muitas vezes, não considera o valor da vida do outro.

Os sujeitos do espaço-tempo, no contexto do estudo de caso em Rio Grande, foram, como já sustentei na Introdução, duas líderes de Grupos de Proteção Animal, e o Prefeito Municipal, na gestão 2013 – 2016. Em relação às interações e propostas, os

alunos da Escola na qual trabalho participaram de atividade ético-estética descrita a seguir e que colaborou com o resultado final da pesquisa, para além do estudo de caso feito na cidade determinada.

Os procedimentos desta pesquisa configuraram-se em cinco partes. Primeira, e que permeou toda a pesquisa, as leituras, que permitiram construir a fundamentação do trabalho e compreender, individualmente, cada uma das instâncias que o rege, considerando, mesmo nas suas singularidades, suas intervenções umas nas outras. Em seguida, foram feitas as entrevistas com as líderes dos Grupos de Proteção, o que ofereceu um panorama do problema na cidade. Em terceiro lugar, mas não necessariamente de forma cronológica, a produção do vídeo sensibilizador, com recursos digitais, para acompanhar esta pesquisa. Permeado pela informalidade e pela arte, a ideia é que ele possa transcender a pesquisa, podendo ser assistido por quaisquer pessoas ou grupos, mas, principalmente, oferecendo ideias para produção de outros vídeos em escolas, universidades, eventos de grupos específicos de proteção aos animais e todo o público que se sinta pertencente ou curioso à causa, além daqueles que desconhecem ou não se interessam por ela. O convite desta produção é a reflexão e a experiência. Aproveito para registrar que o pequeno vídeo produzido na pesquisa já está editado e publicado. A atividade do vídeo feita com alunos de 8ª série, explicitada a seguir, também foi um procedimento deste trabalho.

A quarta etapa foi a interação com meus alunos. Utilizando minha atuação como professora de Artes, fez parte do planejamento da pesquisa, utilizar o vídeo em aula com alunos do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública, onde a faixa-etária mínima é de quinze anos, envolvendo sujeitos de realidades diferentes. A atividade deu-se no primeiro semestre de 2012. A ideia foi que assistissem a um vídeo de dois minutos e quarenta, feito por mim, apenas com câmeras fotográficas simples ou de celular, intitulado *Abandonos I* e emitissem sua reação/opinião, filosófica e sentimental, através da arte: com palavras, texto, ou por qualquer outro meio. Tratou-se de uma experiência estética que originou um posicionamento ético.

O quinto procedimento da pesquisa, portanto, foi registrar os resultados das atividades com os alunos e, assim, perceber o quanto pode ser relevante este instrumento de arte para a atividade da Educação Ambiental enfocada neste tema. Além disto, até os últimos meses de construção do texto, estive em contato com a bibliografia

utilizada, reencaixando passagens de texto, reconsiderando a utilização ou não das teorias de alguns autores. E, por fim, a entrevista tardia (e análise da mesma) com o Prefeito, que se configuraria no princípio da pesquisa, mas que se deu na última semana possível, sem que isto prejudicasse o que pude observar como colaboração ao meu problema. Na verdade, a data, tal como se deu, foi mais proveitosa do que teria sido se marcada antecipadamente. Na revisão final, remontei o texto, esforçando-me para que ele pudesse parecer o mais coerente possível, já que seu conteúdo não foi adquirido de forma sequencial.

Metodologicamente, um dos objetivos deste trabalho, além de pretender atingir um público-sujeito, foi de exercício à minha atividade como pesquisadora desta temática e, claro, tentar colaborar para um alargamento de horizontes sobre o tema da relação entre humanos e animais no meio acadêmico.



#### 4. INTERAÇÕES E RESOLUÇÕES

*A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível.*

*Leonardo da Vinci*

É pertinente colocar a experiência inspiradora que a disciplina das Três Ecologias, que cursei no decorrer de 2011, me possibilitou. Através dos trabalhos com vídeos e ideias, focados na intersecção das ecologias mental, social e ambiental, e das saídas de campo, onde nós, alunos, pudemos perceber a vida real de grupos e pessoas que têm atividade fundamental em seu ambiente, fora da lógica acadêmica, percebemos que fazer Educação Ambiental deve ser uma prática refletida e, ao mesmo tempo, simples, ou seja, passível de compreensão para a maioria das pessoas, e difundida para os mais diferentes grupos. Nesta disciplina, confirmei o que já havia planejado para meu projeto: a importância do audiovisual.

À parte, o vídeo que fiz junto à colega Dayse para a disciplina recém-referida, durante a construção do projeto, fiz também meu próprio vídeo, o qual apresentei aos meus alunos, utilizando somente câmeras amadoras, e programas informáticos de simples manipulação. Com isto afirmo que a produção de arte não deve se limitar à ideia de algo realizável somente por artistas, ideia cuja figura mítica representa um indivíduo extraordinário e inalcançável, dotado de talento nato. A arte deve acima de tudo ser feita e refeita, por todos aqueles que sentirem vontade ou necessidade dela. A valorização estética e histórica na arte é de suma importância, e eu diria fundamental, para a compreensão do desenvolvimento permanente das civilizações humanas. Mas isso não supera a relevância do que a atividade do fazer, perceber e sentir através da arte pode trazer de benefícios ao ser humano. Infelizmente, não houve possibilidade da realização dos vídeos pelos meus alunos, em função de problemas como o horário noturno da aula, o curto espaço de tempo que tínhamos, e o ritmo de vida que levavam fora da escola, visto que eram alunos do Programa Municipal de Educação de Jovens e Adultos.

Mesmo assim, a proposta mantém-se como uma atividade escolar ou extraescolar, podendo perpassar as diversas instâncias e faixas etárias, porque considero a arte como uma capacitadora de mudança através da educação. O objetivo da arte ético-estética proposta, desta maneira, é transcender à dissertação e à pesquisa,

procurando meios de envolver o maior número de pessoas possível em uma nova postura diante dos animais. Minha proposta da Educação Ambiental, vinculada às ferramentas de resolução de problemas socioambientais e, portanto, de uma tentativa de intervenção para uma mudança real, ainda que lenta, propõe a pesquisa fundamentada sobre a compreensão do problema, seguida de interações e propostas para a mudança prática através da Educação. Para tanto, uma das ferramentas, coerente ao meu histórico acadêmico e profissional, é a arte-educação.

Através dela pretendi explicitar e divulgar o problema de forma artística e esclarecedora, documentando, registrando e sensibilizando os sujeitos-espectadores. Esta arte-educação, como já previsto nos procedimentos metodológicos, trata-se da produção e divulgação de um audiovisual produzido sobre o tema de pesquisa: o vídeo *Abandonos I*, que já está divulgado no *site* Youtube. Com ele, proponho, além da mensagem transmitida sobre abandono e responsabilidade humana, a produção de vídeos por parte de educadores e educandos acerca do tema em questão, visto que nos dias atuais a tecnologia de captação de imagem está cada vez mais acessível. Eu proponho usar o procedimento a favor da arte e da ética, ou seja, de uma proposta ético-estética que, além do valor da criação, o valor artístico em si, possa instigar valores morais em relação às outras formas de vida. Neste trabalho, em especial, em relação aos cães. Não é novidade que as possibilidades características do vídeo e do cinema levem o produtor e o espectador a um grande envolvimento com o tema, além de ser uma forma de arte complexa, com imagem, som e roteiro escrito. Como já coloquei antes, a disciplina das Três Ecologias I e II, que cursei no ano de 2011, incentivou-me ainda mais a investir e acreditar na importância que o vídeo pode ter na educação, tanto para quem planeja e faz o vídeo, quanto para quem o assiste.

Em *A Cabeça Bem Feita*, Morin escreve um capítulo que aborda as contribuições das artes como processos de aprendizagem: “Literatura, poesia e cinema devem ser considerados não apenas, nem principalmente, objetos de análises gramaticais, sintáticas ou semióticas, mas também escolas de vida, em seus múltiplos sentidos (...)” (MORIN, 2006, p. 48). E completa: “Enquanto, na vida cotidiana, somos quase indiferentes às misérias físicas e morais, sentimos a comiseração, a piedade e a bondade, ao ler um romance ou ver um filme”. (MORIN, 2006, p. 50, 51)

Morin (2011), na sua posição em relação à ética, também escreve que as relações estéticas podem proporcionar ao ser humano sentimentos que não acontecem

na vida real, em relação à compreensão necessária à ética. Isso fica claro, quando o autor sustenta:

Outro obstáculo à compreensão é a indiferença. Uma verdadeira calcificação torna-nos indiferentes ao sofrimento ou à desgraça do outro. Isso desaparece no cinema no teatro, na leitura de um romance quando a empatia toma conta de nós e sofremos as humilhações e as desgraças sofridas pelos personagens. Mas, como já dissemos, essa compreensão cessa assim que o espetáculo chega ao fim. (MORIN, 2011, p. 118)

Essa afirmação de Morin confirma a importância das relações estéticas para a sensibilização das pessoas e contribui com o que afirmam os autores ligados à linguagem cinematográfica. Então, acredita-se que é possível, sim, que as experiências estéticas promovam a reflexão de um dado comportamento, ainda que comecem no território da ficção, pois o sentimento do espectador é real. A questão é: Como fazer para que a empatia se estenda para além do momento de apreciação da obra? Como atingir o humano através da arte para tocá-lo, com a profundidade necessária, levá-lo a uma nova postura na vida real? Guattari (1990) nos diria que a experiência é o melhor caminho.

#### **4.1 Cinema e Sensibilização – Educação?**

Saliento, neste capítulo, as propriedades do audiovisual, a partir da visão de especialistas no assunto. Aqui, chamaremos o audiovisual pela sua denominação artística, isto é, cinema. Utilizo considerações desses estudiosos para ilustrar o envolvimento que o meio audiovisual pode oferecer ao espectador, já que é capaz de intervir em suas emoções, percepções e na sua racionalidade. Trata-se da linguagem específica do meio audiovisual que configura sua singularidade entre as outras instâncias da arte.

Segundo Jacques Aumont, o cinema é a arte da atenção, da memória, da imaginação e das emoções:

[...] da simples ilusão de movimento a toda uma gama complexa de emoções, passando por fenômenos psicológicos, como a atenção ou a memória, o cinema é feito para dirigir-se ao espírito humano, imitando seus mecanismos: falando psicologicamente, o filme não existe, nem

na película, nem na tela, mas somente no espírito que lhe proporciona sua realidade. (AUMONT, 2006, p. 225)

Essa realidade, mencionada pela citação, é proporcionada pelo próprio espectador. Ele remonta essa realidade, ou a cria, a partir de suas sensações, construindo assim seu entendimento sobre o filme. Essa experiência é permeada pela sensibilidade e individualidade de quem a experimenta e pode, simultaneamente, transmitir informações ou suscitar novas reflexões a partir do que está sendo assistido. O realismo que se coloca aqui, por outro lado, refere-se à instância da verossimilhança do cinema, da sua sintaxe realista, do seu método, da sua forma e não do seu conteúdo. Esse realismo é outro fator capaz de manter o foco de atenção do espectador e atingi-lo fortemente.

Martin defende que o cinema, em sua rede de complexidades, pode externar sensações e pensamentos, quando diz: “[...] vemos claramente que o cinema dispõe de uma linguagem ao mesmo tempo sutil e complexa, capaz de transcrever com agilidade e precisão não só os acontecimentos e os comportamentos, mas também os sentimentos e as idéias” (MARTIN, 2007, p. 238). Para ele, o cinema:

[...] condenado a uma estética fenomenológica, obrigado a descrever de fora os efeitos objetivos dos comportamentos subjetivos, deve esforçar-se para sugerir com maior ou menor simbolismo os conteúdos mentais mais secretos e as atitudes psicológicas mais sutis. (MARTIN, 2007, p. 238)

O vídeo pode ser um dispositivo para a educação, uma atividade que nos faça ir além do que for preconcebido. É a ação e a vivência que transformam, e não apenas a conscientização e a reflexão. O exercício ou a atividade de assistir a um filme/vídeo, quando o foco de quem assiste está realmente direcionado a ele, remete o espectador a um estado de ânimo e de entrega, de espera e participação, de passividade e atenção, de empolgação e inércia, de observação e esperança, de curiosidade e atividade mental e emocional. Nesse momento, a percepção do mundo real adormece e pode-se sentir empatia com o personagem, compartilhando da alegria ou agonia presentes no filme e que, através da percepção do espectador, repercute nos mais variados sentimentos. Esse adormecer do mundo real permite que o espectador focalize o filme/vídeo, de modo que ele, o espectador, fique muito mais permeável e atento ao que acontece na tela, por isso:

[...] A imagem fílmica proporciona portanto, uma reprodução do real cujo realismo aparente é na verdade, dinamizado pela visão artística do diretor. A percepção do espectador torna-se aos poucos afetiva na medida em que o cinema lhe oferece uma imagem subjetiva, densa e

portanto passional da realidade: no cinema o público verte lágrimas diante de cenas que ao vivo, não o tocariam senão mediocramente. (MARTIN, 2007, p. 25)

As características ímpares do cinema aproximam-no mais do que nenhuma outra arte da realidade visual. Isso fortalece a relação de proximidade com o público, através de, entre outras coisas, a assimilação das cenas, que pode ser imediata ou se dar muito tempo depois. O cinema, mesmo com suas múltiplas possibilidades de corte, passagem de tempo e espaço e tantas outras singularidades, está de certa forma nu. Ele é o que se apresenta ali imediatamente. Por não ser “ao vivo”, o filme é um produto estático, e sua recepção está condicionada à edição feita previamente. Logo, todos os conteúdos mostrados por intermédio do cinema surgem como necessários, pois não podem ser alterados, o que alteraria a própria natureza do objeto apresentado. Um filme/vídeo é um artefato terminado, por isso, sua configuração condiciona as possibilidades de sentido subjetivas. A respeito dessa realidade, sustenta Martin (2007):

[...] como toda arte e por ser uma arte, sobre uma *escolha* e uma *ordenação*, o cinema dispõe de uma prodigiosa possibilidade de adensamento do real, que constitui, sem dúvida, sua força específica e o segredo da fascinação que exerce. (MARTIN, 2007, p. 25)

É essa fascinação citada pelo autor que traz à tona a estreita relação entre obra e espectador e, conseqüentemente, define o efeito múltiplo e até ideológico que pode provir da força dessa sensibilidade desperta.

Essas conceituações acerca do resultado de um real dramatizado explicam a força do cinema como um meio apresentador e representador na mesma medida que, mesmo passível de múltiplas significações, possui um caráter transparente e, apesar disso, ou até por causa disso, tão sensibilizador. Baseado em Eisenstein, e a respeito da “atitude estética”, Martin (2007) afirma: “A imagem *reproduz* o real, para em seguida, em segundo grau e eventualmente *afetar* nossos sentimentos, e por fim, em terceiro grau e sempre facultativamente, adquirir uma *significação* ideológica e moral” (MARTIN, 2007, p. 28).

Vanoye (2006) também concorda que o espectador é quem constrói a verdadeira significação que o filme terá na sua própria percepção, quando explica:

[...] De fato impressões, emoções e intuições nascem da relação do espectador com o filme. A origem de algumas delas podem, evidentemente, dizer mais do espectador que do filme (porque o espectador tende a projetar no filme suas próprias preocupações). O

filme, porém, permanece a base na qual suas projeções se apóiam. (VANOYE, 2006, p. 13)

Como conseguir que o cinema transcenda este momento? Este é o desafio daqueles que querem fazer do audiovisual uma expressão que vá além do seu instante enquanto objeto audiovisual. Como já mencionei, a partir de Guattari, acredito na força da experiência da ação, acredito que a transcendência da sensação a partir do filme dá-se para além da reflexão, chegando à instância do fazer. De Deleuze, em sua obra *A Imagem-Tempo*, também extraí indícios da capacidade que o filme tem de partir e de chegar a um pensamento e o quanto o movimento cíclico entre a imagem e o pensamento podem transmitir ideias e sensações que se perpetuam para além do momento de assistir o filme. O autor afirma: “Trata-de de algo poderoso demais, ou injusto demais, mas às vezes também belo demais, e que portanto excede nossas capacidades sensório-motoras. *Stromboli*: uma beleza grande demais para nós, como uma dor demasiado forte” (DELEUZE, 1990, p.29).

Em relação ao pensamento, Deleuze apresenta um fenômeno que o desperta no cinema, o choque. Esse choque referido pelo autor diz respeito à causa que uma essência artística da imagem efetua, tocando o pensamento a partir do sistema nervoso e cerebral, (DELEUZE, 1990, p.189). O que o homem é capaz de pensar pode não ser suficiente como pensamento, mas o filme o “obriga” a pensar, ele não deixa saída, o choque promove o pensamento:

É essa capacidade, essa potência e não a mera possibilidade lógica, que o cinema pretende nos dar comunicando-nos o choque. Tudo se passa como se o cinema nos dissesse: comigo, com a imagem-movimento, vocês não podem escapar do choque que desperta o pensador em vocês. Um autômato subjetivo e coletivo para um movimento automático: a arte das “massas”. (DELEUZE, 1990, p.190)

Relembro aqui o que relatei sobre minha própria percepção, ao assistir o *trailer* de “Terráqueos”, no subcapítulo em que estudei o artigo sobre animais domésticos de Brugger. O choque, em amplo sentido, é capaz de atravessar as barreiras mentais e emocionais, e levar-nos a sintomas inclusive físicos. Assim, o choque deixa marcas e nelas, implícitas ou explícitas, o conteúdo que pretendeu transmitir.

O autor esclarece, então, que a arte tem perfeita capacidade para causar nas pessoas o choque, e portanto o pensamento, mas infelizmente o cinema, dentro da

cultura de massas não explorou essa capacidade para o bem, ou seja, para promover um pensamento autônomo, crítico e criativo nas pessoas:

Todos sabem que se uma arte impusesse necessariamente o choque ou a vibração, o mundo teria mudado há muito tempo, e há muito tempo os homens pensariam. Por isto esta pretensão do cinema, pelo menos nos seus grande pioneiros hoje em dia faz sorrir. Eles acreditavam que o cinema seria capaz de impor tal choque, e de impô-lo às massas, ao povo. (DELEUZE, 1990, 190)

Para esse autor, a imagem cinematográfica deve ter um efeito que force “o pensamento a pensar tanto em si mesmo quanto no todo. É esta a definição precisa do sublime” (DELEUZE, 1990, p.192). Além disso, Deleuze afirma: “Porém há um segundo momento que vai do conceito ao afeto, ou que retorna do pensamento para a imagem. Trata-se de tornar a dar ao processo intelectual sua ‘plenitude emocional’ ou sua ‘paixão’” (DELEUZE, 1990, p. 192). A respeito de um circuito envolvendo autor, filme e espectador, o autor expressa que

O circuito completo compreende pois o choque sensorial que nos eleva das imagens ao pensamento consciente, e depois o pensamento por figuras que nos leva às imagens e torna a nos causar um choque afetivo. Fazer coexistir os dois, juntar o grau mais alto de consciência ao nível mais profundo de inconsciente: o autômato dialético. (DELEUZE, 1990, p.195)

Acredito que o choque referido, assim como o despertar do pensamento, possa transcender o momento do filme, de forma que a experiência sensorial seja forte o bastante para perpetuar-se, ou ao menos interagir com outros pensamentos e comportamentos ligados à vida real, na mente daquele que tem contato com a imagem-ação. Na passagem que cito a seguir, Deleuze relaciona imagem e conceito, dois termos que não estão separados no pensamento-ação que a imagem-tempo promove. A vocação do cinema seria, portanto, a capacidade de religação do homem com o mundo, ou do homem com a natureza a partir do pensamento-ação que o filme instiga.

Não mais da imagem ao conceito, e do conceito à imagem, mas identidade do conceito e da imagem: o conceito está em si na imagem, a imagem é para si no conceito. Não é mais o orgânico e o patético, mas o dramático, o pragmático, a práxis ou o pensamento-ação. Esse pensamento-ação designa *a relação do homem e do mundo*, do homem e da Natureza, a unidade sensório-motora, mas elevando-a a uma potência suprema [...] Isto parece ser uma verdadeira vocação do cinema. (grifo do autor) (DELEUZE, 1990, p.195)

Assim, o autor encontra as três relações do cinema e do pensamento, no cinema da imagem-movimento:

[...] *a relação com um todo que só pode ser pensado numa tomada de consciência superior, relação com um pensamento que pode ser só figurado no desenrolar subconsciente das imagens, relação sensório-motora entre o mundo e o homem, a Natureza e o pensamento.* (grifos do autor) (DELEUZE, 1990, p.197)

A partir da imagem audiovisual, estamos condicionados a vivenciar determinada situação através da arte, mas associada às experiências que os indivíduos têm na realidade. As imagens que vemos no terreno da ficção podem nos tocar profundamente, mais do que se as víssemos na vida real, porque o ato de assistir ao vídeo pede ou exige que saíamos do mundo real por um momento, e ocupa nossa atenção. Aliadas às características próprias do cinema, como a dramaticidade, a interpretação de atores e autores e trilha sonora, por exemplo, as imagens nos atingem com mais precisão do que seria possível sem o aparato audiovisual. A grande questão que tentei responder foi: como podemos carregar, fazer carregar, ou transmitir os sentimentos, conceitos e pensamentos para a vida real, após o término do filme, para a vida prática cotidiana e, portanto, para uma reflexão prática. Considero que os fatores empíricos na relação entre filme e sujeito, mais do que a reflexão imediata, mais do que a lágrima presa no olho, mais do que o sorriso involuntário no silêncio da ocasião, pode transcender o momento. É a paixão descrita por Deleuze, a indignação perante forte injustiça que podem estar carregados de um sentimento que ultrapasse os limites dos minutos de contato com a obra.

Acredito nas especificidades desse meio artístico e aproveito sua já explicada relevância para este trabalho, comprovada pela pequena interação com sujeitos que fiz durante a pesquisa. Como resultado da interação, registro que a atividade com os alunos consolidou-se em assistir ao vídeo e emitir uma opinião sobre ele. Contudo, antes disso, deveriam tentar sintetizar seu sentimento individual em uma só palavra. A atividade não foi gravada. Sem que eu desse nenhuma introdução ao assunto do vídeo, explicação ou título, as palavras dos alunos foram: *Abandono* (cinco alunos), *Tristeza*, *Falta de Afeto*, *Desigualdade*, *Irresponsabilidade*. De fato, o vídeo consiste em cenas de cães filhotes e adultos na cidade de Rio Grande e Pelotas, em determinada situação de abandono, acompanhadas da música “Duerme Negrito”, uma canção de ninar folclórica de origem colombiana em versão rearranjada, rearmonizada e interpretada por Micaela Vita e

Willy Gonzalez com forte dramaticidade musical devido ao tom menor e à tensão maior do que a original.

Na outra aula, após dizerem as palavras suscitadas pelo vídeo, eu e os alunos conversamos sobre o tema do vídeo e pude perceber o envolvimento e a sensibilidade deles em relação aos cães. Alguns depoimentos foram: “[...] porque abandonar em idade de amamentação não pode. Depois ele pode buscar comida,” dito pelo Aluno A; “As pessoas veem e não cuidam,” de acordo com Aluna B; “Deveria ter uma outra forma de lidar com o problema,” pronunciou o Aluno C. Através de conversas sobre o tema, a atividade apontou-me um despertar ou um fortalecimento das convicções éticas desses sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*...As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo  
prefeririam (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.*

*Carlos Drummond de Andrade*

A problemática do abandono de cães em Rio Grande, ou em qualquer outro lugar do mundo, pertence a uma lógica mais ampla, a do abandono e maus tratos de qualquer animal doméstico, presentes neste espaço-tempo, no meio social humano adaptado e modificado para intenções exclusivamente humanas. E essa questão, por sua vez, está ligada a uma problemática ainda mais ampla, o antropocentrismo vigente desde os primórdios da filosofia, que tem regido e naturalizado as ações humanas que possam prejudicar ou aniquilar a vida animal. A importância de concluir este trabalho, trazendo estas questões, é a de que esta dissertação não pode ser apenas um estudo ou apelo para que as pessoas tratem bem seus animais de estimação, ou para que se compadeçam mais da dor e da miséria dos cães de rua. É necessário que a profundidade do trabalho se estenda a uma reflexão e busque entendimento que leve em conta o modo com os animais têm sido vistos.

O cão de rua, tal como o vemos em situação de risco, é uma consequência deplorável do comportamento humano coletivo; mas isso não significa que outros cães, mantidos em casas e abrigos, estejam em melhor situação, ou usufruindo dos seus direitos de bem-estar, liberdade e saciez de suas necessidades mais básicas. Em contrapartida, há cães na rua adaptados a essa condição em que estão sobrevivendo, poder-se-ia dizer, com alguma “qualidade de vida”, por sorte ou outros meios, como o cão comunitário, e aqueles organizados em matilhas urbanas que, em grupo, buscam seu

alimento e sua proteção, o que de fato é a condição que mais se aproxima de sua natureza primitiva e instintiva.

É inevitável citar outros animais do nosso convívio social, domésticos ou silvestres, encontrados em enclausuramentos, maltratados ou explorados das mais diferentes formas. O cavalo, por exemplo, que também foi/é um animal domesticado e tradicionalmente tido como amigo do homem, tem servido, largamente, no meio urbano a puxar carroças e ser sacrificado para ser vendido como carne, quando não tem mais força para o trabalho. Essa é uma situação naturalizada, mesmo no Rio Grande do Sul, onde há uma tradição gaúcha que valoriza esse animal. Os gatos, por sua vez, apresentam problemas parecidos com o dos cães, porém, por não serem tão submissos não são vistos nas ruas com a mesma frequência com que vemos cães, nem aceitam, quando adultos, tão passivamente, condições deploráveis de vida.

A pesquisa focou o cão por ser este o animal mais adaptável, e mais próximo aos indivíduos e famílias humanas e, mesmo assim, encontramos muitas vezes a negação de seu bem-estar. Vale dizer também que, na cidade deste Estudo de Caso, nas cidades vizinhas a Rio Grande onde fiz fotografias, nas cidades cubanas que visitei, e em diversos outros lugares, vemos claramente cães bem tratados, amados por seres humanos, e tratados com respeito. Mesmo assim, a maioria deles usufrui dessa condição não simplesmente por ser um ser vivo, mas porque pertencem à vida daquele ser humano, ou seja, numa relação de propriedade e interdependência, inclusive afetiva.

Acredito que, a partir dos teóricos citados neste trabalho, como Singer, Brugger e Naconecy, o correto, ideologicamente, seria a não existência de animais domésticos, já que essa atividade foi, por excelência, antropocêntrica, ou seja, para suprir necessidades, interesses e caprichos humanos. Visto que a situação atual é alarmante em relação à cultura massificada, e a quantidade desses animais, a solução seria o planejamento e a ação ética para os animais que aí estão. O correto seria adotar cães abandonados e não comprar outros; o correto seria também castrar esses cães, já que o destino dos filhotes quase sempre é incerto.

Por outro lado, porém, se o animal doméstico deixar de existir, ou seja, se cada animal voltasse à sua forma de origem - a selvagem - independente dos nossos cuidados, e fosse respeitado nessa condição, a vida humana atravessaria uma grande mudança, sofrendo, acredito, por essa perda. Refiro-me, obviamente, àquelas pessoas que souberam e sabem promover um convívio equilibrado entre as espécies, que

beneficie ambas as partes, que seja saudável e promova respeito e carinho, que valha a pena, ainda que negando a “natureza” primitiva do animal.

Em relação ao que coloquei, tragicamente, sobre o cão jogado no lixo, do filme “Terráqueos”, preciso justificar por que tal cena me atingiu tão fortemente. É claro que estou influenciada pela proximidade que tenho com esta espécie, pela cultura geral que temos de ver o cão como um animal amado por muitas pessoas e que se comunica, muito facilmente, com os humanos. Confesso que, pessoalmente, não sentiria tamanha repulsa à cena, se o animal apresentado fosse um inseto, por exemplo. O que é um paradoxo cultural, já que ambos estariam vivos e mereceriam viver.

Aqui entra a complexidade na minha própria autoanálise: não posso negar meu percurso histórico e afetivo, nem meus preconceitos. De fato, o cão é, e continuará sendo, uma espécie especial para mim. A domesticação em si, esse tempo todo, não modificou só lobos e cães. Modificou também os seres humanos. Embora seja ideal, do ponto de vista ético, ainda é difícil imaginar a sociedade sem esses animais, e sem vários outros, com exceção, é claro, dos animais para abate, com quem os humanos não podem ter grande vínculo afetivo, já que a finalidade é sempre a morte, o lucro, e a alimentação. O que posso é, como tenho feito durante estes dois anos, reconsiderar meus valores éticos, estendendo-os, na prática, para cada vez mais seres, situações e também pessoas. Posso, na prática, seguir os preceitos de Guattari, vagarosamente, mas atentamente e, cada vez que o faço, sinto-me mais plena.

O resultado desta pesquisa é o que tento responder em relação ao problema composto apresentado na introdução: Como compreender a relação dos humanos com os cães, e como a Educação Ambiental pode contribuir para a construção da reflexão sobre o tema e a consequente mudança de postura dos humanos para com estes animais em seu convívio social?

Compreendo agora a relação dos humanos com os cães de forma complexa, ou seja, ao longo da história e com as singularidades que são pertinentes à humanidade, observaram-se os mais variados tratamentos e relacionamentos em que as duas espécies compartilharam companhia. O cão não está, e acredito que nunca esteve, posicionado de forma estática na sociedade e na consideração humanas. Desde a Renascença até agora, pelo que pode ser visto, o cão variou entre uma condição de miséria, chegando a ser abatido para alimentação, até ocupar posições de luxo, dentro da vida humana.

A surpresa histórica, para mim, é que não há surpresa. Não vejo mudança significativa na relação entre as duas espécies no decorrer de determinado tempo, já que depois do processo de domesticação e de criação das raças, alguns cães eram muito bem aceitos e outros muito hostilizados. Isso é exatamente o que acontece hoje. O problema, portanto, não é da modernidade, e nem é da antiguidade; também não é do capitalismo, nem do socialismo, assim como da pobreza. Tampouco pode ser encaixado como um problema religioso, já que, enquanto o cristianismo pregou o antropocentrismo, algumas religiões orientais elevavam o valor humano conforme a valorização do animal. O problema está nas conexões que o ser humano faz em relação às criaturas vivas no seu entorno. Está também na repetição de valores e comportamentos que desconsideram a vida animal da esfera ética. O cão abandonado é tão visível no nosso meio, porque o cão em si é uma espécie muito próxima ao humano. E, ao contrário dos animais silvestres, que se extinguem com a exploração e o descuido humanos, o cão se prolifera devido a esse descuido, o que não deveria fazer com que cada indivíduo fosse desprovido de ser dono de sua própria vida, e viver com qualidade. É inevitável perceber que, nessa crise que passamos, as pessoas envolvidas na luta ambiental preocupem-se muito, e com toda a razão, com os animais silvestres/selvagens como, por exemplo, os lobos-guarás, gatos-do-mato, veados-campeiros, no Rio Grande do Sul; tartarugas, araras, na América Latina; e baleias e pandas, em outros lugares do mundo. Além de outras várias espécies nativas, silvestres de todo o mundo que, de tão ameaçadas pela ação humana no ambiente, estão em risco de desaparecer. O que não se coloca como um problema ambiental, da mesma crise ambiental que estamos vivendo, é o descaso com os indivíduos vivos que, ao contrário desses recém citados, encontram-se em grande número. É o caso dos cães.

Por isto, a ecosofia de Guattari é tão relevante para o meu entendimento da crise. Não há como haver uma crise ambiental sem uma crise humana, uma crise social e, antes de tudo, uma crise mental. Além disso, a crise não é tão contemporânea como pode nos parecer. Ela é uma crise de pensamento, e não tem data de surgimento e nem previsão de final. Tudo o que podemos fazer, além de difundir novas e boas ideias, é partir para a ação que defendemos na prática cotidiana, com as pessoas que nos cercam e com as que estão longe, com os animais que conhecemos e com aqueles que sabemos serem afetados, indiretamente, por nossas escolhas. Falta sermos cada vez mais éticos

para que assim também possamos dar sentido não só à Outridade que nos rodeia, mas à nossa própria vida.

O papel da Educação Ambiental, neste caso, é fundamental e inquestionável. Tratei aqui de seres humanos e posturas que advêm de comportamentos, que advêm da educação. Ela pode, não só a partir da arte, como coloquei, mas em todos os seus âmbitos, promover a metamorfose necessária nos indivíduos e a partir deles. É esta Educação, primeiro, e não a punição, nem mesmo a dita conscientização, que levará aos humanos a clareza necessária para transcenderem os seus próprios processos históricos, as suas limitações intelectuais, psicológicas ou sensíveis. A educação, mais do que qualquer outro processo, é a única força transformadora dos seres humanos. E não vejo, nem nunca vi, dúvida em relação ao fato de que o envolvimento entre seres vivos (todos) e a capacidade ética de seus comportamentos é uma questão de Educação Ambiental.

Pode não ser a única, mas a Educação, a partir da experiência, do afeto, da sensibilização e do conhecimento, é detentora de uma grande potência de ação, que nos levará ao verdadeiro progresso, o de espírito, tanto do ponto de vista de Morin, espiritualmente, quando do ponto de vista da alma humana, para quem acreditar nela. E a Ética é a única forma de respeitarmos o Outro, a Natureza e nós mesmos. Através dela é que estaremos honrando nossa condição de seres humanos.

## REFERÊNCIAS

- ARCA BRASIL. *Associação Humanitária de Proteção e Bem Estar Animal*. Superpopulação e abandono. abril, 2010. Disponível em [http://www.arcabrasil.org.br/noticias/1004\\_superpopulacao.html](http://www.arcabrasil.org.br/noticias/1004_superpopulacao.html). Acesso em 20/02/2013.
- AUMONT, Jacques. *A Estética do Filme*. Campinas: Papirus, 2006.
- BRUGGER, Paula. *Amigo Animal*. Florianópolis: Letras Contemporâneas Oficina Editorial Ltda, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental: Alternativa ou Eufemismo?* Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <[www.journal.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/9155/10697](http://www.journal.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/9155/10697)>. Acesso em: 17 de março de 2012.
- \_\_\_\_\_. *Educação ou Adestramento Ambiental?* Florianópolis: Livraria e Editora Obra Jurídica Ltda, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Vidas Descartáveis; nossos animais de estimação*. ANDA, coluna Tao do Bicho, 2009. Disponível em <http://www.anda.jor.br/13/07/2009/vidas-descartaveis-nossos-%E2%80%9CAnimais-de-estimacao%E2%80%9D>. Acesso em 20/02/2013.
- CARRIÈRE, Jean Claude. *A Linguagem Secreta do Cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- CHELLINI, Edoardo Mayer. IN: RIZZOLI, Andréa. *Encicopédia Canina*, vol.2. Argentina: Editora Rizzoli, 1973.
- DELEUZE, Gilles. *A Imagem-Tempo*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- FOGLE, Bruce.. *Cães*, Guia Ilustrado Zahar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2009.
- FOLHA DE SÃO PAULO. EUA Enfrentam Bomba Demográfica, novembro, 2003. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3011200306.htm>. Acesso em 26/05/2013.
- GORDILHO, Heron José de Santana. *Direito Ambiental Pós Moderno*. Curitiba: Juruá, 2009.
- GRÜN, Mauro. *Em busca da dimensão ética da educação ambiental*. Campinas: Papirus, 2007.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.
- LA BELLE VERTE. Coline Serreau. França. 1996. 99 min.
- MACHADO, Virginia. *Mandala Reflexiva para a configuração do pensamento sistêmico e da resolução de problemas socioambientais*. Tese de Doutorado em Educação Ambiental. Rio Grande: PPGA/FURG, 2009.
- MARTIN, Marcel. *A Linguagem Cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NACONECY, Carlos Michelin. *Ética e Animais: um guia de argumentação filosófica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

OLSENIUS, Richard; IN: PHILLIPS Angus. Nós e os Cães. *National Geographic Society*. Edição: 43 A. NatGeo Brasil Editora Abril, 2003.

REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2009.

RIZZOLI, Andréa. (Org.) *Enciclopédia Canina*, vol. 1. Argentina: Editora Rizzoli, 1973.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SINGER, Peter, *Ética Prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VANOYE, Francis e GOLIÓT-LETÉ, Anne. *Ensaio Sobre Análise Fílmica*. Campinas: Papyrus, 1944.

YIN, Robert K. *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2010.

### **Outras consultas**

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/ thesaurus*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/>. Acesso em 22/02/2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEMPRE AO SEU LADO. Lasse Hallström. 2009. 93 min. (Refilmagem do original japonês Hachikô Monogatari)

RATLIFF, Evan. *National Geographic Brasil*. São Paulo; ISSN: 15177211, p. 36-61, mar. 2011.

RILLO, Synara. *Cães, Donos e Dores Humanas*. Porto Alegre: Martins Livreiro – Editor, 2006.

STALL, Sam. *100 Cães que Mudaram a Civilização: os cães mais influentes da História*. São Paulo: Prumo, 2009.

TOMANIO, John. *National Geographic Brasil*. São Paulo; ISSN: 997-151772100-9, p.48-63, mar. 2012.

## ANEXOS

### Anexo A:



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assinie ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Animais em Situação de Risco: O papel da Educação Ambiental para a qualidade de vida dos animais domésticos urbanos  
Pesquisador Responsável: Karine Ferreira Sanchez  
Telefone para contato do pesquisador(a): (53) 91469309

#### JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa que foca no abandono dos cães nesta cidade é procurar meios de compreender por que o humano tem cometido o descaso com esses animais, além de procurar estratégias práticas, para que o problema seja amenizado. A pesquisa se justifica na observação das condições impróprias a que esses animais estão submetidos na nossa sociedade, lembrando que dividem este espaço-tempo com os humanos por conta da domesticação, que é uma ação antrópica. Também pretende-se entender, mais profundamente os fatores humanos, dentro da complexidade da modernidade, que levam os homens a naturalizarem as práticas que levam a este problema. O objetivo desse projeto é encontrar maneiras, junto aos participantes, de modificar esta situação na cidade de Rio Grande, através da sensibilização sobre o tema. O(s) procedimento(s) de coleta de dados será/serão da seguinte forma: entrevistas a partir de roteiro previamente formulado, porém aberto a questões emergentes no momento da entrevista. Pretende-se que as entrevistas sejam filmadas para que haja o registro audiovisual do processo. Cada participante/colaborador será requisitado duas vezes durante a pesquisa. A primeira para ajudar a compor o panorama atual, dando informações sobre suas práticas e sobre a situação geral da cidade. E uma possível segunda vez para estreitar o contato com esses sujeitos, dividindo com eles novas informações e averiguando o processo contínuo dos animais na rua. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

#### DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)

##### PARTICIPANTE:

Eu, Vanilda Moraes Pinto, abaixo assinado, concordo em participar do estudo Animais em Situação de Risco.... Fui informado(a) pelo(a) pesquisador(a) Karine Ferreira Sanchez dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo ( ) Não autorizo ( ) a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.  
Local e data: Rio Grande, RS 05/01/12.  
Nome: Vanilda Moraes Pinto

Assinatura do sujeito ou responsável: Vanilda Moraes Pinto  
Assinatura do(a) pesquisador(a): Karine Ferreira Sanchez

## Anexo B:



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assiné ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Animais em Situação de Risco: O papel da Educação Ambiental para a qualidade de vida dos animais domésticos urbanos

Pesquisador Responsável: Karine Ferreira Sanchez

Telefone para contato do pesquisador(a): (53) 91469309

#### JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa que foca no abandono dos cães nesta cidade é procurar meios de compreender por que o humano tem cometido o descaso com esses animais, além de procurar estratégias práticas, para que o problema seja amenizado. A pesquisa se justifica na observação das condições impróprias a que esses animais estão submetidos na nossa sociedade, lembrando que dividem este espaço-tempo com os humanos por conta da domesticação, que é uma ação antrópica. Também pretende-se entender, mais profundamente os fatores humanos, dentro da complexidade da modernidade, que levam os homens a naturalizarem as práticas que levam a este problema. O objetivo desse projeto é encontrar maneiras, junto aos participantes, de modificar esta situação na cidade de Rio Grande, através da sensibilização sobre o tema. O(s) procedimento(s) de coleta de dados será/serão da seguinte forma: entrevistas a partir de roteiro previamente formulado, porém aberto a questões emergentes no momento da entrevista. Pretende-se que as entrevistas sejam filmadas para que haja o registro audiovisual do processo. Cada participante/colaborador será requisitado duas vezes durante a pesquisa. A primeira para ajudar a compor o panorama atual, dando informações sobre suas práticas e sobre a situação geral da cidade. E uma possível segunda vez para estreitar o contato com esses sujeitos, dividindo com eles novas informações e averiguando o processo contínuo dos animais na rua. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

#### DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE:

Eu, Milene Baldez, abaixo assinado, concordo em participar do estudo Animais em Situação de Risco.... Fui informado(a) pelo(a) pesquisador(a) Karine Sanchez

dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo ( ) Não autorizo ( ) a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: Rio Grande RS 06/9/11.

Nome: Milene Baldez

Assinatura do sujeito ou responsável: Milene de Melo Baldez

Assinatura do(a) pesquisador(a): Karine Ferreira Sanchez

Anexo C:



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assinie ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

**INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:**

Título do Projeto: Animais em Situação de Risco: O papel da Educação Ambiental para a qualidade de vida dos animais domésticos urbanos  
Pesquisador Responsável: Karine Ferreira Sanchez  
Telefone para contato do pesquisador(a): (53) 91469309

**JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:**

O motivo que nos leva a estudar o problema/questão da pesquisa que foca no abandono dos cães nesta cidade é procurar meios de compreender por que o humano tem cometido o descaso com esses animais, além de procurar estratégias práticas, para que o problema seja amenizado. A pesquisa se justifica na observação das condições impróprias a que esses animais estão submetidos na nossa sociedade, lembrando que dividem este espaço-tempo com os humanos por conta da domesticação, que é uma ação antrópica. Também pretende-se entender, mais profundamente os fatores humanos, dentro da complexidade da modernidade, que levam os homens a naturalizarem as práticas que levam a este problema. O objetivo desse projeto é encontrar maneiras, junto aos participantes, de modificar esta situação na cidade de Rio Grande, através da sensibilização sobre o tema. O(s) procedimento(s) de coleta de dados será/serão da seguinte forma: entrevistas a partir de roteiro previamente formulado, porém aberto a questões emergentes no momento da entrevista. Pretende-se que as entrevistas sejam filmadas para que haja o registro audiovisual do processo. Cada participante/colaborador será requisitado duas vezes durante a pesquisa. A primeira para ajudar a compor o panorama atual, dando informações sobre suas práticas e sobre a situação geral da cidade. E uma possível segunda vez para estreitar o contato com esses sujeitos, dividindo com eles novas informações e averiguando o processo contínuo dos animais na rua. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)**

**PARTICIPANTE:**

Eu, Alfonso Duarte Indenmeyer, abaixo assinado, concordo em participar do estudo Animais em Situação de Risco. Fui informado(a) pelo(a) pesquisador(a) Karine Sanchez dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo  Não autorizo ( ) a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.  
Local e data: Rio Grande 19/02/2013  
Nome: Alfonso Duarte Indenmeyer  
Assinatura do sujeito ou responsável: Alfonso Duarte Indenmeyer  
Assinatura do(a) pesquisador(a): Karine Ferreira Sanchez

## APÊNDICES

### APÊNDICE 1

#### Interações Ético-Estéticas paralelas à pesquisa

##### Laços de Domínio Laços de Amor

Instalação componente da Mostra Coletiva Livros Verdes, presente no III EDEA, em maio de 2011, no CIDEF FURG.

A Instalação bem como o livro que a acompanha visa a dialogar com as opiniões acerca do tema da domesticação, da ética, da sensibilidade e do respeito com os animais.





## APÊNDICE 2

### Interações Ético-Estéticas paralelas à pesquisa

#### Mostra Fotográfica Luz Homem Cão

Exposição de Fotografias realizada no evento I Seminário A Educação Ambiental e os animais: uma conexão inquestionável, realizado no V Cpeasul e IV Edea, entre 26 e 28 de setembro de 2012 no CIDEC/SUL – FURG.









